



ANTÓNIO ARNAUT

RECOLHA POÉTICA
(1954-2017)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Antologia de 12 livros (8 de poesia, 3 de poesia e prosa e um inédito). O traço mais definidor da escrita de Arnaut, segundo Maria Lúcia Lepecki, “é o sentimento cósmico, sentimento de uma totalidade última e abrangente (...), onde tudo se liga por íntimas conexões, como se o princípio primeiro da vida (e da morte) fosse, e efectivamente é, o dos vasos comunicantes (...). Esta é uma poesia tão lúcida quanto emocionada, que brota do mais fundo do ser, do lugar onde cada pessoa aprende a ser ela mesma para poder ser no outro e com o outro”.

Para Delfim Leão, vislumbra-se “sempre, em pano de fundo, a eterna sedução de quem encontra na poesia uma forma ideal de criação artística. O papel fecundante do logos, ordenador do caos estéril, aparece muitas vezes combinado com o telurismo orgânico e estrutural do autor”.

Para José Carlos Seabra Pereira, “a dicção de António Arnaut (...) tende pendularmente para a dominante moderna da forma breve, contida, inovadora e trabalhada, num quadro global de sístole e diástole entre pendor de derrame eloquente e de condensação aforismática”.

Com 30 títulos publicados (poesia, ficção e ensaio), A. Arnaut assume-se como escritor civicamente comprometido, que considera a literatura como “a expressão da sua própria humanidade e da Humanidade toda”.

(Página deixada propositadamente em branco)

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO GRÁFICA

Imprensa da Universidade de Coimbra

INFOGRAFIA DA CAPA

Mickael Silva

IMAGEM DA CAPA

Quadro original de Mário Silva

INFOGRAFIA

António Resende

EXECUÇÃO GRÁFICA

www.artipol.net

ISBN

978-989-26-1313-0

ISBN DIGITAL

978-989-26-1314-7

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1314-7>

DEPÓSITO LEGAL

427342/17

O autor autorizou a aplicação do novo acordo ortográfico.

© JUNHO 2017, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ANTÓNIO ARNAUT

RECOLHA POÉTICA
(1954-2017)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

OBRAS DO AUTOR

Poesia

- Versos da Mocidade*, 1954 (esgotado).
Pátria, Memória Antiga, 1986, 2.^a ed. 1992 (esgotado).
Miniaturais | Outros Sinais, 1987 (esgotado).
Canto de Job (Homenagem a Miguel Torga), 1996 (esgotado).
Nobre Arquitectura, 1997, 3.^a ed. 2003 (esgotado).
Por Este Caminho, 2000, Coimbra Editora.
Do Litoral do Teu Corpo – Antologia do Amor, 2003 (esgotado).
Recolha Poética (1954-2004), 2004, Coimbra Editora.
Alfabeto Íntimo e Outros Poemas, 2013, Coimbra Editora.
Era um rio e chorava - 80 Poemas para 80 Anos, 2016, Coimbra Editora.

Ficção

- Rude Tempo, Rude Gente*, 1985, 2.^a ed. 1995 (esgotado).
A Viagem, Contos do Absurdo, 1988 (esgotado).
Ossos do Ofício, 1990, 2.^a ed. 2002, Coimbra Editora.
A Seiva da Raiz – Colectânea de contos, 2002, ed. da C. M. Penela.
Rio de Sombras, romance, 2007, Coimbra Editora.
Contos Escolhidos, 2011, Coimbra Editora.

Poesia e Prosa

- O Pássaro Azul – Contos e Poemas de Natal*, 1998, 2.^a ed. 2001, Coimbra Editora.
As Noites Afluentes, 2001, Coimbra Editora.
Iluminuras – Adágios, Incisões e Reflexões, 2013, Coimbra Editora.
Cavalos de Vento, Coimbra, 2014 (Fora do mercado).

Ensaio | Diversos

- Serviço Nacional de Saúde – Uma Aposto no Futuro*, 1978 (esgotado).
Estudos Torquianos, 1992, 2.^a ed. 1997, Coimbra Editora.
Iniciação à Advocacia, 1993, 11.^a ed. 2011, Coimbra Editora.
Introdução à Maçonaria, 1996, 7.^a ed. 2012, Coimbra Editora.
Entre o Esquadro e o Compasso (Três Intervenções), 1999 (esgotado).
Ética e Direito, 1999 (esgotado).
Vencer a Morte (Conferência), 2001, Coimbra Editora.
Miguel Torga, Mestre de Língua e da Portugalidade (Conferência), 2002.
Estatuto da Ordem dos Advogados (Anotado), 14.^a ed. 2012, Coimbra Editora.
Serviço Nacional de Saúde / 30 Anos de Resistência, 1.^a e 2.^a ed., 2009, Coimbra Editora.
Rosto e Memória – Exercícios de Cidadania, 2011, Coimbra Editora.
O Étimo Perdido – o SNS, o Estado Social e outras intervenções, 2012, Coimbra Editora.
A Mesma Causa, 2015, Coimbra Editora.

Algumas obras coletivas

- Imaginários Portugueses – contos* (Antologia de Autores Portugueses Contemporâneos),
Fora do Texto, Coimbra, 1992.
Cântico em Honra de Miguel Torga, Fora do Texto, 1996.
Na Liberdade – Antologia Poética, 30 Anos, 25 de Abril, Garça Editores.
Colectânea de Poesia, Pé de Página, Coimbra, 2001.
Encantada Coimbra – Colectânea de Poesia sobre Coimbra, D. Quixote, 2003.
Choque e Pavor (25 Poemas contra a guerra no Iraque), Editora Ausência, 2003.

A PALAVRA CERTA

*Eu mesmo vim, como arauto, da adorável Salamina,
e compus um canto, sortilégio de palavras, em lugar de um discurso.
(Sólon, fr. 1 West)*

Os versos que servem de epígrafe a esta breve nota preambular foram compostos por Sólon, o mais famoso legislador grego e por isso mesmo considerado, desde a Antiguidade, um dos Sete Sábios. Viveu num período particularmente conturbado da Grécia, na viragem do séc. VII para o séc. VI a.C., num momento em que a Ática enfrentava um penoso problema de endividamento generalizado que lançara na servidão muitos dos seus habitantes, obrigando-os mesmo a abandonarem o solo pátrio, na condição de escravos, quando a falência de todos os bens os compelia a entregar a própria liberdade como forma derradeira e extrema de compensar as exigências dos credores. É neste contexto de forte tensão política e social que Sólon se irá afirmar como estadista de referência, mas também como o primeiro poeta da fúlgida Atenas, que tantas figuras ilustres de pensadores e artistas daria ao mundo, alimentando, com luz perene, o ‘fogo grego’ que desde então nos inspira e aquece nos dias frios da escuridão e da angústia. É também singularmente notável que, nesta composição inaugural, Sólon afirme o poder da palavra entoada (*epos*), disposta na ordem certa (*kosmos*) e por isso mesmo capaz de produzir um efeito agradável, mas que não se esgota em si mesmo, pois o objetivo é intervir com ela no espaço público (*agora*), cumprindo, com eficácia redobrada, o efeito persuasivo que se poderia esperar de um discurso. O estadista dedicou-se, de facto, com todo o empenho, à sua cidade, mas quando, terminado o mandato que

lhe enquadrava os poderes especiais que tivera naquele momento de crise, alguns sugeriram que se demorasse no poder, acenando-lhe com um governo autocrático, Sólon teve a grandeza de se afastar do governo e mesmo da sua cidade, embarcando numa longa viagem de dez anos, para aprofundar conhecimentos, mas sobretudo — sugerem os testemunhos antigos — para que a sua obra legislativa pudesse afirmar-se e produzir frutos, confiando na ‘justiça do tempo’.

Um leitor assíduo ou até somente ocasional de António Arnaut sentirá, por certo, o impulso de reconhecer na sua poesia um universo de valores semelhante ao que marcou a produção literária do grande legislador ateniense. Mesmo que o mote para esta nota preambular seja o convite à leitura da *Recolha Poética* e não tanto a sua análise, justifica-se evocar, ainda que a título meramente ilustrativo, o poema “Viagem”, em cuja abertura são citados dois versos de Natália Correia: “Para que no alarme dos sinos / um pouco de Grécia repique”. Com efeito, aquela composição sintetiza, de forma muito clara, algumas das marcas mais características do universo poético recriado pelo autor. Antes de mais, a consciência de que o “pensamento alado ocidental” resulta da confluência de múltiplos influxos civilizacionais, onde a antiguidade clássica (representada por Roma e Atenas) ocupa um lugar de destaque, bem como outros espaços que dialogam naturalmente com esta mesma cultura matriz, como sucede com o Egito, a antiga Babilónia e Jerusalém. Depois, a afirmação discreta de que esses espaços formam igualmente o berço de um universo de valores fundacionais que dão corpo a um ideário de inspiração maçónica que o autor publicamente assume e que desponta em alusões esparsas a referentes como a “cripta da pirâmide de Keops” ou as “ruínas vivas do Templo de Salomão”. Por último, as marcas de uma poesia civicamente empenhada, que lança um grito de protesto perante o avanço aparentemente inelutável da força destruidora que aniquila os baluartes simbólicos de valores genuínos (“mataram Aquiles”), para em lugar deles acoitar interesses mesquinhos (“e o monte Parnaso / é agora um valhacouto de banqueiros”) — numa alusão clara à crise financeira que tem castigado a Europa, em particular os países que foram berço das grandes civilizações que moldaram a identidade ocidental.

Com efeito, António Arnaut, além de ser poeta, é também um estadista bem conhecido, que lançou as bases do Serviço Nacional de Saúde, assim se inscrevendo numa galeria notável de homens de ação, cujo perfil se pode fazer recuar ao famoso paradigma do ateniense Sólon, atrás evocado. De resto, com ele partilha um tipo de expressão literária profundamente marcada pelo empenho nas causas da comunidade, fazendo do seu autor um ‘animal político’ no verdadeiro sentido que a expressão assume em Aristóteles (*Política*, 1253a), quando sustenta que “por natureza (*physis*) o homem é um animal político (*politikon zoon*)”. Ou para dizer de outra forma, que o ser humano se realiza em toda a plenitude através da identificação com a vida numa comunidade, com as suas leis, prioridades e preocupações sociais. De facto, a obra de António Arnaut é marcada por um profundo sentimento de confiança na capacidade psicagógica da arte poética, ou seja na sua aptidão para ser ‘condutora de almas’, função essa que se traduz, não raras vezes, num atento empenho social, que reforça o papel do poeta enquanto intérprete e guia do seu tempo, e ainda enquanto agente ativo de progresso.

Que António Arnaut, Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Coimbra, tenha confiado à sua secular Imprensa a publicação da parte mais significativa da obra publicada constitui uma inegável distinção institucional, mas também uma grande responsabilidade cultural que não pode deixar de ser sublinhada e assumida. A opção tomada pelo autor não foi simplesmente a de republicar as cerca de quatro dezenas de livros que entretanto deu a lume e que constituem, por si só, uma reveladora expressão da sua atividade e empenho cívicos. O processo de seleção e reorganização das obras, sendo embora acompanhado por uma experiência difícil de certa dilaceração interior, permitiu a António Arnaut apresentar aos seus leitores, de forma articulada e *semper vivens*, um conjunto simbólico de sete volumes, que em si congregam a parte mais marcante da produção do autor: os textos literários (poesia, romance, conto), os textos de intervenção cívica, as reflexões sobre o Serviço Nacional de Saúde, o referente maçónico.

A circunstância, não inteiramente fortuita, de os dois volumes de abertura serem a *Recolha Poética* e a *Introdução à Maçonaria* confirma

a natureza programática de um dos temas mais caros a António Arnaut: a ‘palavra’. Seja *epos*, *logos*, *verbum*, senha, a ‘palavra’ é a medida certa, proferida no momento certo, sempre viva e eternamente capaz de afirmar a força das grandes causas. É essa mesma ‘palavra’ que agora se renova e se dispõe, generosa, ao processo iniciático da leitura.

Delfim Leão

Diretor da Imprensa da Universidade de Coimbra

fevereiro de 2017

RECOLHA POÉTICA

I

(1954-2004)

(Página deixada propositadamente em branco)

SOBRE A POESIA DE ANTÓNIO ARNAUT:
APROXIMAÇÕES

*«Adverso é o verso que não rima
Com o fogo da emoção que o amotina»
António Arnaut*

*«Ler é perigoso.»
(glosa a Guimarães Rosa)*

Procurarei aqui descrever, e de certa forma interpretar, o trabalho poético que António Arnaut ao longo de cinco décadas foi realizando, para agora reunir num único volume. De alguma forma tenho de começar, faço-o evocando Victor Hugo quando diz «a poesia é quase só sentimento», ideia que complementa: «a verdadeira poesia reside na harmonia dos contrários». «Quase apenas sentimento» e «harmonia dos contrários» me conduzirão, espero, numa leitura da obra reunida nesta Recolha Poética.

O traço que me aparece como o mais definidor da escrita de Arnaut é o sentimento cósmico, sentimento de uma totalidade última e abrangente, na qual todas as coisas nascem, vivem e desaparecem (para reviver em outras formas), e onde tudo se liga por íntimas conexões, como se o princípio primeiro da vida (e da morte) fosse, e efetivamente é, o dos vasos comunicantes. Nada se desliga de nada, tudo se reflete e se completa em tudo, de tal maneira assim sendo que a mais pequena manifestação do que quer que seja traz em si a própria transcendência: é, necessariamente, a manifestação de todos os outros que no cosmos existem. A totalidade cósmica é o horizonte último dentro do qual o António Arnaut pensa, diz

e, sobretudo sente: esta é uma poesia tão lúcida quanto emocionada, que brota do mais fundo do ser, do lugar onde cada pessoa aprende a ser ela mesma para poder ser no outro e com o outro.

Assim sendo, ou assim me parecendo ser a poesia que agora me ocupa, tenho de pensar que os fios de palavras que neste livro encontrei tecem, necessariamente, uma autobiografia e um autorretrato — um e outro espirituais. A tônica do sentimento (desde o primordial, cósmico, a todos os outros sentimentos que vão nascendo nos muitos diálogos que a poesia suscita para poder ser) não afasta, antes exige, uma outra tônica, a da reflexão: este o corpo que habita, em António Arnaut, o lugar que Victor Hugo constituiu quando referiu «quase».

Do que acabo de dizer resultará, porventura, uma primeira proposta de interpretação: toda a poesia da Recolha Poética é um diálogo sistemático entre sentir e pensar, traço que seria pessoano, se não estivesse presente, desde os primórdios da literatura, nos grandes líricos. Porque, na verdade, da poesia se pode dizer, tal como do romance disse Barbara Hardy, que «conforma paixões e sentimentos ao mesmo tempo que conforma ideias e argumentos». Para o bom equilíbrio do modelo discursivo e comunicacional lírico, pedir-se-á a «ideias e argumentos» que mantenham certa discrição: a poesia tem de falar primeiro aos afetos, só com a ajuda destes achegando-se à razão.

Em António Arnaut, e desde o seu primeiro livro, o sentimento cósmico se manifesta, e insistentemente se reitera, desde logo, no tema de uma totalidade que chamaríamos «absoluta», um estranho espaço entre o finito (porque cosmos, e portanto circunscrito) e o infinito (porque cosmos, e portanto sempre criador de mais de si mesmo). Dentro deste espaço, cujos limites últimos o poeta perscruta — e são muitas as imagens de horizontes —, há ligações, ora mais nítidas, ora mais difusas, entre todas as coisas, todos os seres, todos os eventos naturais ou culturais. Não se trata de ligação em cadeia, mas de interpenetração, de uma fusão que a nada anula nem poderia anular: cada ser ou coisa, cada árvore ou pássaro, cada estrada ou acontecimento só é ela mesma porque é no outro, por causa do outro, podendo ser, inclusivamente, o outro sempre, contudo, continuando a ser ele mesmo.

O «ser outro sendo também o mesmo», sinal por excelência da coesão e da unidade cósmica, expressa-se verbalmente por um recurso retórico que, sendo típico de toda a poesia, tem implicações de fundo na construção da dimensão

filosófica da escrita de António Arnaut. Esse recurso retórico é a metáfora, aquela situação discursiva onde dizemos que uma coisa é outra, sem entretanto, perdermos a noção de que as duas entidades fundidas na proposta metafórica, continuam, também, a ter existência própria. Um paradoxo semântico, sem dúvida, a propósito do qual é possível parafrasear Stephen Hawking — e a metáfora será aquele espaço-tempo mínimo de discurso, onde o cone de sentido que sai de «este» encontra o cone de sentido que provém de «aquele». No momento do encontro, a palavra metafórica explode, torna-se fonte de luz. O paradoxo natural da metáfora — o jacto de um ser outro e cada um continuar a ser ele mesmo —, sustentando qualquer dizer poético, é o obrigatório ponto de apoio para alargar horizontes de indagação, para descobrir novos modos de pensar. A metáfora (cujo «ventre» é permitido ao poeta «rasgar»⁽¹⁾) é, em si mesma, a semente⁽²⁾ de toda reflexão: e as numerosíssimas incidências metafóricas dessa poesia são outros tantos garantes do seu vetor reflexivo.

Comandada, antes de mais, pelo sentimento da totalidade cósmica, não admira que a poesia de António Arnaut privilegie as metáforas chamadas «cosmificantes», aquelas onde o humano (individual ou colectivo) é dito por referência a uma realidade natural. O princípio (a todos os títulos filosófico) onde se irá buscar a necessidade de fundir pessoa e cosmos põe-se lapidarmente em: «o milagre da vida não é vivê-la/ mas sentir em cada veia, em cada célula,/ o palpitar da seiva, o apelo da raiz»⁽³⁾. A partir disto, todo o humano pode ser natureza. À amada se dirá, então: «sei apenas que és o campo onde germina/ a semente da minha paz o tempo dos meus braços/ colhendo os frutos do teu corpo aberto»⁽⁴⁾. A metáfora cosmificante permite também dizer o que é o poema: «A angústia dos dias é o poema da noite. Quando o silêncio enfuna as velas da imaginação e a escuridade ilumina os desfiladeiros da memória, a palavra amanhece como o sol nas espigas»⁽⁵⁾. Dito isto, abrem-se as portas para a cosmificação do próprio poeta, o que vemos no belíssimo poema «Todos os rios»: «Todos os rios correm dentro de nós. A água é o nosso corpo e a nossa sede. [...] Eu sou um rio oculto nas dobras da noite»...

¹ «Metáfora».

² A semente é metáfora recorrente em toda a escrita do Autor.

³ «Aurora».

⁴ «Esta voz que te chama».

⁵ «A angústia dos dias».

Por sua própria natureza, porque une os diferentes quando fulgura no encontro dos cones de sentido, a metáfora liga-se ao entendimento sagrado do mundo. Sabe isso a poesia de António Arnaut: sabendo-o, também o sinaliza em metáforas cósmicas de conteúdo hierogâmico: «Que asa espreita nos olhos/ a volúpia do céu incandescente/ quando a lua desposa o Minotauro? [...] Que orgasmo percorre os raios/ do Sol levedado sobre o mar/ quando a luz desvenda o labirinto?»⁽⁶⁾. Algumas vezes, a hierogamia vem apenas anunciada na carga erótica dos sagrados elementos cósmicos: «A manhã abre-se com suas asas de luz/ sobre a terra expectante./ O sol acorda a indolência dos rios/ onde repousam, voláteis, todas as luas»⁽⁷⁾.

Diversidade e íntima conexão dos elementos do cosmos refletem-se em outros aspetos do discurso poético de António Arnaut. Um deles, importante porque documenta a versatilidade da voz, é a variação dos tipos de discurso. A maioria dos textos da Recolha Poética está na forma que aprendemos a reconhecer como sendo a da poesia: em estrofes, com versos dotados de rima (toante ou consoante). De ritmo, algumas vezes, mesmo, de marcada cadência. Mas nem sempre assim é, pois este Poeta sabe que a voz tem de adaptar-se às diferenças cósmicas e veiculá-las em também diferenciadas formulações discursivas. Assim, num poema em versos pode variar a organização estrófica, como se vê, por exemplo, em «Não tenho avesso» ou, de forma mais significativa, por causa das implicações teórico-reflexivas do título (e do texto), em «A construção do poema», onde convivem estrofes de variado número de versos, e onde, também — e reforçando a evidenciação da versatilidade — a rima tanto pode jogar entre toante e consoante como pode estar ausente.

Poemas há de puro acento lírico (e aí a poesia será, mesmo «apenas sentimento?»), enquanto em outros, não poucos, o lírico, o narrativo e o descritivo se fundem e mutuamente se complementam. Quando ocorre o narrativo, configuram-se tempos, processos, percursos. No descritivo, concretizam-se lugares, figuram-se espaços, como faria o pintor que António Arnaut confessa, algures, querer ser... O poema «Praia» é belo exemplo de fusão do lírico (entendido como a visceral voz, o grito, do eu) com o narrativo-descritivo, que se encarrega de propiciar base concreta quanto baste para espoletar uma reflexão que, sendo nitidamente política, ultrapassa o espaço restrito do eu consigo: «Estou aqui sentado à beira da manhã/ olhando tranquilamente esta

⁶ «A construção do poema».

⁷ «Aurora».

orla da praia/ onde Agosto descansa como todos os anos/ neste tempo de mãos cruzadas sobre o ócio./ Sinto-me livre, alodial, mas de repente/ penso que esta manhã não é igual para todos/ apesar de todos serem iguais perante a lei./ [...] Este homem por exemplo, de pele curtida pelo sol/ que nunca gozou férias nem conhece o sentido da palavra/ afadiga-se a limpar o lixo derramado/ por hordas sucessivas de veraneantes intrusos [...]. Enquanto isto, no poema «Falo do vento», descrever o mundo natural é retratar a amada (e temos, de volta, a metáfora cósmica) e inscrever o amante enquanto sujeito de palavra: «Falo do vento/ porque o mar ondula/ na larga emoção dos teus cabelos.// Falo do mar/ porque um barco navega/ na verde distância dos teus olhos.// Falo de ti/ porque a memória do tempo/ se recusa a ser apenas de palavras.// E se palavras digo é porque sei/ que outras flores não tenho para calar/ o silêncio agrilhado dos meus versos.»⁸ Algumas vezes, a descrição, na forma chamada, em retórica, hipotipose, cria uma cena, pela atribuição de movimento aos corpos (formas do mundo) nomeados / enumerados. Vocacionada, como poucos recursos retóricos, para mobilizar a imaginação e dar efeito quase alucinado de visualização direta, a hipotipose obriga o leitor à inteira partilha do espaço que o Poeta lhe mostra. Vemos isto em «A tarde desfolha o sol», onde a hipotipose constitui, primeiro, uma cena natural, depois uma cena humana: «A tarde desfolha o sol até à última pétala de luz. [...] O último pássaro recolhe ao ninho no alto das ramadas. O último réptil desliza suavemente sob as folhas caídas. As fontes modulam o seu canto. [...] Num bairro pobre de uma qualquer cidade, um punhal brilha na sombra. Uma criança é raptada, uma mulher cai sobre a calçada Um tropel de passos abre caminho ao uivar de uma ambulância. Só o homem viola a casta pureza da noite».

Não apenas nas variações até aqui apontadas representa e glosa António Arnaut o tema da infinita variedade do cosmos, de qualquer cosmos: fá-lo, também, diversificando os modelos especificamente líricos que revisita. Da lírica de tradição popular encontramos, em Recolha Poética muitos ecos, frequentemente esparzidos dentro de composições cujo teor discursivo geral mais de perto retoma a tradição erudita. Como que se duplicando, em diálogo consigo mesma enquanto realidade histórica e enquanto sujeito de memória, a palavra poética institui uma

⁸ Contendo uma descrição feita com a ajuda da metáfora cósmica, este poema tem também o lado narrativo: na verdade, o Poeta tanto descreve quanto conta que o está a fazer.

diferenciação interna, assim reiterando, mais uma vez, o tema da diversidade genesiaca, tema cósmico por excelência.

Visitações da tradição erudita da poesia são frequentes, dir-se-á mesmo permanentes. Alusões por vezes subtilíssimas põem como pano de fundo desta escrita um friso de clássicos gregos, latinos e portugueses. E tanto estão presentes, neste último campo, Camões e Pessoa (mas também, se não erro, Sá de Miranda e Rodrigues Lobo), como se testemunha também, por certos aspetos do imaginário telúrico e da atmosfera dos poemas de intervenção política e cívica, a lembrança de Torga.

Um último ponto tem de ser, ainda, rapidamente tratado. O sentimento cósmico que tão fortemente se expressa na poesia de António Arnaut contém, naturalmente, o subtema do tempo, desde logo presente no mundo natural, mas também tratado em termos de mundo humano — histórico e político.

História, política — e intervenção — preocupam, angustiam, obcecaram um Poeta, que, entretanto, sabe manter aceso o facho da esperança. Atento a tudo o que ao homem político diz respeito, de uma lucidez que tanto pode ser contida, como dramática ou irónica, sabendo tocar com destreza as teclas do humor⁹, conhecedor dos meandros da História e das mitologias que fizeram o país que somos, os sonhos que perdemos e os que continuaremos a sonhar, António Arnaut visita aquele outro cosmos, feito dos homens e para os homens, de lembranças e de esquecimentos, nele mostrando o bem e o mal. O nobre e o mesquinho. Poemas deste tipo, reflexões tão alargadas quanto profundas sobre Portugal, revelam aquilo que a Recolha Poética na verdade é: o testemunho de uma vida que se repensa e repesa na palavra. E esta palavra, verdade e testemunho, o Poeta connosco partilha, para que saibamos.

MARIA LÚCIA LEPECKI

⁹ Veja-se o poema «O deputado».

Caro Leitor:

Escrevo-te deste longo inverno lusitano, sem sol nem paisagem que nos animem, para te dizer que resolvi assinalar os cinquenta anos da minha estreia literária com a publicação desta *Recolha Poética*.

Há uma altura na vida em que devemos fazer o balanço do caminho percorrido, não por auto-comprazimento, mas para nos responsabilizarmos perante os outros. Meio século de fidelidade às Musas é, certamente, motivo válido para a celebração. Acresce que alguns dos meus livros estão esgotados e esta é uma oportunidade para os reeditar.

O caminho foi longo e acidentado. Aos dezoito anos afoitei-me, inocentemente, a dar à estampa as minhas primícias poéticas. Não mais parei de versejar, mas só muitos anos volvidos, depois de me libertar de alguns liames, logrei a serenidade indispensável à ordenação e publicação dos velhos escritos e ao cometimento de novos trabalhos.

Essa delonga permitiu-me um juízo crítico mais objetivo, que me levou a seleccionar apenas uma parte ínfima do acervo acumulado. Por isso, não foi agora necessário mais do que uma leve joeira e uns pequenos retoques, embora a tarefa se revelasse difícil, porque além de cada verso se julgar definitivo, os poemas publicados em livro impõem-se ao autor como entidades soberanas, rebeldes a qualquer paternalismo. Fui, porém, muito severo com o meu primeiro livro, que veio a lume em 1954, quando pouco mais conhecia de literatura do que a seleta liceal. Desses *Versos da Mocidade*, consegui, esforçada e benevolmente, recolher o «Madrigal» que inicia, simbolicamente, esta colectânea, e que, com os inéditos finais, são os únicos poemas datados. Como disse Antero, «não me envergonho de ter sido moço». Consola-me ainda o facto de saber que Mestre Miguel Torga apenas escolheu para a sua *Antologia Poética* um único verso de *Ansiedade*, seu livro de estreia.

Aqui tens, pois, Caro Leitor, o que reputo de melhor na minha poesia, ou seja, se a souberes ler e sentir, o meu retrato verdadeiro. O escritor e, especialmente, o poeta, escreve-se em cada página e em cada verso. Também eu estou em cada poema como procurei estar na vida: limpo e autêntico, irmanado com os outros nas suas angústias e esperanças, os dois vetores intemporais da arte e da fraternidade.

Esta *Recolha* não segue o método canónico biblio-cronológico. Todos os critérios seletivos são aleatórios, porque a obra poética é una e indivisível na sua aparente dissonância polimórfica e, no meu caso, quer se trate do despojamento de *Miniaturais*, quer do narrativismo de outros poemas. O que me importa é recolher e pacificar as emoções, porque só a poesia é capaz de exprimir as verdades profundas da vida, outrora reserva sagrada dos deuses. A poesia é, justamente, esse veio de fogo que alimenta a alma e que circula entre a eloquência do silêncio e a perplexidade da palavra.

Tudo ponderado, preferi reunir a minha obra poética em capítulos temáticos. A ideia surgiu-me por ter publicado, recentemente, uma coletânea a que chamei *Do Litoral do Teu Corpo* e que a Editora sub-titulou de «Antologia do Amor», reunindo poemas de vários livros e alguns inéditos, tributários da mais antiga, permanente e fecunda fonte de inspiração. E como já tinha outros três livros temáticos (*Pátria, Memória Antiga, Nobre Arquitectura* e *O Pássaro Azul*), foi-me fácil convocar as Musas e pedir-lhes que repartissem a minha herança órfica. Assim surgiram os nove capítulos desta *Recolha*, embora, bem entendido, não haja na poesia e na alma compartimentos estanques. Daí que, um poema de intervenção social pudesse figurar, naturalmente, entre as composições líricas. A «palavra insurrecta» é sempre uma palavra de amorosa esperança. Diga-se ainda que os «Outros Poemas» do último capítulo, são aqueles que, pela sua diversidade, me pareceram não se ajustarem devidamente a qualquer das temáticas. Acrescento que, dentro de cada capítulo, os poemas estão agrupados por livros, segundo a ordem cronológica da sua publicação, como vai referenciado no índice.

Resta-me confessar-te, Caro Leitor, que me foi grato revisitar o passado e colher, nas amuradas de meio século de vida literária, estas flores simples que agora te ofereço como o melhor que tenho.

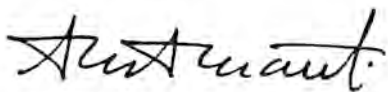
Esta viagem renovou antigas emoções, reconfortou-me do triste inverno pátrio e fez-me (foi Alberto Caeiro quem mo revelou)

Sentir a vida correr por mim como um rio por seu leito.

E lá fora um grande silêncio como um deus que dorme.

A poesia é esse rio que nos percorre, ora calmo ora tormentoso, entre as margens irmãs da Ética e da Estética, em cuja foz impossível esperamos acordar os deuses, rasgar uma estrela do véu de Ísis e decifrar, enfim, o mistério da Palavra perdida...

Cordialmente,

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'António', written in a cursive style.

Coimbra, Fevereiro de 2004

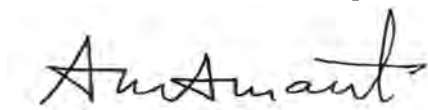
(Página deixada propositadamente em branco)

NOTA DO AUTOR À 2.^a EDIÇÃO AUMENTADA

Esta edição vai aumentada com os poemas escolhidos dos livros publicados depois de 2004 e de um livro inédito, organizados na II.^a parte (2004-2017), em vez de os integrar nos respetivos capítulos da primeira edição, que seguiu um critério temático e não cronológico. Mantive intocada a primeira *recolha*, embora com outra arrumação, e conservei os *poemas de intervenção*, de discutível valia poética, mas que dão testemunho do meu inconformismo perante as injustiças da vida e os males da Pátria. Cada um se escreve como é e como vê o mundo. Se eu fosse uma nuvem, chovia dos meus olhos. Como sou de carne e osso, é a dor, a esperança e o amor que exalam dos meus escritos. É esse olhar poético, ora tranquilo como o voo do pássaro azul da minha infância, ora inquieto como as noites longas da anciania que alimenta a respiração do tempo que me foi dado viver.

Se, caro leitor, encontrares nesta antologia e na minha obra, agora entregue à guarda da Imprensa da Universidade de Coimbra, um grão de luz desse olhar fraterno, mereceu a pena ter porfiado no duro caminho da literatura e da intervenção cívica.

Saudades vivas. Até sempre.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'António', with a stylized flourish at the end.

Coimbra, Fevereiro de 2017

(Página deixada propositadamente em branco)

Queria que estas flores nunca murchassem
para poder oferecê-las
à memória do tempo regressado
a este tempo exato de colhê-las.

Miniaturais / Outros Sinais

(Página deixada propositadamente em branco)

I

DO LITORAL DO TEU CORPO

(Página deixada propositadamente em branco)

*«O esplendor de um corpo é sumptuoso e puro e tem a
integridade de uma surpresa nua.
Como pode a palavra cingir as voluptuosas linhas em que
o desejo dança dilacerado e ébrio?»*

ANTÓNIO RAMOS ROSA (in *As Palavras*)

MADRIGAL

Passas... da minha janela sigo
O teu gentil corpo a divagar
Até ao fim da rua...

Ó! quem pudera ir contigo
Abraçar-te ao menos c'o olhar
E ouvir dizer: sou tua.

Passas... triste fico imaginando
No estranho fulgor dos olhos teus
Alegres de safira...

E o plectro cansado retomando
Suspiro, saudoso, último adeus
Ao som da lira...

1954

Do litoral do teu corpo já não partem
meus barcos de súbitos enredos

mas a longa memória do teu rosto
acorda ainda a noite dos meus dedos.

* * *

Olho-me nos teus olhos. Não tem fundo
a pura madrugada em que me afogo.

* * *

Na minha cama desfeita
ainda o teu calor se deita.

* * *

Agora que disseste adeus para sempre
é que sei quanto dói a eternidade.

* * *

Suspense como um lenço dos teus olhos
o adeus chora ainda na distância.

* * *

Estar ausente é não sentir a dor.
Chamo por mim e as palavras sangram.

* * *

No fundo da noite há uma árvore solitária.
Só a tua ausência lhe faz companhia.

* * *

Do amor cantarei apenas tudo
o que couber num longo poema mudo.

* * *

Sábios foram os lábios que calaram
o pudor do amor que não lograram.

* * *

O sol incendeia os teus cabelos,
seara de fogo em movimento.
Ardem meus olhos, só de vê-los
a queimarem, assim, as mãos do vento.

* * *

Sobre a branca almofada da ternura
repousam os teus cabelos.

Sobre o azul infinito dos teus olhos
dormem os meus pesadelos.

* * *

Lençol, a folha branca.
Teu corpo, o poema.
Verso a verso, teus cabelos,
o remate e o tema.

* * *

Como o primeiro pássaro que cantou
o sol que deu a cor às suas asas,
assim teus olhos cantam o azul
do mar onde me perco a procurar-te.

* * *

Amar!
Infinito verbal
intemporal
e verdadeiro
onde o próprio infinito
cabe inteiro.

* * *

Exaltação da noite:
nem só de luz os olhos se embriagam,
é nas trevas que o teu corpo resplandece.

* * *

Uma banal gravata azul não tem segredos.
Presa, na cama, é um pêndulo calado.
Ninguém sabe que o nó, apertado,
guarda ainda a doçura dos teus dedos.

* * *

As tuas lágrimas correm no meu rosto
como um fogo posto.

* * *

Sou uma ilha no imenso mar da noite.
Nenhum barco acorda a minha solidão.
Na praia desolada dos meus sonhos,
só o vento continua a ser irmão.

* * *

Perdi-te para sempre e só me resta
encontrar-te nos meus versos.
Canto de remorso ou penitência
assim o mar me devolvesse
os barcos cativos na fundura
do cais onde mora a tua ausência.

* * *

Ausência, medida do tempo.
É por ela que meço este vazio
estas horas sem bússola, a solidão
dos pássaros remotos
caindo como folhas
mortas no silêncio dos espelhos.

* * *

Falo do vento
porque o mar ondula
na larga emoção dos teus cabelos.

Falo do mar
porque um barco ainda navega
na verde distância dos teus olhos.

Falo de ti
porque a memória do tempo
se recusa a ser apenas de palavras.

E se palavras digo é porque sei
que outras flores não tenho para calar
o silêncio agrilhado dos meus versos.

Deixo-te esta chuva em testamento
que chora nos meus olhos.

Deixo-te
este barco de vento
este mar de abrolhos
esta rude poesia...

Deixo tudo o que tenho.
Só levo por companhia
em sinal de ti
esta corda, este lenho
da vida que me deste e que perdi.

* * *

Não escrevas. As palavras
já não sublevam a lembrança.
Se queres acordar essa louca
aventura de criança,
manda-me apenas o espelho de bolso
onde desenhavas
a rubra flor da tua boca,
e ambos cabíamos
como num retrato miniatural
do paraíso.

Manda-mo sem demora
esse espelho oval:
quero ver se o teu sorriso
ainda marca a mesma hora.

* * *

E agora dizes que o tempo se arrepende
das palavras do mar onde buscámos
o sal a solidão do nosso encontro.

Dizes que o passado se perdeu
naquela gruta onde descobrimos
o sol escondido atrás dum barco
a espiar-nos.

Esqueces as algas nosso leito
e o fogo a decompor a sede
em pétalas de espuma sobre a areia.

Depois ficaste deusa nos meus braços
e o tempo parado nos meus olhos
o mar dentro de mim a embalar-te
como se a âncora do desejo
fosse o meu rosto descansado no teu peito.

E agora dizes que foi tudo um sonho
e que o tempo se enganou
mas por mais que acuses o passado
o passado volta sempre ao lugar onde
começou.

DISTÂNCIA

A distância que nos separa
é a recordação do êxtase,
triste como praia deserta
em dia de chuva.

De nada vale revolver a areia
nem arrancar as promessas que ficaram
para sempre submersas
na raiva das marés.

Agora só nos resta
desabitar o corpo da memória dos sentidos
e absolver a culpa
do tempo partilhado sobre as ondas.

POEMA AZUL

Vejo-me por dentro
no suave azul dos teus olhos:
o mar ao longe e o céu tão perto.
Quase lhe toco
ao levantar a mão
para ungir a tua face.

Sempre o azul me deslumbrou,
talvez por ser a cor do infinito
e da água límpida
onde o céu se derrama.

Deixo correr a mão nos teus cabelos
como um sonho que desliza
entre mar e céu.

Também é azul a flor campestre
que desfolho no teu corpo
devotamente.

O RUMO E O LEME

Na tua boca, o mel e o pão,
nos teus cabelos, o vento:
minha íntima respiração
e meu sustento.

Nos teus olhos, o mar e a aventura
nas tuas mãos, o rumo e o leme:
o sonho dura enquanto dura
quem o não teme.

No teu corpo, minha nau ancorada,
e a vela erguida:
não sei se o cais é de chegada
ou de partida.

GEOGRAFIA

Conheço de cor a geografia do teu corpo
e ainda hoje tantos rios passados
navego essa aventura
como se o teu sorriso de outrora
fosse o barco que me abriu
todos os caminhos do mar.

E vejo nítida a enseada do teu rosto
onde descubro outro perfil de luz
na nocturna ansiedade com que apporto
ao teu peito de cálidas viagens,
meus dedos soletrando, remo a remo,
a doçura de teus olhos, de teus cabelos
de teu ventre macio, ancoradouro,
já minha mão colhe a flor oculta
no vértice do desejo, enquanto a boca
encontra a tua, e assim navegamos
a pura nudez da noite revelada.

Conheço de cor a geografia do teu corpo,
teorema mágico que apenas decifro
enquanto te imagino regressada
ao cais de um tempo iluminado
de sílabas tensas que humedecem
o poema cansado de esperar-te.

CINZA

Emerges do silêncio como o remorso
do tempo parado na distância.

És cinza volátil transcorrendo
da superfície rugosa das palavras.

O teu corpo já não acende
nos meus olhos a paixão e o tema:

Passas rente ao verso
mas não entras no poema.

SONETO

Seja esta noite a última que veio
nos teus olhos trazer-me a despedida.
Seja este abraço a última medida
da tua boca rubra e do teu seio.

Seja este o último devaneio
sobre o tálamo imerso da partida.
Seja o teu ventre a última guarida
do sonho onde me perco e me semeio.

Que tudo seja hoje derradeiro
como quem vai morrer e já não volta
a retomar o voo inacabado.

Mas que do sonho fique ainda inteiro
este fogo de cinzas sempre à solta
à tona do teu corpo desnudado.

AS DUNAS SEM MEMÓRIA

És um ciclone à solta,
disseste uma vez,
na praia afogueada da nossa juventude.

Corrias alegremente junto às ondas,
e o teu olhar refletia
a inquietude azul das águas.

Agora que te reencontrei
na tarde da mesma praia,
disseste, olhando a distância,
és uma vela parada
sem vento que acorde o mar.

Estavas imóvel à beira da tristeza
e o teu olhar refletia
a cor serena das dunas sem memória.

SOLIDÃO REPARTIDA

A tarde veste-se de luto.
Adormece
no regaço da noite perturbada.

Já não vens como dantes.
Resignei-me
a ser companheiro das sombras derradeiras.

É o que resta de nós:
solidão repartida
entre as margens inquietas do desejo.

LAMENTO

Partiste na sucumbência da tarde,
o corpo balouçando como barco,
e desapareceste em silêncio
até restar de ti apenas a memória das sombras.

Encontrei-te por acaso
e parecia que o tempo regressara
à plenitude dos dias navegáveis.

Mas o tempo é assim, afasta as águas
do leito onde a vida espera,
devagar por entre a bruma
a morte de todas as manhãs.

E se hoje escrevo este lamento
é porque as lágrimas caíram
libertas, finalmente, da agonia
de serem só poema em pensamento.

SE EU SOUBESSE

Se eu soubesse o que está dentro do
silêncio,
e o que ruma no interior das palavras
(talvez uma lágrima, uma luz volátil),

Se eu soubesse o que está dentro da
noite,
e o que pulsa no âmago das sombras
(talvez um suspiro, uma gota de orvalho),

Se eu soubesse o que está dentro do
tempo,
e o que estala no coração das horas
(talvez uma flor, uma alegria breve),

Se eu soubesse, enfim, o étimo das coisas,
também saberia a razão por que partiste
definitivamente.

ACASO

Encontro o teu retrato desfeito
numa velha Gramática escolar
colado ao pretérito perfeito
do verbo amar.

Eu amei, tu amaste...
conjugo maquinalmente.
Eu mudei porque mudaste,
o passado é a angústia do presente.

Penso no acaso que guiou
a minha mão na procura,
livro inútil que ficou
a guardar esta amargura.

Nada se encontra e conquista
por fortuita arremetida:
o acaso é a verdade imprevista
na gramática da vida.

POEMA

Em Havana senti teu corpo quente
como nas noites começadas,
quando o vento cálido agitou
as palmeiras reais afogueadas.

Era a tua mão afagando os meus cabelos,
teu bafo íntimo, envolvente,
ou era apenas o vento que soprava
esse frémito desejo em minha mente?

LARGO DA BOA ESPERANÇA

Lembro-me do Largo da Boa Esperança:
a igreja branca parecia uma noiva
em dia de esponsais,
os sinos eram como brincos tremulando
das orelhas da torre deslumbrada,
o sol brincava com os gatos
pelos cantos endiabrados das ruelas,
e aquela castiça e pálida mulher,
sempre vestida de negro,
sempre sentada nos degraus do templo
como se esperasse a eternidade,
era o remorso das beatas sem remorso,
e o vendedor de castanhas ao domingo
com seu incenso a dez tostões o pacote,
havia meninos que não tinham os dez tostões
ficavam em volta a respirar o fumo excitante
que cheirava a domingo e a castanhas,
os meninos pobres comem com os olhos e com o nariz,
contentam-se a ver os outros mastigar,
mas nem por isso deixam de sentir a esperança
de um dia poderem comprar castanhas,
talvez o largo se chame assim,
porque todos ali podiam sonhar à vontade,
eu próprio ia pontualmente à saída da missa
ver a Julinha pendurada dum laçarote branco
que fazia dos seus cabelos um ramo de flores,
e também eu me excitava com esse perfume a rosas,
é bem verdade que os olhos e o nariz são faunos à solta,
essa lembrança acompanhou-me sempre,
é nos olhos e nariz que relembro
os maravilhosos dias da infância,
vejo ainda a mulher de negro, os gatos,

o vendedor de castanhas e a Julinha, já sem laçarote,
porque casou, contrariada, com um caixeiro viajante,
e sinto o odor do largo quando me cheira a rosas ou castanhas,
foi por isso que no domingo passado te ofereci aquela rosa
e fui contigo comprar castanhas à beira-rio
a uma mulher de negro como a outra,
só não havia sinos na devota torre branca,
mas adivinhei-os nos teus olhos saltitantes
quando me enganei a chamar-te Julinha,
e tu sorriste como se soubesses
que eu pensava no laçarote branco da minha infância.

MAPA-MUNDI

O teu retrato diluiu-se, de repente, numa floração de névoa, e dela emergiu, como um arco-íris, o mapa-mundi da nossa Escola. Ilusão de ótica, ou realidade transfigurada pela luz oblíqua da tarde?

Vejo nitidamente os rios e os oceanos do teu corpo, as montanhas e vales da tua alma, e aquela velha árvore que velava os nossos encontros secretos.

Mas o teu sorriso apaga-se e a tua boca é agora o círculo polar onde o pensamento gela, como um cisne órfão de luz.

Os meus dedos tateiam, hesitantes, o equador da memória, linha imaginária que separa os dois hemisférios da vida.

Entre o passado e o futuro, o presente é um imenso deserto de pranto:

Já não há oásis à espera do meu canto.

AURORA

A manhã abre-se com suas asas de luz
sobre a terra expectante.

O sol acorda a indolência dos rios
onde repousam, voláteis, todas as luas.

Caminhamos na linha iridescente da aurora
de mãos dadas como crianças felizes
que vão colher flores nos jardins do paraíso.

Estamos próximos do reduto sagrado,
ouvem-se já os cânticos dos deuses despertos,
uma diva penteia seus longos cabelos de ouro,
Afrodite, penso, enquanto acaricio o teu rosto
na espuma prodigiosa das palavras ciciadas.

Espera, amor, quero dizer-te aqui, neste lugar,
onde o tempo é o espaço aberto do encontro
que o milagre da vida não é vivê-la
mas sentir em cada veia, em cada célula,
o palpitar da seiva, o apelo da raiz,
como as flores deslumbradas do paraíso
quando a aurora as saúda e acalenta
com suas asas de luz em voo rasante.

ESTA VOZ QUE TE CHAMA

Queria dizer-te o meu amor
por palavras e gestos nunca usados
por um simples olhar que contivesse
toda a ternura de um campo semeado de trigo
quando o lavrador depois da lavra
limpa o suor do tempo e sorri ao sol poente
porque lhe iluminou o rosto o pensamento
de ter cumprido o dia e a seara já ondula
nos seus olhos onde brincam os filhos
enquanto ele manejará a foice
que faz estalar as espigas como beijos na face da lua
porque então será primavera na terra e na alma
e a alegria será pura como esta voz que te chama,

mas não sei de palavras que digam o indizível
sei apenas que és o campo onde germina
a semente da minha paz o tempo dos meus braços
colhendo os frutos do teu corpo aberto
como as madressilvas à brisa de Maio
quando os meus dedos soletram o júbilo
do pão repartido do sol partilhado
sobre o tálamo onde acordam as estrelas
e se dissipam todos os mistérios
porque a vida se torna tão simples e natural
como o gesto antigo do sementeiro
ao limpar o rosto e sorrir
por ter cumprido o dia e saber
que também a semente canta em silêncio
o tempo de ser na sua boca
o pão consagrado de todos os dias,

por isso fico mudo apenas te contemplo
quando lavro o teu corpo e os meus olhos

são a voz o sorriso semeado
por dentro da alegria de sentir
que o poema germina no beijo que deponho
no teu peito como quem ilumina
a outra face da lua
e todos os vitrais todas as flores
que fazem o milagre da primavera.

CANTO INÚTIL

Canto, mas não sinto o revérbero
da minha voz que se perde
volátil na folhagem dormente.

Canto, mas a fraqueza da lira
não quebra o silêncio, a fadiga
das flores embaciadas nos teus olhos.

Pudera eu dizer como o poeta
que um melro deixou o jardim público
para fazer ninho nos meus versos.

ÚLTIMO POEMA

Não me despeço. Havemos de encontrar-nos
ontem ou algures.

O tempo remanesce sobre as folhas
suspensas na memória,
como o orvalho ou o musgo
nas arcadas dos dias dissipados.

Não me despeço. Enquanto houver poesia
estaremos juntos e seremos
na verdade de cada verso
o sulco aberto no Sol poente
deste último poema.

POST-SCRIPTUM

Não há verso de amor definitivo.
Ainda está por escrever
o poema que mate a fome e cale
a angústia da perpétua ausência.

A nossa amada é uma sombra fugidia
que se evade na bruma como sonho acordado.
Se não fosse uma sombra ou um sonho
não seria amada até à exaustão da vida.

Um poema de amor
é o frémito suave desta ferida.

II

A PALAVRA INSURRETA

Faça e desfaça,
a aranha,
a sua teia,
lassa.

Busque e rebusque,
o poeta,
o metal exato
da palavra
insurreta.

* * *

A liberdade é o que sobra
depois da fome saciada:
fome de pão e de amor,
fome de tudo e de nada.

* * *

Na noite de servidão
é como a luz dum farol:
a Justiça é o pão
repartido como o sol.

* * *

Colhe a seara pelo verde,
não iludas o sonho da semente.
O tempo não perdoa a quem o perde,
nunca os rios voltaram à nascente.

O futuro não tem prazo nem medida,
mas se o queres verdadeiro
faze que nele caiba a tua vida
como num verso cabe o mundo inteiro.

* * *

Fazer da esperança os elos da corrente,
como dum barco o sonho navegado.
O futuro é o desejo semeado,
todo o fruto é a fome da semente.

* * *

De repente
o esgar e o vómito
a fadiga do vómito
uma rosa de sangue
na boca esfomeada.

De repente
um baque atónico
um corpo ainda quente
na fadiga da calçada.

* * *

Devagar marcham os vermes
e os que lhe bebem a sombra.
Devagar levantaram os homens
as pirâmides da escravatura.

É preciso redimir os vermes,
recolher a baba dos seus passos
e arrasar as pirâmides,
imediatamente.

* * *

Quando toda a esperança for perdida
até à fria secura das lágrimas
e já nem a última borboleta tiver asas
para incendiar o musgo dos dias,
quando na boca apenas caiba a amargura
das palavras sepultas na memória
como num lago a imagem do silêncio,

grava ainda um sinal na face dorida do sonho
e torna tangível o sorriso da noite.

* * *

Teimosamente semeias
estrelas no chão.
Perde-se a palavra e o grão
como a chuva nas areias.

Mas voltas teimosamente
a semear a tua leira:
Perca-se a sementeira
E não se perca a semente.

* * *

Na torre do relógio o tempo sobra.

Entre a idade da pedra e a idade do ouro
há apenas a ansiedade de bronze
da hora marcada,
e um sino que dobra
à procura
da grande badalada.

* * *

Dar tempo ao tempo. Não ter pressa
é saber que chegaremos.

Vagarosos são os ponteiros e chegam sempre
antes da hora.

Também a Primavera não tem pressa:
ela sabe que a natureza
a vestirá de verde.

* * *

Aqui jazem as flores antigas as
últimas sementes da esperança
que foram a bandeira dos meus dias
naufragados

aqui fumegam todos os destroços
todas as promessas que pulsavam
como seiva no coração visível das
palavras

aqui remanesce o próprio visco
das traições. É pesada e rude a pedra
sobre a fria distância do
silêncio

aqui parou o tempo. Não se volta
da náusea quando o vento retrocede.

ERVAS DANINHAS

Porque desafiam a morte as ervas daninhas
irrompendo teimosamente
das feridas dos velhos monumentos,
do interstício das calçadas,
do ventre dos escombros
e até do húmus cativo das plantas nobres?

Porque não aceitam a estética corrente
e teimam em resistir
à tesoura, à enxada, às pisaduras
e à ordem estabelecida
que as banuiu do mundo vegetal?

Seguramente
querem manter-se vivas, insurgentes,
quando vier o juízo final.

FURACÃO

Sobre a vaga do mar, a vaga do vento,
e sobre esta a funda do céu
lançando raios e trovões,
num ciclone desfeito,
sobre a loucura do mundo.

A terra sangra, amargurada e súplice,
desventrada como depois de uma batalha,
os vasos decepados pela fúria impune
dos deuses e dos homens
em frenética competição.

Ébrios, os rios subterrâneos
transbordam de raiva assassina,
galgam as margens, saqueiam a paisagem
e cortam o pulso das árvores
até ao ventre desolado da raiz.

PROSTITUTA

Podia dizer que vendes a carne
na almoeda da vida,
mas não sacias a fome
de quem te compra fugidamente.

O teu mercado é a rua,
numa esquina qualquer
onde os passos se perdem
na sombra dos dias.

Às vezes sulcas a berma das estradas,
os antros da cidade,
ou, se és requintada e cara,
os locais onde a burguesia
boceja o langor furtivo das noites.

E assim comporia um poema realista
e pela enésima vez te chamaria
prostituta, rameira, meretriz.

Mas ao topar hoje com uma menina loira,
que ainda devia andar na escola
e me sorriu, tímida, inocente,
como uma flor silvestre,
exibindo as coxas magras
e o peito imaturo a despontar,

e soube que era órfã da vida e do amor,
decidi que um dia
haveria de escrever um poema redentor
das mulheres que se compram, mas não se vendem,
porque guardam no fundo da alma dorida,
como num sacrário imaculado,
a pura, invencível, inocência das crianças.

ESTA ANGÚSTIA

Começa lentamente como o dia acaba
esta angústia de ser e de sentir
o nojo de um tempo sem regresso à vista,
e depois levanta-se nas dunas da tarde
sobre o peito desmembrado como um barco
contra as marés de ventos encrespados
e penetra no corpo até à alma
rasgando a última ternura dos olhos.

De nada vale a invocação dos rios
onde a esperança corria à solta e era
um corcel alado que vinha do levante
e levantava o Sol sobre as colinas
com sua tuba de arauto semeando
a terra ansiosa de bandeiras rubras.

De nada vale saber que a primavera
virá um dia devolver-nos a memória
e vingar o inverno desta paisagem crua
que sufoca as fontes e veste de frio
as árvores de outrora onde pousavam
em colunas de luz todos os voos
tecendo o pórtico da aurora anunciada.

O ciclo da alma não é o ciclo da natureza,
nem reacende o fogo às folhas mortas,
porque esta angústia é um túmulo vazio
onde jaz a saudade de um tempo ausente
para sempre perdido nos escombros da noite.

TEMPO DE NÃO

Tempo de lágrimas e luto
ferido pelas lanças
da ambição.

Tempo avarento.
Tempo de não,
com alma de vento
e focinho de cão:

duas sílabas à espera
de redenção.

REVOLTA

Que nome darei a esta dor que pulsa
a espaços nos meus olhos
como sombra da noite acometida
pelo pânico da luz?

E a esta náusea que gela
as sílabas de cada gesto
contínua gota tortura
sobre o gume das traições?

E a esta revolta que assoma
vibrátil à flor do rosto
frecha de vento indomado
por entre o limo dos dias?

Dor, náusea, revolta,
frémitos da mesma pulsão,
que nome obsceno darei
à lava deste vulcão?

NÃO DESISTIREMOS

Desistir...

Aceitar que este tempo não consente
que floresçam os cravos da esperança
no chão sagrado onde agora crescem
as urtigas do nosso desencanto.

Desistir...

Aceitar que a viagem naufragou
na memória apagada dos trânsfugas sem alma
e que o nosso sonho são as folhas mortas
do calendário traído.

Mas não desistiremos!

O sol também não desiste
de se abrir todos os dias ao coração dos homens
que cultivam o gesto simples de olhar o próximo
como se nele vissem a outra face do seu rosto.

Todas as derrotas são efémeras
como a chuva do verão, que logo enxuga,
duram apenas a noite que precede a aurora,
o tempo de sarar as feridas, secar os olhos.

Cada novo dia é sempre um dia novo
não há noite que sepulte a nossa esperança.

LIBERDADE LIVRE

É o interdito que me chama mas é o convencional que me leva
descaminhado como romeiro perdido
pelo labirinto viscoso das ruas
onde os corpos se misturam com a brisa fétida
que é o vento civilizado das grandes metrópoles,
e um odor melancólico de folhas mortas
adensa a rotina dos dias apressados
como se a vida acabasse no próximo semáforo.

Ah! como eu abomino os homens formatados
por séculos de desumanidade,
manequins articulados
de gestos rigorosamente exatos
de tiques rigorosamente uniformes
de hábitos rigorosamente standardizados
com número de contribuinte, telemóvel, cartão de crédito,
gente assexuada, sem alma nem imaginação
que cultiva o sotaque da hipocrisia
faz amizades descartáveis
e até já encomenda meninos por catálogo.

É preciso mandar o convencional às malvas
e fazer do interdito a gramática da vida:
passar o sinal vermelho
rasgar os velhos códigos
enterrar os preconceitos
derrubar os espantalhos do poder
encher os espigueiros de milho novo
e gritar finalmente em todas as praças
que o homem só é livre
quando for livre e pura a sua liberdade!

O MEU LUGAR

O meu lugar é outro,
fora do tempo cobarde
que cala as bocas famintas.

O meu lugar é onde
as espadas se levantam como gritos
sobre a noite resignada.

O meu lugar é onde o Sol acorda
as fontes primordiais
que fecundarão a terra.

O meu lugar é onde me chama
o clamor dos oprimidos
meus irmãos de sangue e sonho.

QUANDO

quando

o aroma do vento for o sémen da terra
e a ondulação das searas o anúncio das ceifas

quando

a púrpura dos frutos for a bandeira dos dias
e a seiva das palavras o mastro do regresso

a cidade será o resgate de todos os barcos
nafragados na memória dos escravos.

APELO

Desfolho a flor votiva da lembrança
na noite orvalhada de cansaço.
Cada pétala um rosto, uma saudade,
às vezes um abraço.

Onde estais, amigos, camaradas,
que não mais partilhei vosso sorriso?
Desertaste da luta, ou não sabeis
que lutar é preciso?

Vinde depressa, que é urgente
salvar o sonho deste rio de lama.
Rasgai o peito, mostrai as velhas armas,
quem não luta não ama!

Já ouço passos na memória
enquanto a noite avança.
O tempo nada pode contra quem
não deixa que o tempo mate a esperança!

RECEITA PARA INVENTAR UMA ESTRELA

Recolhe um naco de Sol, de preferência fresco,
quando a manhã desfolha o primeiro sorriso,
feliz diante da paisagem deslumbrada.

Toma um crescente de lua, a utopia
que move os homens bons de todos os tempos
— Liberdade, Igualdade, Fraternidade.

Derrama umas notas de Mozart e Beethoven,
alguns versos de Camões e de Pessoa,
um pouco de tinta de Leonardo e Picasso.

Leva tudo ao fogo das palavras
com que Jesus desafiou o poder e urdiu
o belo revolucionário Sermão da Montanha.

E sentirás crescer dentro de ti,
impetuosa e fúlgida na noite circundante
a estrela que falta na constelação do Homem.

DEVIR

Talvez haja ainda algum lugar remoto
algures além do tempo além dos montes
cidade ou aldeia ou mesmo um ermitério
onde se possa ouvir o puro trinar dos pássaros
passear à beira-água de braço dado com a lua
afagar os peixes que correm ao nosso encontro
como se o homem fosse ainda um animal virtuoso
tão natural como as árvores os ninhos as giestas
e a sua voz fosse o cântico das manhãs reveladas
quando o Sol jogava às escondidas com as crianças
no mapa-mundi da nossa eira coletiva
que era o lugar de encontro dos deuses primitivos.

Talvez haja algures um lugar assim
sem horários nem mentira nem regulamentos
onde se desconhece a existência do dinheiro
porque nada se compra e vende apenas se troca
uma flor por outra flor um abraço por um fruto
e todos se dão os bons dias com um sorriso de cítara
o amor reverdece candidamente sobre a relva
o trabalho é a recreação da liberdade
a liberdade é a respiração da vida
os gestos são o pão e o vinho repartidos
e o nosso olhar é límpido como a alegria do rio
que corre em nós desde o princípio do mundo.

Se não há um lugar assim é preciso inventá-lo
fique este poema como anúncio do devir.

POR ESTE CAMINHO

Por este caminho,
por este caminho de batalhas tão antigas
como o sofrimento dos oprimidos
rasgado na imensa floresta do tempo
por aqueles que acreditam na redenção do Homem,

por este caminho
de montanhas, vales, oceanos,
onde sopra a memória de todos os naufrágios
e amanhece o Sol de todas as lutas,
desde o alvor das primeiras estrelas,

por este caminho
de cilícios, ciladas, esperanças,
fronteira entre o passado e o futuro
onde o sonho respira em cada passo
como um rio de lava a crepitar,

por este caminho
de sombras perfiladas de todos os mártires,
que são azagaias de fogo
desflorando a noite circundante
com seu gume de sangue à flor da vida,

por este caminho
ossário de tantas servidões,
altar de poetas e revolucionários
que lutaram contra a corrente e plantaram
nesse chão sagrado as colunas da utopia,

por este caminho
de Cristo, Gandhi, Che Guevara

e de todos os Irmãos que sublimaram
a palavra Fraternidade e a tornaram
nas sílabas partilhadas do futuro,

seara comum, resgatado sonho,
tão velho como o mundo, tão velho como
o primeiro abraço, o primeiro voo
sobre as verdes campinas do começo
quando os pássaros cantavam na mão do homem...

É longo este caminho, como a noite sem estrelas.
Mas quando o dia se cumprir
sobre os despojos de tantas batalhas,
o sorriso das crianças
cingirá de novo o rosto dos caminhantes,

e ao longe, sobre a casta aurora,
por entre cânticos de todos os semeadores,
uma vela desfolhará o horizonte
como um triângulo de luz
no epicentro exato do coração do Homem.

É preciso esperar este sinal.
A esperança é uma bandeira gritando
sobre o arco abatido do passado.
Terra à vista! A outra margem soa
em nossa alma como um sino astral.

Alegra-te, camarada, havemos de chegar,
por este caminho, a lutar!

LEGADO

Um dia, a esta mesma hora,
quando os pássaros despertam a manhã,
num banco de jardim, à mesa de um café,
entre um esgar de tédio e um sorriso de esperança,
enquanto o comboio não chega
e a ânsia do encontro se prolonga
como trepadeira sobre a névoa,

ou quem sabe, na penumbra duma cela
onde o tempo é um lugar desabitado,
alguém lerá estes poemas
passando apressadamente os olhos
sobre a rama verde das palavras,
ou penetrando até ao húmus
onde corre a seiva amorosa de cada verso,
e aí colherá a mensagem oculta
como quem desfolha uma flor silvestre
num campo orvalhado de melancolia,

a esta mesma hora
a hora intemporal e justa do poema
haverá talvez um leitor paciente
capaz de arrancar um verso e de lançá-lo
como flecha indomada contra as paredes
amargas deste tempo carcerário
e nele acender um sorriso urgente
como quem desata o gesto do sementeiro
num campo orvalhado de esperança,

e talvez, quem sabe, esse leitor remoto
seja uma mulher desfrutando ao longe o mar
onde um barco sossega a tempestade,

ou um recluso sonhando com a vida
que deixou viúva numa praia longínqua,
e com o perfume dos frutos maduros
da adolescência perdida,

e talvez, então, os dois leitores se encontrem
na mesma página, no mesmo poema,
e as suas mãos se toquem sobre o fogo
que agora ateio como quem lega
ao futuro seu coração intacto.

PRAIA

Estou aqui sentado à beira da manhã
olhando tranquilamente esta orla da praia
onde Agosto descansa como todos os anos
neste tempo de mãos cruzadas sobre o ócio.
Sinto-me livre, alodial, mas de repente
penso que esta manhã não é igual para todos
apesar de todos serem iguais perante a lei,
não sei por que me zarpou este pensamento intranquilo
a questão é que todas as leis mesmo as naturais
têm exceções que são como a tal ovelha tresmalhada
do rebanho bíblico, ou dito mais claramente,
é preciso que uns trabalhem para outros descansarem,
é por isso que nem todos têm direito ao ócio,
a mais antiga das virtudes humanas,
este homem, por exemplo, de pele curtida pelo sol
que nunca gozou férias nem conhece o sentido da palavra
afadiga-se a limpar o lixo derramado
por hordas sucessivas de veraneantes intrusos,
papéis, restos de comida, bugigangas várias,
excrementos da civilização de plástico e até
uma peça de roupa íntima, feminina,
que tenta escapar-se da vassoura, ave ferida,
ensaiaando pequenos voos no pudor da brisa
seu modo de protestar contra a iminente humilhação
de se sentir farrapo quem já foi atributo
ou vela enfunada de um veleiro romântico,
o homem corre lascivamente atrás do pano em fuga,
vislumbra uma mulher nua ao luar de Agosto,
levanta a vassoura e descarrega uma paulada firme
contra a areia, quem sabe, o próprio leito
onde ainda há pouco ávidas mãos desfloraram
essa íntima peça que cobria de sedução

o púbis da noite acolhedora e cúmplice
de um amor a céu aberto com o mar por testemunha
e que agora me serve de metáfora
para dizer o sentimento que me invade
neste dia tranquilo de um Agosto melancólico
na orla da manhã que desliza pachorrenta
como um veleiro perdido na névoa da memória.

METÁFORA

Terra agreste, calcinada, onde apenas uma vegetação rasteira e esparsa é um débil sinal de vida.

Terra brava, solitária, em pousio de esperança, como o coração dos desesperados sem vontade de remissão.

Terra inerte, fossilizada, onde nem o vento desperta a poeira do esquecimento.

Olho esta paisagem lunar, passo a passo, escutando o grasnar dos corvos que pairam, vagabundos, no descampado do nosso desassossego.

Paisagem desumana, surrealista, que fere a alma como um grito de um condenado. Se eu fosse pintor recriava este pedaço de chão, como um rosto a abrir-se diante de um rio em festa. E chamava o Sol e a chuva ao seu dever de espargir de promessas esta natureza morta. Poeta que sou, ajoelho-me devotamente, virado a oriente, e apanho, com as mãos em prece, uma réstia de terra, fecundo-a com o sopro da emoção e lanço essa semente de mim até onde o braço me permite rasgar o ventre da metáfora.

Um dia vingarão aqui, nesta ausência sáfara, as flores e os frutos da palavra feita arado.

A TARDE DESFOLHA O SOL

A tarde desfolha o sol até à última pétala de luz. Uma penumbra de seda empresta à noite o esplendor de um prado adormecido.

O último pássaro recolhe ao ninho no alto das ramadas.

O último réptil desliza suavemente sob as folhas caídas. As fontes modulam o seu canto. A montanha aquieta-se na concha do silêncio.

A natureza retoma a sua inocência primordial.

Num bairro pobre de uma qualquer cidade, um punhal brilha na sombra. Uma criança é raptada, uma mulher cai sobre a calçada. Um tropel de passos abre caminho ao uivar de uma ambulância.

Só o homem viola a casta pureza da noite.

RUA

Era um adolescente. Estendido no passeio
com a cabeça tombada num caixote de lixo,
os braços descaídos ao longo do corpo inerte,
e as pernas enroladas pela súbita rendição,
nem foi capaz de levantar as pálpebras
quando um velho lhe tocou suavemente no rosto
como se afagasse aquela juventude perdida
na teia repugnante de impunes abutres.

Morreu de overdose à porta de casa,
sem saber que a mãe, naquele preciso momento,
acendia outra vela pelo regresso do seu menino,
e sem, ao menos, esperar pela primavera
que despontava nas árvores e nos olhos
de um grupo de crianças saltitando
felizes do outro lado da rua.

Curiosa, a multidão rodeou o cadáver
e um polícia diligente chamou o Delegado de Saúde
enquanto uma mulher do povo, tirando o xaile,
piedosamente cobriu de negro irreversível
aquele instante feito eternidade.

LIXEIRA

Que dirá a água do charco,
imunda como a palavra traição
que nem o sol nela se contempla,
ao ferir com o rigor do escaravelho
os pés indefesos das crianças
que brincam descalças, desprevenidas,
na ressaca repelente da lixeira?

E que dirá a mesma lixeira,
rio mestiço de todos os ascos,
que transborda por dentro da repulsa
e conspurca a respiração das fontes,
à flor que teima em romper
a crosta purulenta do bicho-homem?

E o que dirá, enfim, o próprio homem,
depredador contumaz,
diante do monturo onde confluem
a céu aberto todos os dejetos,
à natureza que morre lentamente
sob o olhar triste dos loendros traídos?

Por mim não digo nada, apenas choro
a dor em fúria dos pássaros migrantes.

ATO DE DESESPERO

Quando a polícia cercou o edifício
o homem zarpou pelas paredes
e refugiou-se na gávea do telhado
desafiando a incredulidade das armas.

Ali ficou como um mastro acochado
numa ilha sitiada pelo vento
enquanto os mirones teciam a maré-viva
daquela madrugada possessa de vingança.

O chefe dos guardas apontou-lhe o megafone
e intimou-o a retirar-se, era melhor
do que resistir, porque as ordens que tinha
mandavam que o levasse vivo ou morto.

O homem desferiu-lhe um olhar felino,
despiu a camisa e lançou-a às feras
cuspiendo o nojo de revolucionário traído
pela mulher-espia que lhe vendera a noite.

Ou te entregas ou disparamos — decretou o chefe,
a voz corroída pelo salitre das casernas,
enquanto os flashes cortavam em fatias
o insólito de que os jornais se alimentam.

O sitiado hesitou entre morrer agora ou morrer depois,
cerrou os punhos e cuspiu outra vez
sobre a praça ansiosa por saber
se as armas podem domar a força das ideias.

Foi então que ao sentir um fétido cheiro a pólvora
o homem levou a mão ao peito e sucumbiu

rolando pelo telhado atónito e caindo
como um fardo esventrado na calçada.

Os jornais do dia seguinte noticiaram
que as forças da ordem tinham recolhido
o corpo irreconhecível de um fora de lei
que se lançou à rua num acto de desespero.

EXAUSTÃO DO TEMPO

Os homens correm arqueados por entre as sombras
dos edifícios plantados onde outrora cresceu o trigo
roçando os ombros no trânsito de unhas convulsas
os olhos ardentes pela fúria impune dos escapes
vão apressados colher o dízimo das trevas
da alta civilização que desflora o espaço aéreo
onde outrora convergiam os pássaros e os poetas
já não há lugar para o oxigénio da alma
as grandes cidades são aglomerados de cimento
desarmado pelo tédio corrosivo da chuva ácida
que queima os terraços as árvores os simples canteiros
as crianças brincando nos pátios murados das escolas
e até o último inconsolável cão vadio
na sua azáfama noturna pelo mortório dos carros
abandonados nos subúrbios congestionados de lata
onde também desaguam lixeiras crepitantes
que soltam um cheiro fétido de batalhas perdidas

é por isso que os homens correm despenteados e tensos
como quem foge das implacáveis linhas de fogo
que cercam o sono precário dos mortos
pensam que estão vivos e não se lembram
que para lá da loucura apinhada das ruas
há o purgatório enxameado das repartições públicas
o salitre dos empregos as longas filas de espera
e o regresso alucinado no fundo da noite
entre uivos de ambulâncias e travagens extremas
que deixam o coração suspenso à beira do enfarte
para tudo recomeçar exatamente no dia seguinte
porque o tempo é esta paisagem infestada
por escarros de betão vómitos de dioxinas
já não há espaço para uma pessoa refletir

comprar um livro colher uma flor ou simplesmente
travar o passo nos umbrais da cegueira colectiva
e fazer um aceno amigável ao último cão vadio
que guarda intocada a sua liberdade
de ser cão vadio nesta noite excessiva
de neons cansados pela saturação dos gases
de ruídos velozes como relâmpagos de sangue
porque sabe que a liberdade é a vida a palavra-senha
capaz de restituir às ruas às árvores às pessoas
e às crianças bloqueadas por tapumes opressivos
o espaço que lhes falta na exaustão do tempo.

LAVADEIRAS DO MONDEGO

Como choupos debruçados na corrente
do tempo e das lendárias águas
do Mondego,
lavam a roupa e as mágoas
ao sol nascente
do seu desassossego.

Corre-lhes no peito a nostalgia
das águas passadas, a cantar
uma antiga melopeia.
Por isso continuam a lavar,
dia após dia,
o seu destino oculto em roupa alheia.

As máquinas da modernidade
vão tornando inútil o sacrifício
das velhas lavadeiras,
mas elas não sabem outro ofício,
máquinas humanas sem idade
que nunca se cansam das canseiras.

O DIA CHEGARÁ

O dia chegará! Está escrito que virá
tão certo como este poema ser o eco
substantivo de todas as luas
que ao longo do tempo encheram os olhos
e comoveram a alma
deslumbrada de todos os poetas.

Chegará esse dia pleno e luminoso
como os rios primordiais quando corriam
sem margens no coração dos homens
sem fronteiras na memória dos povos
e eram navegáveis e francos
até à virgindade azul da nascente.

Os poetas sabem que chegará
na hora do resgate no esplendor da luz
e começará então o novo Tempo
pela sabedoria ritual dos gestos
pela força imanente da palavra
pela beleza transbordante das searas.

NADA É IMPOSSÍVEL

Nada é impossível se souberes conjugar
o verbo querer
em todos os tempos e modos
do indicativo da tua vontade.

Saber conjugar
é unir pensamento e ação
encher o cesto
na vindima persistente do tempo.

Todo o fruto é vontade da semente.
Assim o verbo será carne
da vida conjugada em cada dia.

III

IDENTIFICAÇÃO

Poeta insolvente, canta e semeia
o teu crédito de sonho nesta areia,

como velas de bruma a flutuar,
uma a uma no fogo deste mar.

* * *

Os meus antepassados eram cavadores
de terra e vento, sonhos e presságios.

Deles me ficou apenas esta enxada
com que procuro na bruma outros adágios.

* * *

A praia é o horizonte da alga,
e o vento, o seu cantar.
Como ela,
encho de sonho a malga
antes de acordar.

* * *

Perdi a memória numa esquina de vento
entre espadas de sombra e algemas de medo
e agora só retenho os contornos da noite
como quem despe o mar da folhagem das ondas.

* * *

Poeta do estro magoado,
levanto a cruz da minha herança
à altura do céu imaginado
e colho estrelas, como uma criança,
cavalgando o seu corcel alado.

* * *

Sou uma ilha no imenso mar da noite.
Nenhum barco acorda a minha solidão.
Na praia desolada dos meus sonhos,
só o vento continua a ser irmão.

* * *

Poeta, decifrador da dor,
canto como quem chora.
Uma lágrima me aquece e outra me devora.

Poeta, libertino da noite,
canto como quem foge
das espadas candentes deste dia de hoje.

* * *

Cada homem precisa do seu chão.
O meu é este areal onde um pinheiro
é um naufrago na sua solidão
sem mar que lhe embale o sonho derradeiro.

* * *

A minha angústia é asa quebrada
da noite vagabunda de luar
que vem mansamente pela madrugada
bater-me à porta para me acordar.

* * *

Deixem-me sonhar, à procura
dos sinais ocultos do caminho.
É nas asas do sonho que a loucura
faz o ninho.

Deixem-me ser livre como o vento
sem rumo nem compromisso.
O sonho é o lugar do pensamento
insubmisso.

* * *

De sucessivos pecados me desfaço,
como o viajante
das árvores fugitivas das estradas.

Nesses longos pecados reincido,
e assim faço e desfaço
o meu bosque de estrelas apagadas.

* * *

E agora confesso:
o que eu gostava era ser
uma nau que partiu do seu regresso.

Mas nunca serei o que sou:
o vento derruba o mastro
do sonho, cada vez que recomeço.

* * *

Quando chegares ao fim, volta ao princípio,
recomeça a obra inacabada.
Todo o fim é início
de nova caminhada.

Espiral da vida, humana condição
de ser o absoluto e o relativo.
Sísifo a procurar o pão
de que só a fome eterna tem motivo.

* * *

A vontade ondulante dos navios
a fúria acorrentada da raiz
a exaltação notívaga dos rios
esta corda este fogo este país
e esta última flor do aloendro
nos sonâmbulos dedos de Setembro.

REDONDILHAS

Escrevo como quem reza
uma secreta oração,
destino dum penitente
sem bornal e sem bordão.

Escrevo como quem colhe
uma pétala da vida
e faz de cada palavra
o bálsamo da sua ferida.

Escrevo como quem solta
o vento das suas mágoas,
veleiro singrando à deriva
sobre o deserto das águas.

Escrevo como quem bebe
a seiva do próprio ser.
Escrevo porque estou vivo,
escrevo p'ra não morrer.

IDENTIFICAÇÃO

Sou esta criança faminta
que vagueia os seus andrajos
por entre sombras caladas.

(há nos seus olhos ainda
uma trégua de inocência)

Sou este rapaz perdido
de mãos trémulas pendentes
sobre o futuro que lhe escapa.

(tem já no rosto sinais
da revolta em gestação)

Sou este velho sem lar
que mendiga pelas ruas
uma malga de ternura.

(quando era novo sonhava
com um mundo onde coubesse)

Três destinos que me doem
como o acre duma ferida:
são minhas as dores alheias
se a injustiça é da vida.

VOZES

Escuto

as vozes agónicas profundas,
flocos do tempo recortado
nas sombras-raízes do meu rosto.

Vozes subterrâneas

cantando como fontes matinais
ou gritando como rios aprisionados
no ventre insubmisso dos algares.

Vozes etéreas

pousando nas aves, nas estrelas,
pássaros lentos decepados
pela cinza cruciante das ciladas.

Vozes ocultas

pelo silêncio rubro das palavras
caladas como a noite quando dorme
sob as folhas mortas dos ciprestes.

Escuto

esse coro intemporal e penso
que estou vivo porque sei ainda
ler no vento a minha própria voz.

DA PENUMBRA DA TARDE

Da penumbra da tarde vejo o rio
e os barcos ausentes ancorados
na remota enseada da memória.

Sereno e largo, como o tempo,
o rio é o instante parado
no espelho silente das águas.

Também meus barcos ficaram
a montante do sonho, nas margens
nafragadas na cinza das tormentas.

CASTIGO

O castigo das flores é serem postas numa jarra.
As pessoas gostam das coisas artificiais
não sabem que as flores são o rosto da paisagem
o perfume dos dias cansados,
arrancam-nas como quem sacode a sombra
das poeiras de sol.

Que mal fiz eu para me cortarem a raiz
e me desterrarem
da minha condição de camponês?

PAISAGEM

O que me dói nesta paisagem não é o rio
que corre dentro de mim,
nem as árvores chorosas que povoam
a noite vagabunda dos sonâmbulos.

O que me dói não são as folhas perdidas
na avareza da corrente,
nem os choupos hirtos que entristecem
o céu toldado de presságios.

O que me dói não são os barcos ausentes
do afeto conjugal dos rios,
nem as searas crispadas pelo desejo
de serem finalmente pão em nossas bocas.

O que me dói não são as lavadeiras viúvas
esfregando a dor na roupa suja dos outros,
nem os filhos chafurdando na água
a fome dos brinquedos que nunca tiveram.

O que me dói é o espelho partido
da minha infância
e a infância de todos os meninos
sem espelho.

A VIDA

A vida é este dia que me cai
sobre os ombros como chuva fria,
este sulco de angústia que atravessa
o rosto desolado das estrelas.

Esta pedra de dor onde me sento,
esta ausência que vem ao meu encontro
como a espuma da onda arrependida
sobre a praia cativa da memória.

Esta língua de sol onde as palavras
são o rosto furtivo do teu corpo:
minha mão desliza com a imensa
ternura do arado abrindo a terra.

A vida são palavras e silêncio
unidas como as sílabas do tempo:
de palavras se tece e arrefece
o silêncio onde tudo principia.

SOMBRAS

Sombras velhas são novos pensamentos,
sombras novas são velhas emoções.
De sombras se alimentam os tormentos
que forjam as amargas ilusões.

Não há sombras que barrem o caminho,
nem remorsos que em sombras se transformem.
O meu destino é carregar sozinho
o remorso das sombras que não dormem.

AGARRA A VIDA

Vivi o que vivi sem ter vivido,
como um rio que corre sem saber,
e quando dei por mim, cansado e ferido,
a vida começava a entardecer.

O tempo foi volátil, malmequer
desfolhado sem eira nem sentido,
e passou como passa uma mulher
nos lupanares do tempo foragido.

Por isso, na penumbra deste agora,
digo-te, quando a alma já me arde
e são cinzas as marcas do meu dorso:

Goza cada minuto desta hora,
agarra a vida antes que seja tarde
e o tempo seja só o seu remorso.

TAÇA DOS DESEJOS

Tomo na mão a taça dos desejos
e sorvo lentamente o que me aflora
os lábios secos por tanta espera inútil.

A minha taça é imensa e nela guardo
os desejos da vida insatisfeitos,
tantos como as constelações do infinito.

Se não posso realizá-los, posso ao menos
tecer com eles o manto que me cobre
de inquietude os passos da jornada.

Os desejos são frutos sazonados
que transbordam da noite silenciosa
quando a fome dos afetos se liberta.

O POEMA IMPOSSÍVEL

Dói-me o poema que nunca escreverei.
O único que gostaria de deixar
embutido na lembrança como a corola
nas pétalas iluminadas do tempo.

Um poema que fosse uma flor desfolhada
pelo vento solidário do futuro:
cada sílaba um aroma e cada verso
a emotiva respiração do encontro.

Um poema que tivesse a forma de um abraço
e o ritmo tenso de corações irmanados
que saúdam o casto alvorecer
num cântico de pássaros libertos.

Nunca escreverei esse poema.
Mas ele está dentro de mim tão vivo e justo,
tão íntimo e luminoso como o Sol
no puro olhar do homem primitivo.

Não se escreve o sentimento que não cabe
no precário barro das palavras.
Toda a revelação sonha calada
como a semente no ventre da terra.

É de esperança a mensagem que me grita,
indecifrável no silêncio da raiz.

CERCO

A sombra é desmedida quando a noite
se aquieta nos vales. É uma sombra pesada
como as montanhas que a cercam.

Assim me vejo cercado
pelo gume das palavras traídas,
das belas palavras tecidas de Sol
quando era jovem e acreditava
que a vida é perpétua benção dos deuses.

Mas os deuses morreram,
e a sombra é um verme que alastra
em toda a extensão da palavra esperança.

BALADA À BEIRA DO MONDEGO

Da janela do meu quarto vejo as árvores
que me acenam do parque, além do rio,
como se partissem à descoberta
dos mares que murmuram nos seus ramos.

Aceno-lhes também, e esse adeus
é um gesto parado, uma saudade
do tempo redivivo que se esvai
com a tarde na penumbra dos meus olhos.

Fica este poema a recordar
que as árvores do parque, além do rio,
já não me levam nem trazem, são apenas
uma sombra remota sobre as águas.

MUSA INCRÉDULA

Vens de súbito como as tempestades
roçar-me o peito fatigado,
musa incrédula por não saberes
se te acolho ou rejeito,
e segredas-me a senha do poema
que me arde na alma
como o remorso de me ter perdido.

Olhas-me do alto desse templo grego
de colunas suspensas sobre a dúvida
que é a minha ansiedade em decifrar
a mensagem indizível que semeias
no chão fugaz do meu deslumbramento.

E esperas confiante que te diga
a contra-senha, o verbo transumante,
chave do poema nascituro
que teima em desflorar
a penumbra indefesa desta noite.

Mas a minha respiração é letra morta,
nem um verso se levanta dos escolhos,
e vejo-te partir, oh musa incrédula
com um suspiro de tédio onde fenece
a última esperança de que a aurora
derrame sobre a folha desta dor
a luz que liberte a minha fome.

Há dias assim: sou terra sáfara
onde nem o vento acorda a noite.

MUSA ANTIGA

Voltas, musa antiga, persistente,
a agitar-me o altar das emoções
que foram a seiva dos meus versos
como no tempo em que os rios
transbordavam, límpidos, no mastro da esperança.

Mas o silêncio enche agora a floresta
onde me perdi, e pesa nos meus olhos
como a secura das palavras traídas,
paz, amor, fraternidade,
as três colunas do Templo da Utopia.

Queres despertar-me e trazer-me de novo
às verdes campinas do desejo,
mas é certo que só podemos vencer
uma vez o caminho dos álamos,
a revelação é como o fogo das espigas
que se apaga quando o sémen esmorece.

Vão longe os dias da colheita
e tudo tem um tempo, até o envelhecer,
que é o tempo em que os rios
cedem à amargura dos naufrágios
e às sombras dos pátios interiores
que circundam o presságio da morte.

Por isso, musa, não te desposarei.
Estou cercado de angústias pétreas,
estelas que assinalam os que tombaram
à volta do casto menhir da Liberdade.

TEMPO DE VISCO

Dói-me este tempo de opacas rudes falas
e de subentendidos gestos de punhais.
Tempo de visco e asco onde me atasco,
como se me lançassem sobre o rosto
toda a baba convulsa dos chacais.

E sinto uma nítida sensação de náusea
nas palavras que se enrolam num arpejo
entre o esgar das horas longamente erectas,
como fragas no dorso das montanhas
onde jazem soterradas as âncoras do desejo.

É então que interrogo e firo sem piedade
esse rasto repelente de sombras felinas.
Sei que o presente é uma luta corpo a corpo,
fruto descarnado de todos os murmúrios
que pairam à tona verde das colinas...

Dói-me este tempo de estrelas apagadas
transbordando raivas, longas agonias
como a chuva no saibro da ressaca:
tivesse eu esperança e fecharia a porta
definitivamente sobre o pântano dos dias.

NO PRINCÍPIO

No princípio era o alvor das manhãs, o casto
fermentar da semente. Tudo era
um clamor de cravos nas colinas do sonho
e o nítido ondular das searas fúlgidas
como ao sol uma bandeira de esperança rubra.

Era a convocação do futuro, o encontro
de todas as cores do arco-íris da vida,
volúpia de pomba a dardejar
no mastro ereto do tempo,
serena e pura como a proa dum navio
a aportar finalmente ao cais fraterno.

Depois veio o entardecer, a lenta ruína
dos castelos levantados, a voragem,
o crescer das ervas, áspides impunes,
onde outrora floriu a seiva das estrelas,
cavalgada de sombras que arrasou
as nobres colunas do pórtico de Abril.

E eis que me contemplo entre os escombros
à beira da falésia varrida pelo vento:
aqui jaz a minha pomba branca, a doce
cintilação dos mastros prometidos
quando as fúlgidas searas ondulavam
no alvor casto das antigas madrugadas.

POEMA

Não quero o mundo nem as suas riquezas.
Não quero nada da vida, nem sequer
a ilusão transitória das certezas
com que se enfeita o efémero malmequer.

Só quero o sonho, que não é do mundo
e a luz interior que não é da vida.
Quero descer em mim até ao fundo
desfrutar finalmente a paz perdida.

E assim me descobrir e me ocultar,
como o sol no radioso luar de Agosto:
ser um espelho de avesso a decifrar
os traços algemados do meu rosto.

O REMORSO DAS PALAVRAS

Dói-me a distância
que marca na memória,
como num rio desaguado,
a curva do impossível
retorno.

Distância que separa,
indisfarçável,
como noite insubmissa
as duas margens
do encontro.

Distância infinita
de sombras ofegantes
onde um silêncio gelado
é o remorso quente
das palavras.

POEMA

Presente em cada gesto e em cada lágrima
em todas as ruas e esquinas
onde as estrelas procuram os homens
e cada sombra
é denúncia subreptícia de morte iminente.

Presente em cada amanhecer e em cada árvore
onde os pássaros despertados constroem a primavera
de todos, homens e répteis,
e as asas do vento acariciam a aurora
do mar, sereno e ousado beijando
os destroços na praia...

Presente em cada pétala de rosa
e em cada sorriso,
nossa espada rasgando
a noite imensa como o coração dos homens.

MONDEGO

O Mondego era a natureza brava,
correndo à solta, animal sem dono,
irrompia nas margens e inundava
os campos semeados de arroz e outono.

Domado, pastoreia o próprio leite,
ovelha mansa, conformada e calma:
também eu já saltei os diques do peito
e agora dormito sobre as feridas da alma.

TODOS OS RIOS

Todos os rios correm dentro de nós. A água é o nosso corpo e a nossa sede. Se o rio galga as margens, é a nossa alma que transborda, como a espuma do êxtase. Se o rio seca é o coração do tempo que deixou de pulsar.

O tempo corre como os rios, com seus rápidos, lagos e cachoeiras. E com seus canaviais bordejando o caminho.

E com a sua foz inevitável, como o ocaso da vida.

Eu sou um rio oculto nas dobras da noite, a ferver de impaciência para alcançar a luz e revelar ao céu que todos os rios correm contra o tempo, porque o tempo só faz ninho nas águas paradas das consciências adormecidas.

HORIZONTES

Vejo o rio a cidade os campos verdes
a montanha ao longe sombra esquiva
fronteira imaginária onde o olhar
traça o mapa fútil dos caminhos
mas para além da montanha ainda vislumbro
horizontes novos e assim sucessivamente
até à consumação exata da distância
onde a alma sente o pulsar do Tempo
o cântico do mar o aceno das árvores
e o sonho se perde por veredas de vento

vejo barcos praias rostos navegantes
cidades outras desertas de silêncio
campos de papoilas florestas luminosas
crianças brincando ao redor da infância
o mundo cabe inteiro nos olhos do poeta
com suas altas falésias de sombras verticais
suas vozes de pétalas desfolhadas
suas asas suas torres donde partem
os ecos da memória os rios vagarosos
e emergem como ilhas as colinas
na plenitude de seus frutos irisados
tudo sob a imensa rosa do Sol
que sustenta a grande cúpula celeste
fronteira de outro longínquo horizonte
o infinito presente em cada verso.

SON(H)O

O meu sono é agitado como a raiva do mar
largo como a respiração das selvas tropicais
nele cabe tudo o que a imaginação alcança
altas montanhas cidades verdes prados
ilhas de luar à solta onde os nativos
pastoreiam suas loucas desnudadas vidas
e os pássaros debicam o tempo adormecido
em todas as praias de solitária alvura,

no meu sono cabem rios castelos catedrais
bosques rumorosos savanas de silêncio
árvores de raízes aéreas que parecem
corpos desenterrados lentamente emergindo
da poeira irrespirável de antigas mastabas
por entre estátuas-sentinelas da morte,
talvez o meu sono seja só o começo da noite
no seu esplendor de sombras vagabundas
quando o pensamento se exala e penetra
na fundura subaquática da memória
nesse lodo onde o inconsciente se desfolha
como um manto secreto à luz virgem do sol
deixando ver para além dos sentidos
o próprio espírito pairando incólume
sobre um corpo ferido em decúbito dorsal.

AS MÃOS

Falo das mãos das minhas próprias mãos
depostas abandonadas
sobre esta mesa desamparada e fria
em que me sento e sinto
o sangue contra o mármore contra o vento
que vareja o mar a praia a esplanada
minhas mãos quietas na minha inquietude
de serem estrelas caídas gestos parados
por dentro do silêncio que escorre lentamente
sobre os meus olhos sobre as veias sobre
todo o corpo como um manto indecifrável
são assim as tardes sem paisagem
quando as mãos se esquecem do nome das coisas
e calam o pulsar do sol do sal
nem a tua voz me faz companhia
não há palavras para legendar os retratos ausentes
das molduras do tempo liquefeito
como este copo que agora tomo e bebo
para ver se as minhas mãos
ainda sabem ainda sentem
a emoção do vidro e o sabor da sede
que reflui do fundo desta tarde
de um Setembro fugaz à beira da vertigem.

CONTRADIÇÕES

Tenho e não tenho, sou e não sou,
quero hoje a luz, amanhã as trevas,
parto e não parto, vou e não vou
e assim me procuro onde não me levas.

Tanto sou brisa como tempestade,
lago tranquilo, mar ondulante,
às vezes inteiro, outras metade,
ora estou perto, ora distante.

Não me conheço, não me avalio,
vivo ao sabor do tempo fugaz,
sem rumo nem foz, sou como um rio
que brota e se perde onde lhe apraz.

NÃO TENHO AVESSE

Sou como sou, não tenho avesso,
nem outro rosto por detrás
deste que te olha do interior de mim.

A minha voz é o pensamento revelado
sem meandros nem sombras.
Quando falo estou em equação com os outros,
sou o número exato, não a incógnita.

Quem me quiser basta olhar-me de frente,
dizer ao que vem com palavras de dentro
e a porta se abrirá como um abraço.

Mas se a porta ficar fechada,
volta apenas quando
os meus olhos não tropeçarem
na voz enganosa que me chama.

IV

A CONSTRUÇÃO DO POEMA

Assim te quero, poesia:
descoberta, canto e profecia.

* * *

Ousar a palavra:
o poema não é o que se escreve,
mas o que nele se atreve.

* * *

Descobrir a palavra secreta:
o poeta é um exorcista,
desde que não desista.

* * *

Na fogueira ateadada do poema
uma chama invisível consome
o silêncio liberto das palavras.

* * *

Adverso é o verso que não rima
com o fogo da emoção que o amotina.

* * *

Agarra no ar o verso e dá-lhe um nó
antes que o fio se perca da palavra.

* * *

Versos derramados,
lágrimas suspensas.
Estalactites de pranto.
Lanças apontadas,
indefesas magoadas
sobre o corpo adormecido
do silêncio.

* * *

Vigília,
o lento sofrimento
da palavra decifrada:
nem só a noite arrecada
os recados do vento.

* * *

Palavra a palavra:
contas dum rosário,
soletradas, conjugadas
à procura
do sulco emergente do poema.
Mar de fogo pétalas ternura
astro lábio vento diadema.

* * *

Volta
a revolta
do poema
à procura do verso
incontroverso

encontra o verso

Que grito retesa o sangue
e os recessos da noite, quando a terra
circum-navega a forja do poema?

Que asa espreita nos olhos
a volúpia do céu incandescente
quando a lua desposa o Minotauro?

Que onda rasga o silêncio
da rocha assediada de presságios,
como um tambor possesso de euforia?

Que força acorrenta os rios
ao magma da nascente, como se
outros liames urdissem seu destino?

Que ventos crispam o rosto
no esplendoroso voo de cada gesto
quando o verbo regressa ao ninho donde?

Que ansiedade abre a campânula
do verso destilado, como gota
de Tântalo à beira da Mãe d'Água?

Que orgasmo percorre os raios
do Sol levedado sobre o mar
quando a luz desvenda o Labirinto?

Que secreta revelação,
que mistério escondido nesse fogo
onde as linhas da vida se entrecruzam... ?

Só o poeta sabe que procura
a íntima alquimia da palavra.

Assim te quero, poesia:
canto e testamento
a exumar a vida,
como o vento
que lança à luz do dia
os destroços da noite
que não cabem
na fundura do seu esquecimento.

A INSÓNIA DO POEMA

Esta neve que esvoaça na vidraça
da memória cansada dos meus olhos
é apenas o vento que perpassa
no labirinto aceso dos abrolhos?

Este frio que me enregela os nervos,
como tensas cordas, decepadas,
é apenas o pânico dos servos
diante das forcas levantadas?

Este suor de lâminas, cilício
torrente de lava a escorrer,
é apenas o fogo subreptício
que rompe dos arcanos do meu ser?

Este grito que rasga a noite em duas
e galopa no inconsciente como um sismo,
é apenas o carpir das árvores nuas
ou a cólera liberta dos abismos?

Esta noite que chora e que me algema,
e quanto mais avança mais oprime,
é apenas a insónia do poema
que só quando amanhece se redime.

SONETO

Ora vens como vento inconformado
de amargas longas sílabas silentes,
ora chegas mansamente, virgem tímida
pelo rasto desfolhado das estrelas:

lavras a noite como um sino antigo
em frémitos de espuma sobre as águas
e despertas a insónia prisioneira
das palavras cativas na memória

onde um rosário soletra a oração
letra a letra alimentando o fogo
sobre as asas libertas dos meus olhos,

contas sagradas, verso redentor,
deusa e companheira fidelíssima,
a ti, poesia, me rendo, pecador.

A PALAVRA SOLAR

Procuro a luz,
a luz primordial da palavra,
incólume e pura,
cinzelada pela ternura da voz
até à cesura da ideia.

Procuro a luz.
plasma da emoção
que canta em cada sílaba
e a liga às outras
e às palavras vizinhas,
harmoniosamente,
como um fio de água
límpida, suplicante,
escorrendo do verso ou da frase
até à consciência de ser
a palavra-solar
que ilumina o uni-verso
único verso.

RESPIRAÇÃO DOS DEUSES

Procura a emoção dentro da palavra
nas sílabas indizíveis que se calam por pudor
nos sons da natureza no gorjear das aves
nas estrias do vento por entre os dedos da chuva
em cada átomo das coisas em cada célula dos seres
na semente germinal no eco dos relâmpagos
e até na oculta reverberação dos números
em tudo afinal que tece o ritmo do universo

e decifra assim a ourela o fluir do tempo
tua âncora original tua prova visível
de que há sons que são a metáfora da vida
a profunda e íntima respiração dos deuses.

A poesia, ou uma certa poesia, é o morse da verdade. Para a compreender é preciso descodificar esse íntimo alfabeto e sentir na carne viva da alma o impacto da palavra-cifra. A palavra poética brota dos arcanos do inconsciente, da fonte mágica primordial, que é seiva e memória da própria vida. Procura a harmonia profunda, encantatória, entre o homem e a natureza. Pretende desvendar, pelo ritmo, pela metáfora e pela palavra analógica e conotativa, o mistério da existência. A palavra poética nunca é correntia nem neutra. Está sempre carregada por um sentido oculto, por um sabor a infinito, que é o lugar onde ressoam as sílabas do seu canto. Porque remonta ao tempo em que o gesto e os sons desarticulados eram a única forma de interpelar os astros.

A poesia pretende dizer o indizível. E mesmo que pareça indecifrável, realizará a sua ambição suprema se o leitor, através de um verso ou de uma simples palavra, sentir despertar em si uma emoção cosmogónica, o sentimento de fazer parte da incessante constelação humana.

A palavra poética chega onde não chega qualquer outra mensagem artística. Porque a descoberta da palavra foi o início da libertação do homem. E a poesia partilhada, como o sol e o ar, será o começo da fraternidade universal.

PRINCÍPIO

Tenho na mão o nada, que é o princípio de tudo. Sopro-lhe como quem asperge a névoa do silêncio. A noite evade-se do seu casulo e um raio luminoso esvoaça sobre o lume dos meus dedos. Aperto a mão ansiosa e sinto o calor da palavra a pulsar-me na alma. Sabor de esperança, láparo desejo de se tornar voz. Abre-se então uma clareira no negrume do caos, um sulco de asas abertas, como uma ferida prestes a falar. E o poema canta sua volúpia libertada...

A ANGÚSTIA DOS DIAS

A angústia dos dias é o poema da noite. Quando o silêncio enfuna as velas da imaginação e a escuridade ilumina os desfiladeiros da memória, a palavra amanhece como o sol nas espigas. Colho então o meu dízimo de sonho nas searas boreais da infinitude. O espírito deslaça-se do corpo e paira sobre as montanhas ancoradas nos estuários da distância. É a liberdade sem nuvens, o tempo sem fissuras. O meu rosto lavado de luar resplandece na paz das estrelas.

Estou no limiar do infinito. Sinto já o hálito dos frutos sagrados, a harmonia da música cósmica e da palavra revelada, o canto dos rios desaguados, a alegria das acácias floridas. Uma ilha floresce, refulgente, na forma do teu corpo. Então, com as cores do mistério franqueado construo o arco-íris da esperança, pórtico luminoso por onde me liberto à procura do poema.

A BORBOLETA

Releio um poema inacabado que há anos me interpela como credor descontente. Fecho o caderno, mas deixo o indicador a marcar o exato momento em que uma palavra inóspita corta o voo de uma borboleta prestes a libertar-se da folhagem dos versos. E fico a refletir, olhando-me no teto, como uma simples palavra pode mudar o rumo do vento e ser âncora de uma vela sequiosa de mar.

O caderno está fechado e o poema à espera. A borboleta desapareceu dos meus olhos, como se uma névoa azul tolhesse as asas de cada verso.

O tempo arrefece, órfão de luz, no seu tálamo distante. A própria noite, fiel companheira, deixou de respirar nos meus ombros dispersos. Nem um leve rumor atravessa os caminhos da memória.

Sei que estou vivo porque o poema inacabado me bate nas têmporas e as minhas mãos dialogam como dois remos à tona do silêncio. O encanto quebra-se quando uma ideia me desperta e o fogo da emoção volta a lavar a página expectante.

Reabro o caderno. Então uma borboleta verdadeira levanta-se da palavra inóspita e pousa suavemente nas minhas mãos deslumbradas, trazendo-me o verso que faltava.

Finalmente, posso pagar a dívida.

O OUTRO LADO DA NOITE

A ideia fermenta
na fonte mágica da vida.
Colhe uma gota desse magma oculto
e dá-lhe a forma da palavra,
pedra exata, invulnerável,
na construção do poema.

Depois
em lampejos de púrpura
deixa que a emoção
acenda o fogo que falta
para iluminar
o outro lado da noite.

CLAREIRA DA NOITE

Clareira da noite, pausa do tempo,
estática viagem na folhagem dos rios:
um barco repousa deslumbrado
pelo cântico de todas as luas.

Floração da palavra, sílabas lavrando
o caminho transbordante das águas,
como um vento de nervuras fulvas
donde emerge, nítido, o silêncio das vozes:

Decifrar a mensagem, fazer refluir
dos arcanos da noite
a melodia das imagens navegantes
à altura dos mastros libertados.

QUANDO ESCREVO NOITE

Quando escrevo noite não quero dizer trevas,
sol ausente do outro lado do mar.

A noite verdadeira, virgem sem mácula,
íntima como a volúpia da ferida
aberta pela emoção do poema
é quando penetro nas cavernas de mim,
escavo a jazida, os corredores da memória
e descubro nas cinzas latentes
a centelha onde a palavra incompleta
resplandece de asas trémulas
à espera da decifração do voo
que rasgará as sombras, o silêncio,
quando o poema deslaga o mistério de ser.

Só então amanhece. Antes de fulgir
e ser ritmo, fogo, sementeira,
o poema é uma crisálida de bruma
na noite inconsciente onde levitam
as vozes que esperam o seu tempo
de cantar.

FERMENTO DO POEMA

Emoção, fermento do poema,
mas o poema prolonga a emoção
na fogueira da alma
até que as cinzas da noite
aquietam a febre das palavras
a vertigem dos sentidos,
e a paz regressa devagar
onde a dor era a expressão exata
de cada verso.

Mais tarde
ao reler o poema
o tempo reflui
até à emoção donde brotou,
e a ferida sangra de novo,
fogueira ateadada
nos subterrâneos da memória.

É assim a poesia:
emoção cativa em cada verso
à espera que o leitor
a descubra e liberte,
como quem solta ao vento
as vozes ocultas no coração do mundo.

APARIÇÃO

À janela da tarde que se escoia,
cálida como um suspiro de rosas,
escrevo a paisagem do outro lado da rua
onde a noite ainda vestida se esconde no bosque
à espera que o tempo lhe permita
desnudar-se e tomar banho
ao luar de todas as praias do ocaso.

E penso na noite, minha musa de sempre,
companheira fiel, enamorada,
nessa noite antiquíssima e idêntica
de que falava Álvaro de Campos porque sabia
que a noite é sempre igual dentro do silêncio,
por isso me apetece escrever como quem tem sede,
é a noite que liberta em mim todas as fontes.

Mas de súbito acendem-se os candeeiros da rua
e vejo deslumbrado como numa aparição,
no seu vestido de vento decotado,
a florista do bairro de quem não sei o nome
mas conheço o sorriso de ternura púrpura,
os olhos luminosos de um céu sem sobressaltos
e a voz cálida como um suspiro de rosas...

Reparo agora que esta imagem repetida
foi-me ditada pelo perfume dos seus cabelos
que chegou à janela antes da paisagem,
afinal foi esse aroma reminiscente
que tornou poética a rotina da tarde
e fez com que o fluir natural do poema
esquecesse o tempo onde a noite se despe
e iluminasse o corpo de uma florista
que os meus olhos desnudam como quem desfolha
verso a verso a emoção do entardecer.

INTERLÚDIO

Leio Álvaro de Campos à espera que a noite apague os pesadelos do dia. Ler é penetrar num mundo outro, onde a imaginação circula livremente como o vento por entre o tumulto da floresta. E penso...

Penso nos que contam os últimos escudos,
porque amanhã se vence a renda, a prestação,
e só têm no ativo o sabor da impotência
que lhes regela as mãos e amarga a boca,

e nos que apertam ao peito o espectro da insónia
sem saber como dominar a angústia
de sentirem o sangue trespassado
pelo cavo gemer de todas as horas,

e nos que tropeçam em cada esgar de cansaço
e desistem da vida porque sentem nos ombros
o peso desmesurado das próprias sombras
que correm possessas na loucura do asfalto,

e nos grandes ausentes da família,
marginais de ofício, vagabundos da noite,
que se embriagam na solidão das estrelas
e ferem os pulsos nos espinhos da ressaca,

e nos que esperam o milagre do impossível,
um regresso, um sinal, um chamamento,
e roem as unhas com a raiva silente
das palavras que calam por pudor,

e nos que se rendem ao assédio da morte
na enxerga de um asilo, de um hospital,

enquanto lá fora lentamente cai
uma chuva de rosas e silêncio...

Retomo a leitura de *Ficções do Interlúdio*, no verso que ficou à espera, enquanto o meu espírito percorria os afluentes sinuosos da noite. Chove lá fora, uma chuva lenta de rosas e silêncio. É tempo de aplacar o remorso do poema:

Vem, Noite silenciosa e extática,

.....

SICÓMORO

No quintal, junto ao poço, havia um sicómoro. Os anos destruíram esse fiel companheiro da infância e uma mouta de silvas conquistou o reduto mítico. Mas hoje, ao debruçar-me no parapeito arruinado do poço e ao ver a minha imagem tremulando nas águas, como um aceno do tempo, a palavra sicómoro levantou-se da folhagem da memória e regressou à pureza de outrora, quando a vida e o sonho eram a seiva da raiz:

Amar a vida, descobri-la
na palavra suspensa da folhagem,
nos sicómoros de cada manhã
quando o tempo regressa
à gratidão da luz.

Amar, sem outra condição
que a de ser, como na infância,
a água, limpa.

POEMA DE OUTONO

Estou sentado numa curva tensa da estrada, no recanto de um velho fontenário, à sombra indecisa de uma árvore sem dono. Uma fonte é símbolo de vida, penso, e acode-me então à lembrança a pobre Júlia, que foi ontem a enterrar.

Decifro um pássaro ao longe, ponto negro, intranquilo, no fundo cinzento do céu. Aproxima-se e evoluciona doridamente sobre a árvore. Mensageiro talvez, companheiro, quase. E de súbito, quebra a linha sinuosa do voo e vem esmagar-se contra os ramos desnudados, erguidos ao alto, num arremedo de prece. Está agora a meus pés, num estertor de asas inúteis, quantos sonhos ali desfeitos, é uma folha morta a pontuar de dor este poema de outono:

O pássaro rodopiou e abateu-se
no regaço desta árvore sem dono.
— Por que havia o pássaro de morrer
se a tarde é um voo de folhas caídas
no chão amargurado do Outono?

Também um dia a árvore cairá
sobre a curva tensa da estrada.
— Por que há de a árvore morrer
se a sombra dos seus ramos
encurtava a caminhada?

A nascente secará e uma última lágrima
ficará suspensa da fonte.
— Por que há de a fonte morrer
se o seu canto dorido
alegrava o horizonte?

Júlia, a viúva do sapateiro
foi ontem a enterrar.
— Por que havia a Júlia de morrer
se tinha ainda cinco filhos
cinco filhos, meu Deus, para criar?

DO OUTRO LADO DA TARDE

Aqui, sob esta árvore de sombras difusas
um poema desperta a ausência da tarde:
tomo uma pedra ao acaso do gesto
e traço no chão um sulco de raiva.

É uma linha intermitente de silêncio,
nodosa e muda como a própria árvore
que guarda as últimas palavras
da nossa despedida à beira-dor.

Tem o comprimento de um homem prostrado
devagar, porque envelhece.

Levanto-me e olho essa marca no rosto,
ruga ou ferida com sabor a pólen,
lugar ou caminho onde me procuro
desde o entardecer em que partiste.

Um cão aproxima-se em passo calculado,
fareja em círculo, escava a fronteira,
e depois de me medir com o cenho extático
salta aquele sulco e fica à minha espera,
feliz, do outro lado da tarde.

FLORESTA DA VIDA

Floresta da vida, de ilusões, sonhos, enganos, cada árvore é metáfora: desde a pacífica oliveira, à lendária acácia, desde o carvalho de Zeus, à figueira de Judas, desde o freixo, árvore sagrada dos Vikings, à macieira, fonte do conhecimento, onde Adão se perdeu.

A árvore é como o homem, as raízes fincadas no chão e os braços a ousar o céu. Tenho tido muitas ilusões com o aceno das árvores. Mas há uma que nunca me enganou: a minha árvore tutelar, a árvore da esperança. Talvez porque o fruto prometido é só para amanhã. E o futuro não tem véspera.

Sou uma árvore plantada no chão da utopia
batida pelo vento íngreme do mar,
na angra do sonho o meu canto alumia
os ramos onde os pássaros vêm pousar.

ÁRVORE TUTELAR

A ti me acolho
árvore tutelar da minha infância.

Conheço-te do tempo dos ninhos
quando descobri o mundo
na copa dos teus segredos
e senti no meu tronco
a seiva transbordante do teu corpo.

Por isso volto sempre ao teu regaço
para ver a lua, as estrelas, os pássaros
que pousam nos teus ramos
como os meus olhos em busca
do tempo aventureiro da raiz.

MORSE

Por que me fere um verso o pensamento,
como arpão o dorso dorido da noite,
um verso ainda remoto onde as palavras
são apenas um morse de signos confusos
que é preciso desvendar, como quem abre
uma flor na penumbra do silêncio?

Por que me treme a mão aberta, suplicante,
e um fogo intranquilo me queima os olhos
quando o verso brota, límpido como a água
da fonte do mistério, e assim desnuda
a mensagem que me grita da outra margem
como um corpo de mulher rendido à luz?

Só o poeta sabe que a poesia
é o lugar onde a palavra mágica
descobre a harmonia, a face oculta
dos rios que fecundam o universo.

HÁ UMA PALAVRA À ESPERA

Há uma palavra à espera
suspensa da noite fruto dádiva
como um corpo flutuando
indizível no espaço da memória

fragmento de vida luz essência
imagem sinal sobre a folha
deserta como um lago adormecido
onde jaz a sede a fome o grito

busco essa palavra revolvendo
a alma a língua o sangue indócil
e respiro cada sílaba oculta
decifração de lágrimas desejo

desejo sensual antevisão
do orgasmo propiciador do verso:
há uma palavra uma palavra à espera
de desflorar o silêncio desta noite.

DESPERTA A PALAVRA

Desperta a palavra
que dorme intocada
no cerne de ti
para que a noite
saiba que o vento
canta a alegria
que nela colhi.

Desperta a palavra
oculta no sangue
que pulsa nas veias
para que o céu
saiba que a terra
canta o desejo
que nela semeias.

LÁGRIMA PERFEITA

O que precede o poema e o anuncia
é um vento um rumor uma ternura súbita
na forma de uma palavra ainda vagarosa
que rompe o limbo o frémito o aroma
de uma chama interior de uma vogal a abrir-se
como um pórtico na infinitude do deserto
crisálida ondulante dentro do silêncio
sulco de sons na volúpia da língua
até se derramar na virgindade da folha
como um fluir de pétalas num ventre fecundado
e abrir caminho na trama de todas as surpresas
acordando outras palavras que esperavam ocultas
na corola do desejo na febre dos lábios
e assim verso a verso o poema respira
como dádiva de luz na carne dos sentidos
e constrói o enigma da lágrima perfeita
porque é de alegria o palpitar da página
finalmente semeada da brancura da alma

V

A ÚNICA VERDADE

Quando tudo acabar
e o tempo for apenas
a ínfima poalha
dos escombros do nada,
só a eternidade do silêncio
fará ouvir
num eco lancinante
a última e definitiva
mensagem do homem.

* * *

Não sei qual é o mais efémero
se a espuma da onda
se o próprio mar.

Que importa o tempo
se tudo tem um tempo
de acabar?

* * *

Morrer é regressar
ao tempo primordial:
terra e sal da terra,
verbo desencarnado
a escutar
o silêncio do caos horizontal.

ENTRE O SILÊNCIO E A NÉVOA

Entre o silêncio e a névoa
a angústia de não ser ainda
manhã.

Uma pedra jaz premonitória
na fonte dos meus olhos.

Quando a noite me penetra
altiva como um destino
é que me dói a certeza
de que a morte será sempre
inverosímil.

MORTE

Não digas que tens medo da morte. Embora absurda, a morte é um facto natural como a respiração da vida. O nascimento, pelo contrário, depende do concurso de várias circunstâncias. E tudo o que é circunstancial é efémero. Só a morte é definitiva.

Os que tentam iludi-la, escrevendo um livro, lavrando uma pedra, plantando uma árvore, ousando um quadro, um poema, ou uma sinfonia, estão apenas a desafiar a posteridade. Tão cedo como murcham as flores e secam as fontes, a arte cede à erosão do tempo. Dela apenas fica uma leve reminiscência na memória colectiva, tão curta como um ai, que é o íntimo ditongo da vida.

Os faraós construíram as pirâmides e outros monumentos invulneráveis, de pedra codificada, para vencerem a morte. Mas eu próprio já estive numa fila de turistas que profanou essas câmaras sagradas e descodificou o segredo dos deuses. A eternidade não resiste ao tempo. Cada ano, cada século, alisa uma aresta, apaga uma inscrição e pulveriza as antigas verdades.

Só a morte sobrevive, transformada em matéria (mater). A morte é a única verdade. A matéria é a única certeza.

VIAGEM

Partimos a qualquer hora
quando o tempo é ainda
uma tenra flor desabrochando
na húmida superfície das palavras.

Todos os dias são véspera da viagem,
incerto o quando e o destino,
mas a morte
é sempre o lugar mais próximo.

Apenas um passo nos separa
do regresso definitivo
à noite inumerável das estrelas.

CAMINHAMOS PARA A MORTE

Caminhamos para a morte.
Caminhamos sempre
em cada minuto, em cada gesto,
nos sonhos noturnos, no breve pensamento,
e até quando estamos parados
meditando na folha que cai,
no pássaro que voa,
caminhamos para a morte.

Caminhamos insensivelmente
de olhos fechados para condenação inevitável
da fonte que seca
do fogo que se apagará um dia
quando a noite descer na curva do caminho
e nela entrarmos em silêncio
como a sede que se apaga para sempre
na boca vazia de palavras.

Caminhamos para a morte
ainda quando forçamos o destino
tentando agarrar as asas do eterno,
esculpindo no mármore do tempo
o rosto transitório da vida:
— escrevendo um poema,
plantando uma árvore
engendrando um filho —,
tudo coisas efémeras como a chuva,
porque uma névoa implacável e fria
virá submergir os nossos passos,
nosso rosto, nossa lembrança,
no coração dos vivos.

Caminhamos para a morte,
nosso tropismo fatal, nossa igualdade,
o único lugar donde não há regresso,
a menos que
o poema, a árvore, ou o filho que deixámos
renovem as manhãs do futuro,
porque então viveremos em cada verso,
em cada fruto, em cada sorriso,
transmudados nos rios que cantam
no ventre fecundo da terra-mãe.

O SEGREDO DA ESFINGE

Penso na morte, mas a morte não existe.

A morte dos outros é só a morte dos outros,
como a noite no outro lado da terra
ausente de mim porque não a vejo nem sinto.

Para que a morte existisse
era preciso vivê-la ou experimentá-la
como quem veste um fato ou mergulha na água
e sente o desconforto ou a consolação do corpo.

Quando falamos da morte é sempre a morte dos outros,
e dessa nada sabemos ou pudemos saber.

Os mortos não falam, guardam para si
o último inviolável segredo da vida.

Por isso a morte não existe.

Só existe o que existe quando estamos vivos,
a minha morte quando vier já não será minha
e os outros nada saberão do último pensamento
que libertou em mim o segredo da esfinge.

QUANDO A MORTE VIER

E então, quando a morte vier,
lenta ou súbita como a trama do vento
sobre o mar dormente dos meus olhos,
sombra ou febre engrossando
a secura da língua,

e quando estender as suas mãos imensas
sobre este corpo efémero
no gesto fecundo do sementeiro,
quando, então, a hora for
o último sopro no espaço do meu tempo,

sairei de mim por um sulco aberto
na face resignada da noite
e alcançarei a mesa redonda
onde todos seremos, confraternizando,
a memória da eternidade.

QUANDO EU MORRER

Quando eu morrer não me digam nada.
Deixem-me viver a paz definitiva
das horas mansas, horizontais.
O silêncio é a fome que dá vida
ao último soluço das vogais.

Deixem que o grão da despedida
caia sonolento sob as mós,
como gotas da lembrança amortalhada,
e ouçam apenas a minha antiga voz
na retroacção do tempo decifrada.

Quando eu morrer não me digam nada,
o silêncio falará por nós.

CHUVA

É à chuva que me sinto irmanado
com a natureza pródiga em festa.

Por isso gostaria de morrer à chuva
para me derreter e integrar
nas escorrências do tempo dissolvido,
como as máscaras de neve
que salpicam de sol
as árvores espetraais do paraíso.

ESPERO-TE

Espero-te!

Espero-te à beira do tempo fatigado
única verdade sem rosto
na sua nudez pura assexuada
sombra planando por dentro do silêncio.

Espero-te

na véspera de todos os dias passados
virás mansamente sob a forma volátil
de um suspiro de vento e mar
como as manhãs estivais de outrora.

Espero-te!

Não sei como és mas espero-te
emoção emergindo das cinzas
dos dias inúteis que vão a enterrar
na alegria liberta do eterno descanso.

Virás seguramente

quando mais precisar de ti
fecharás os meus olhos com sábia ternura
para que a escuridão me permita
ver o outro lado de mim.

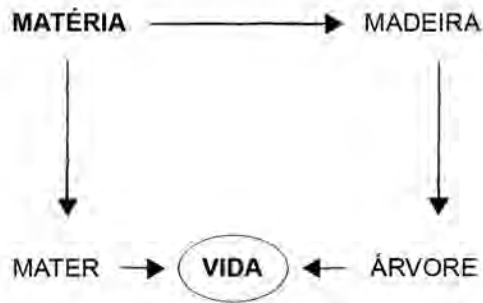
ENIGMA

Direi prosaicamente: a vida é um enigma
indecifrável como a fragrância das estrelas
ou a geometria dos relâmpagos
que sacodem a indolência da noite,

voz que se sente mas não se ouve
clamor do silêncio
que percute a inação das células
quando as sombras dos corpos se levantam,

fonte que alimenta
o ritmo de todos os percursos
onde o poema espreita
a alquimia do instante absoluto.

Que seria da vida sem a teia do mistério
que ilumina a certeza da morte?



Dois corpos como duas árvores gêmeas
a fecundar a terra que as gerou:
dos seus braços-ramos, folha a folha,
a vida regressa
à matéria onde tudo começou
e recomeça.

(Página deixada propositadamente em branco)

VI

PÁTRIA, MEMÓRIA ANTIGA

(Página deixada propositadamente em branco)

Este fulgor baço da terra

Que é Portugal a entristecer...

FERNANDO PESSOA

Hoje

Sei apenas gostar

Duma nesga de terra

Debruada de mar.

MIGUEL TORGA

(Página deixada propositadamente em branco)

I — Pátria, Memória Antiga

*Aqui, na praia ocidental,
barlavento da história,
ainda há memória
de Portugal.*

PÁTRIA, MEMÓRIA ANTIGA

PÁTRIA, memória antiga:

D. Afonso Henriques deitado na Igreja de Santa Cruz
a descansar das rudes batalhas
na sua armadura de pedra de Ançã
e D. Dinis a semear de promessas
os verdes pinhais da ode marítima
e todos aqueles que levantaram as velas de fogo
na impoluta gávea do sonho
e urdiram as fundas nervuras da raiz
na perpétua coluna do tempo,
D. João II, Machado dos Santos
e aquele Capitão que fez dos cravos de Abril
a fraterna baioneta da paz
e todos os camaradas que tinham no sangue
a lança de Viriato atravessada,
Fernão Vaz de Almada, Gomes Freire de Andrade,
Gil Eanes, Fernão Mendes Pinto, o soldado Milhões,
Maria Lionça, o Malhadinhas,
exibindo a marca da origem nos flancos da aventura
para lá da inconsútil muralha do inconformismo,

Luís de Camões a salvar os Lusíadas
do mar que foi a tinta do Poema
e todos os navegadores que ousaram o futuro
e aqueles de que ninguém sabe o nome
que escreveram outros cânticos da terra lusitana
e foram pelo mundo em vão e em vão morreram
a pensar no regresso
e os que ficaram, porque eram árvores plantadas
sem outro chão possível, outro sol da saudade,
meu Portugal de pé descalço com um parente rico no Brasil
minha malga de caldo verde, meu gaspacho

meu santatoninho matreiro a piscar os olhos às moças
e a deixares assombrados os doutores do teu tempo,
minha Europa toda quando o mundo era teu
levaste as primeiras bocas de fogo ao longínquo Japão
e ficaste na Ibéria a jogar a fisga
a pintar galos de Barcelos
a bordar caravelas em filigrana
a assar castanhas
a dançar o fandango, enquanto os touros
arremetiam contra o teu peito dorido
de tanta marrada,
meu Portugal nostálgico e moreno
de rosto encarquilhado e lancheira de lata
a escutar a tremulante *Voz da Liberdade*
nas longas noites do medo
e a cantar o *Queremos-Deus* nas longas noites quaresmais,
meu rio disperso por tantos afluentes
sem o cio do vento nem a raiva das tormentas,
o homem do leme adormecido ao leme,
meu barco, minha charrua, minha volúpia de sol,
meu Cabo da Boa Esperança,
meu Povo a cheirar a incenso e alho
à espera de El-Rei Sebastião,
só assim te conheço e assim te amo,
como se outra memória não houvesse
para cantar comigo o teu destino.

OS MEUS HERÓIS

Prezo os símbolos, o rasto e os sinais
da minha nostalgia portuguesa. Mas
os meus heróis verdadeiros não vêm na história,
não têm monumentos nas praças domingueiras
nem dias feriados a lembrar-lhes o nome,
são heróis dos dias úteis da semana
levantam-se antes do sol e recolhem apenas
quando a noite se fecha nos seus olhos,
lavram a terra, o mar, e são jograis
colhendo a virgindade pudica da vida,
sobem aos andaimes, descem às minas
e comem entre dois apitos convulsivos
um caldo de lágrimas antigas,
são os construtores do meu país à espera
mouros no trabalho e cristãos na esperança
famintos do futuro, como se a madrugada
fosse a seara imensa apetecida
onde o sol desponta nas espigas
sobre o casto silêncio da montanha.

PORTUCALE

As montanhas abrem alas. Vai passar
o rio d'ouro da lusa madrugada.
Ânsia em socalcos sobre o vale
a saudar
o começo da vida:
Portucale
não é porto de chegada,
é o sal
e a fome aventureira da partida.

PORTUGAL

Escrevo o teu nome, corpo inteiro
de uma saudade celular.
A imagem que me vem é dum pinheiro
numa fraga batida pelo mar.
Marinheiro
caminheiro
entre pélagos de noite e de luar.

Praia de vento à espera.
Ermas colinas, rugas do teu rosto,
cortadas por um longo veio de mosto
que traz em cada outono a primavera.
Trovador
lavrador
de um chão de saibro e de quimera.

A GEOGRAFIA

Noventa mil quilómetros quadrados
de ousadia e sofrimento:

A oriente, a Espanha,
A norte, a terra galega.
A sul e ocidente, a dor tamanha
do mar que já não chega,

mas onde ainda ficaram,
talhadas em rocha dura,
as ilhas que semearam
as pegadas da aventura.

A PAISAGEM

História e geografia em melopeia
a desvendar segredos
dos velhos pinhais e olivedos
ruminando o sofrimento e a epopeia

de um povo que fez o ninho onde
as fragas eram asas do seu chão
e delas tira o vinho e tira o pão
que o seu rosto amargurado esconde

sereno ao sul, agressivo ao norte
e uma *Estrela* no centro a iluminar
as ameias dos castelos e do mar,
azul desafio da nossa sorte

e uma vela acesa nos altares
um rebanho a apascentar a tarde
enquanto a esperança arde
nas estrelas sepultas dos olhares...

OS MONUMENTOS

Castros, castelos, catedrais.
Pedras lavradas onde foi lavrada
a gesta coletiva.
Moldura do tempo, ogiva
a rasgar os umbrais
da memória desperta e assestada.

Musgo dos séculos. Arado
a lavrar no seu perfil escuro
os céus velozes.
Sem o grito de granito dessas vozes,
o passado
não teria futuro.

AS ERMIDAS

Solitárias, no alto das colinas
cobertas da brancura dum lençol,
as ermidas lembram-me meninas
a brincarem, lânguidas, ao sol.

Quem passa, reza ou olha, tanto faz
e segue o seu caminho
tocado por aquela santa paz
onde as preces dos crentes fazem ninho.

São modestas essas capelinhas,
mas palpita nelas
o calor fraterno das estrelas
transmudadas em salvé-rainhas.

AFONSO I

Rei-Soldado.

A tua espada chegou
do Minho ao Alentejo.
O resto foi desejo
semeado
no mar que te sobrou.

AS ARMAS

Ourique. A lenda diz apenas
que antes de atacar
as hostes sarracenas
o rei viu um sinal
a desenhar
as quinas de Portugal.

OS TÍTULOS

Rei de Portugal e dos Algarves
e o resto que o mar te deu.
Agora tens o *aquém*
porque o *além* se perdeu.

Agora tens o que é teu.

A HONRA

A tua corda, Egas Moniz
resgatou
a honra da nação.
O Rei não quis
nem podia querer a servidão.
Mas o teu gesto mostrou
que palavra dada
é escritura sagrada.

A LEALDADE

Vai Martim de Freitas
a caminho de Toledo,
não vai triste, nem vai ledo
vai apenas a pensar
olhando as estrelas do céu
que a chave que o Rei lhe deu
do castelo de Coimbra
a ele as deve entregar.
Vai cumprir o seu dever,
porque para um Alcaide-Mor,
mesmo depois de morrer
o Rei é ainda Senhor.

A VALENTIA

Lembro-me de vós,
avós
da minha pequena História
de criança:
Gonçalo Mendes, o Lidador,
Geraldo Geraldês, o Sem Pavor,
Duarte de Almeida, o Decechado...
E é tão forte essa lembrança
que a guardo emocionado
como um sinal de esperança
ou uma carta de amor!

A GLÓRIA

Velas pandas de aventura:
assim rumam as caravelas
à procura
do sonho que o vento prometia.
Vão semear estrelas
na noite que a manhã apetecia.

A glória foi partir e foi chegar
ao cais lusitano da partida
e desatar
o véu da lenda onde nasce a vida.

PEREGRINAÇÃO

A diáspora começou
quando o primeiro lusitano
desceu das fráguas
e alongou
o cúpido olhar
no longo espelho das águas.

E foi assim que o mar
se fez arcano
da lusa gente,
fuga e semente
dum destino que não se conformou
ao estreito redil do continente.

Fernão Mendes Pinto e as emoções
de todas as eras
foram apenas o sulco das quimeras
desse apelo profundo
da nossa loucura.
Hoje são milhões
dispersos pelo mundo
peregrinos de pão e de aventura.

A SAUDADE

A saudade não se define
mas redime,
porque é nossa, portuguesa
como Sagres e o Marão.
É a dor servida à mesa,
vinho perfumado
a cantar o fado
nas lonjuras cativas da emoção.

A saudade
é partir ficando, a suspirar
na mágoa da partida
a ideia de voltar
ao alegre cais da despedida.

HOMBRIDADE

Há em Duas Igrejas e Vale de Lobos
dois marcos de pedra que são história,
dois homens grandes, verticais e probos
dois caminhos que se cruzam na memória.

Homens de um só parecer. A honra acima
das vaidades gratuitas de salão,
exilados na Pátria, que não rima
com a grandeza do seu coração.

Sá de Miranda na Quinta da Tapada
a colher decassílabos e espigas,
Herculano a lavrar sua avessada
foragido do Paço das Intrigas.

A hombridade é o aprumo do obelisco,
o mármore do caráter a lembrar
que nenhuma vontade tem aprisco
quando se não deixa dominar.

A PAIXÃO

O plasma é português.
O sangue, ácido,
é mouro e cristão.
Pedro e Inês,
Camilo e Ana Plácido,
a memória
dessa trágica união.

A ESPERANÇA

Povo sonhador
a sofrer as longas horas lentas
e a esperar
a nau do tempo que partiu em vão...
A esperança dobrou o Cabo das Tormentas
e é essa ilusão
na bruma da distância a acenar
que dá o pão
com que, resignado, te sustentas.

A esperança dos pobres é esperar.

O MILAGRE DAS ROSAS

Transformar o pão em rosas
é um ato natural
para quem é Santa
de Portugal.

O milagre verdadeiro
é que a Rainha levava
escondidas no seu manto
rosas em Janeiro
para consolar o pranto
dos pobres a quem amava.

Levar rosas em botão
assim num gesto de amor
vale mais do que dar pão,
porque *são rosas, Senhor!*

JOÃO DAS REGRAS

No tempo em que o país
podia ser herdado,
e um monarca estrangeiro se habilitou
à sucessão,
João das Regras mostrou
que o Mestre de Avis
era rei por direito da nação.

Não tinha as leis antigas do seu lado,
nem a nobreza, vinculada ao juramento,
mas tinha o povo ajuramentado
à nobreza do próprio sentimento.

O direito é a força da razão
como o fruto é da semente.
Portugal independente
pela força do direito e da nação.

RESTAURAÇÃO I

De lágrimas, os castelos
as quinas, a esfera armilar.
Miguel de Vasconcelos
a despachar
nas alcáçovas da nação.

O Povo e os Conjurados
a saudar
de braços levantados
a primeira
Restauração.

O MARQUÊS

Quando o destino é prematuro
há momentos imperativos:
enterrar os mortos e cuidar dos vivos,
a vontade é a urgência do futuro.

Que o rei fuja ao sinistro
sacudindo o sangue do seu povo
das dobras do gibão,
é acto de soberana magestade...
Lá estava o ministro
a levantar de novo
as velhas colunas da cidade.

E foi assim que a nação
perpectuou no bronze o entremês:
D. José cavalgando o alazão
de costas para a verdade,
enquanto o Marquês
confere a geometria da vontade
afagando a juba do leão.

MARIA DA FONTE

Maria da Fonte,
da fonte da rebeldia.
Nome de guerra, pendão
dum destino obscuro, mas indomado
a defender o chão
que os mortos haviam conquistado.

Maria plebeia
contra Maria rainha e seus demais.
Patuleia
de vontades descalças, a mostrar
que a força da aldeia
pode opor-se à força dos Cabrais.

Realidade ou mito,
recordação viva,
o seu nome ficou escrito
na fonte da memória coletiva.

ERA UMA VEZ

Era uma vez
um rei castelhano
que gostava de glosar
a pequenez
do agro lusitano.
E perguntou um dia,
ao nosso embaixador,
com aquela incisa ironia
que a soberba sempre encerra:
— «Lá na vossa terra
quando se levanta uma perdiz
aonde a vão matar?».
O embaixador
sentiu então
retinir na memória
a lição
do seu velho professor
(cada país
tem a grandeza da sua história)
e respondeu com emoção:
— «À Índia, Senhor!».

D. MANUEL II

Rei-Menino!

Assim te evoco e assim descobro
na minha lembrança
o teu destino.

Ensinaram-me em criança
que embarcaste em Outubro
no último bote da monarquia.
Mas ficaste teimosamente português
em chão estrangeiro,
ramo decepado que porfia
continuar inteiro.

E se foste o derradeiro
rei da última dinastia,
serás sempre o primeiro
do regime novo,
soberano que não desafia
a vontade soberana do seu Povo.

5 DE OUTUBRO

Agora que a República grita verde-rubra,
na rotunda da nossa ansiedade,
que sempre o sol nos cubra
da LIBERDADE.

Agora que o Povo desfraldou outro destino
no mastro enternecido da cidade,
que sempre esse gesto cante o hino
da IGUALDADE.

Agora que o sonho reencontrou a História
no cais ancorado da vontade,
que sempre esse abraço seja a memória
da FRATERNIDADE.

A DITADURA

Meio século de desumanidade.

Intervalo

entre o deve e o haver

da liberdade.

O cavalo

do poder

a assomar em cada esquina

da noite cavernosa.

Caxias, Tarrafal e Catarina

a cair baleada, com uma rosa

de sangue no ventre a escorrer.

O resto

foi incesto

do ódio e da opressão.

Orgasmo secreto de punhais

a vomitar vendavais

das sombras viscosas sem perdão.

25 DE ABRIL

Liberdade!

Fascismo, nunca mais!

Foi linda e pura aquela madrugada.

Os braços são abraços fraternais,
amigo, companheiro e camarada.

As palavras desatam as grilhetas
da longa servidão.

Irrompem os cravos das baionetas
a pintar de rubra cor
a ternura da emoção.

Jardins suspensos, ansiedade
a semear de amor
o dia da mudança.

Meu país de Abril em flor,

Terra da Fraternidade,

é nosso este sol e esta esperança!

AS VOZES

No silêncio cansado dos meus olhos
só as vozes eternas se levantam,
pálpebras despertas que sustentam
o barco antigo deste mar de escolhos.

Vem de longe o seu cantar de remos
a marcar o caminho,
rio de seiva onde ferve o vinho
da palavra-memória que tecemos.

CANTIGA DE AMIGO

*Muito me tarda
o meu amigo na Guarda!*

D. SANCHO I

Canto primeiro da lusitanidade
a cantar a saudade
de quem, longe, guarda
o amor que tanto tarda.

Canto primeiro do rei-povoador
a povoar de amor
a tarde que sempre tarda
quando o amor a guarda.

CAMÕES

Gigante-Adamastor!
Poeta imortal
da nossa gratidão
ainda e sempre a compor
sobre os rios que vão
o nome de Portugal.

FERNANDO PESSOA

Não te canto por cantar,
mas se te canto
é também para lembrar
o sincero fingimento do poeta,
e levantar
a sombra do teu manto
onde ferve a voz secreta
do Quinto Império.

Minha Pátria, minha língua.
Mistério
de colher estrelas e morrer à míngua
da distância onde o mar salgado
já não é o pinhal das *naus a haver*,
nem *o futuro do passado*
a acontecer.

MIGUEL TORGA

Miguel da Ibéria, Torga da Montanha,
homem de polo a polo, universal.

Rocha altiva do Marão,
erecta, inteiriça,
fincada no chão
de Portugal.

Orfeu Rebelde, escultor da palavra
perfeita.

Deu-se todo em cada verso
e cantou em legítima defesa
a fome sempre insatisfeita
de ternura e beleza.

Poeta total e celular,
fiel como um rio à sua foz:
poeta é o profeta que dá voz
à esperança do futuro que há de chegar.

II — Pátria, Memória Ferida

*Aqui, no ocaso do ocidente,
com o destino à ilharga,
só esta dor amarga
é memória do presente.*

PRANTO

Esvai-se o tempo na mágoa
deste tempo incerto.
Grito de água
a chorar no deserto

cada gota areia
lágrima infinita
onde o poeta semeia
o pranto que nele habita.

ESTA ANGÚSTIA

Esta angústia de saber que
a esperança é o sangue do futuro
(eu que tenho horror ao sangue
e a vaticínios imponderáveis como
o sulco do punhal sobre as águas)...

Esta angústia de saber que
é preciso rasgar as veias para
ver a gota do sol anunciado
(eu que tenho horror ao êxtase
e aos espasmos secretos da liturgia)...

Esta angústia é que me fere os olhos
como um dardo de fogo em ricochete
no coração da Pátria...

MEU PAÍS

Meu país de verão azul
o mar já não sossega
o sonho que em ti navega.

Meu país de outono triste
a ferver de mosto e de luar
com a alma em riste
de se afogar.

Meu país de inverno branco,
casas de neve ao sul
montanhas de cal ao norte
e os rios a chorar
a sua sorte.

Meu país de Abril em flor,
cheira a cravos, cheira a rosas,
orgia de amor
não consumado.
Meu país adiado.
E a primavera
ainda à espera.

Fogo

Arde a floresta neste verão
do nosso desencanto.
Sobre a terra nua
flutua
uma nuvem de cinzas e de pranto.

Arde o céu e a terra neste verão.
Meu país adiado
sem trabalho e pão,
barco encalhado
nos recifes do não.

Pátria sem rumo
já nem o mar é teu!
Arde a terra e o céu
em lágrimas e fumo.

Por entre vendavais
de lava, rio medonho,
soluça o meu país.
Chora também, D. Dinis
que já ardem os pinhais
das outras naus do sonho!

25 DE ABRIL

(Onze anos depois)

Uma flor e uma canção.

Poetas

no ser e no fazer

a Revolução.

Meu cravo vermelho esmaecido

minha *Grândola* calada

só nos resta a esperança sufocada

do sonho destruído.

A CROSTA DA IRA

Porque os rios não param, nem o tempo
rasga o pulso ereto dos vulcões,
e os pássaros não despem suas cores
nem os olhos bebem desta água,

porque o vento não canta nas portadas
das margens feridas da memória,
nem os caules rompem as montanhas
do desejo acumulado nas vidraças,

rasga tu a crosta desta ira
com o gume incandescente da esperança,
condição do sílex recusando
as infusas conivências deste charco.

ARREMESSO

Deixem que vos arremesse
o cascalho destes poemas.
Algemas
desatadas,
como um rio que ferve e amanhece
em crateras geladas.

DIA DE PORTUGAL

Dia de Portugal. Dia de Camões
e das Comunidades.
O Presidente distribui condecorações
na feira das vaidades.

País de heróis e de santos
à beira mar enterrado.
Nunca outra Pátria teve tantos,
assim, por atacado.

GLÓRIA EFÉMERA

O rosto do cartaz eleitoral
sobre um fundo de promessas, a sorrir
lembrava um maioral
a franquear as portas do porvir.

Vota! O apelo era um alaúde
a embalar a mansidão do povo,
haverá trabalho, habitação, saúde,
vamos construir um país novo!

Mas o vento lépido, ingrato
daquele domingo de eleições
ia desfazendo o candidato
em cruéis, frenéticos rasgões.

E quando a noite desceu
um varredor indeciso,
sonâmbulo, varreu
os últimos detritos do sorriso.

CONTRASTE

Nos restaurantes
de insólito luxo
os governantes
e acompanhantes
enchem o bucho.

O criado, de fraque,
serve o conhaque.

Nas casas pobres
do país real
a fome canta
na garganta
de Portugal.

Nos bairros de lata
a fome mata.

O DEPUTADO

O deputado era novo e não sabia
a geografia
do velho Palácio de S. Bento.
E quando a câmara discutia
o seu próprio vencimento,
sentiu um travo de azia
a subir-lhe do almoço succulento.

Levantou-se, apressado
enquanto o orador
cavalgava o ginete
do seu último argumento.
O contínuo, atento
apontou o dedo indicador:

A retrete
é ao fundo do corredor.

AS INSCRIÇÕES

Gritam nos muros os apelos
as promessas e protestos
em confusa desgarrada,
enquanto a cal dos gestos
se derrama nos cabelos
da pintura atraíçoada.

E, assim, de tanto gritar
tantas promessas em vão
é o próprio grito a rasgar
os murais da Revolução.

AOS EUROCRATAS

Permitam, senhores
que um anónimo poeta português
vos fale da sua Pátria
e de uma velha árvore plantada
no arraial do seu Povo
em mil cento e quarenta e três.

A Pátria, deixem que vos conte,
é emoção,
íntimo enlevo
de poder chamar irmão
a quem bebeu na mesma fonte
esta lusa língua em que escrevo.

É uma teia de vontades ancoradas,
de ânsias e lutas partilhadas
no chão da mesma cultura,
luminoso rio de tantas gerações,
eventos, tradições,
cujas águas passadas
são o Sol da nascente que perdura.

A Pátria é o lugar onde me sinto vivo
porque me reconheço na doce fala dos outros.
Espaço intemporal da alma e do amor,
sagrada herança
a percutir a memória como um sino festivo.
É a gesta do meu Povo-sonhador
a lavrar o chão nativo
com a espada e o arado da esperança.

Se eu pudesse figurar a Pátria
diria que é aquela velha árvore tutelar
do adro-coração da minha aldeia
onde aprendemos a decifrar
a nossa profunda identidade,
porque à sua volta se reúne o Povo
e as suas raízes são os nossos braços
sorvendo a Terra-Mãe da liberdade.

Agora querem dar-me uma Pátria maior,
uma pátria de língua alheia.
Mas a Pátria não se decreta, palpita em nós
como a chama ardente de uma nobre ideia.

Senhores:

Sou ibérico, europeu e universal,
porque sou singularmente português.
Por isso não cortem a árvore da minha aldeia,
certidão matricial
plantada pelos avós dos meus avós
em mil cento e quarenta e três.

PROTESTO

Neste tempo de mármore jacente
que corta de remorso o pensamento,
neste tempo de usura, parra e vento
que nos fere como espada incandescente,

neste tempo bastardo, acomodado
onde a Bolsa decreta outros valores,
neste dócil país de professores
nem um mastro se vê alevantado.

Neste tempo em remota combustão
das raízes em brando lume esquivo,
neste país mais morto do que vivo
que espera da Europa a salvação,

neste tempo precocemente lesto
com seu rude perfil de Adamastor,
neste dia aziago e incolor
fique ao menos aqui este protesto!

III — Pátria, Memória à Espera

*Aqui
à beira-dor da lembrança
que a nossa fome entristece,
ainda remanesce
uma malga de esperança.*

PÁTRIA, MEMÓRIA À ESPERA

Pátria, memória à espera.
Longínquo fio
a indicar o rumo
do outro mar da quimera.

O fio será prumo
e o mar, navio
em demanda da nova Primavera.

ONDE A MEMÓRIA ACABA

Onde a memória acaba
no espelho do tempo

onde o vento amanhece
verde sobre as searas

onde o pensamento desagua
exangue no céu incrédulo

onde a voz tem a forma imperativa
de estalactites sonoras

onde, enfim, o sinal espera
oculto sobre o fogo

aí estaremos, como a seta
no arco tenso do futuro.

Portugal!

FINALMENTE, AMANHÃ

Ontem foi o sofrimento de não termos
a grandeza do nosso sofrimento

Hoje é a mágoa de sentirmos
que os outros não sentem a nossa mágoa

Finalmente, amanhã
será o tempo de recordarmos o futuro
sem a recordação amarga do passado.

O ENCONTRO

Terra verde pontoada de papoilas.
Caminhos, sombras, vivências,
volúpia de pinhais, prenúncio
da fraterna madrugada.

Mar azul semeado de lembranças.
Ecos dos rios, constelações de bronze
revérberos de sol, a ferida acesa
no rosto iluminado de metáforas.

Oito séculos de fome. Rútilo roteiro
à espera do nono. O nócio
de outros portulanos, a marcar
a íntima palpitação dos astros.

Tensas, as sílabas da memória. Searas,
espiga a espiga decifrando
o tempo ondulante
do encontro.

RESTAURAÇÃO II

O dia virá
sereno e promissor, como as caravelas
de regresso ao cais nativo.
Subirá o Tejo e os velhos rios
da esperança antiga
até aos Hermínios da memória
onde acena o Mestre-Capitão,
Viriato, de seu nome.
A marinhagem trepa à gávea da manhã,
são os heróis anónimos, são o povo
ao leme de Sagres.
O povo que lavrou a courela da Pátria
levantou ermidas e castelos
e bordou a rude pedra das montanhas
nas Batalhas e Jerónimos do futuro.
Erguem-se, fúlvidas, as ameias de outrora,
Guimarães reconquistada
sobre o musgo da história, e são bandeiras
a fecundar o vento,
pólen do desejo, o vinho
dos campos e bosques acordados,
aventura de reencontrar
o Portugal português
na amurada do tempo.

FOGO ANTIGO

Na memória das ameias derribadas
a seteira do sonho permanece,
fogo antigo na ponta das espadas
que já não queima, mas ainda aquece.

Desço ao terreiro de vento adormecido
subo à torre sineira vigilante,
meu íntimo assédio presentido
na lonjura do tempo transumante.

Os rios

Vejo rios na esperança que porfia.
Entre o céu e a terra a Pátria espera
o signo, o sinal e aquele aceno
do mar quando o vento o desafia.

TEJO:

caminho onde a saudade é recomeço.
Marítimo desejo
de ser outra vez
uma vela levantada em arremesso
e o cais dum destino português.

DOURO:

corrente do metal precioso
tatuado na garganta do país,
a fecundar, dadivoso
o casto granito da matriz.
Vindimador de sonhos e de mágoas,
nas tuas águas
palpita ainda a seiva da raiz.

MONDEGO:

a mátria nascente onde molhou
o pão do seu desassossego
Viriato, Rei dos Lusitanos.
Mas a fome redobrou
e uma *Estrela* apontou
ao futuro a vocação dos oceanos.

A ESPADA

*O Presidente da República presidiu
em Coimbra, às comemorações nacionais
do VIII centenário da morte de
D. Afonso Henriques. Diante da espada
do Rei Fundador...*

(dos jornais)

Oito séculos depois
A espada da nacionalidade
brilha ao sol de inverno.
Gládio de aço puro,
certidão de idade
do Portugal eterno
a avivar
a memória do futuro.

Coimbra, 6/12/85

(Página deixada propositadamente em branco)

VII

NOBRE ARQUITETURA

(Página deixada propositadamente em branco)

Aos que lutaram e morreram
pela Liberdade
pela Igualdade
pela Fraternidade.

A todos dedico este poema
em fraterna cadeia de união:
Não morre quem tiver por lema
fazer de cada homem seu irmão.

*Plante-se a acácia, o símbolo do livre,
Junto às cinzas do forte:
Ele foi rei — e combateu tiranos —
Chorai, chorai-lhe a morte!*

ALEXANDRE HERCULANO — *A Harpa do Crente*

Eu vi a luz em um país perdido.

CAMILO PESSANHA — *Clepsidra*

*É uma ponte de sonho que te lanço...
Passa por ela, irmão!*

MIGUEL TORGA — *Nihil Sibi, Cântico Fraterno*

*Ergo a taça à altura da Palavra
e saboreio, sílaba a sílaba,
o doce vinho da Fraternidade.*

A. A.

*As palavras são pedras (...)
O que nelas vive é o espírito que por elas passa.*

VERGILIO FERREIRA — *Aparição*

Trabalha a pedra e encontrarás a Palavra.

A. A.

I — Nobre Arquitetura

Cobre o Templo das sombras indiscretas.
Entre o meio dia e a meia noite
a palavra retoma o esplendor da luz.

* * *

Com o nível me conheço e te respeito.
Assim o mar compreendesse
a humilde finitude do navio.

* * *

Um rumor de cristal levantou-se do silêncio:
— música invisível sobre a espuma
das palavras somente murmuradas.

* * *

Na esquadria das linhas ancestrais
descubro a harmonia e o exemplo
de como se levantam as catedrais
de como se constrói o novo Templo.

SEI O TEU NOME

Sei o teu nome.

Soletro-o como quem recorta no silêncio
a luz íntima dos espelhos.

Mas não conheço o teu rosto
nem a secreta ondulação do manto
que cobre o teu pudor de última vestal.

Sei apenas de ti
pelos sinais ocultos que semeiam
a lenda cerzida pelos séculos.

Por isso te procuro
pedra a pedra como o limo das palavras
deixadas pela lenta floração do Tempo.

O VERBO

Conjuga o verbo amar
— só o amor é verdade —.
Conjuga-o na exaltação
da luz primordial que te invade
como um cântico o futuro em construção.

Conjuga o verbo amar.
Conjuga-o como quem reza
uma oração:
Ama a Natureza,
o Homem, a Pátria, a Humanidade,
as quatro colunas que são
os pontos cardeais da eternidade.

Conjuga o verbo amar
e faz dessa conjugação
o Arco do Triunfo da vontade,
infinito verbal da perfeição.

MESTRE

Se me quiseres encontrar
procura-me entre o esquadro e o compasso.
Procura-me no lugar
onde o cinzel e o maço
da imaginação
talham a pedra angular
do Templo de Salomão.

ACÁCIA

Conheço a flor da acácia e os sinais
das colunas do Templo.
Sei ler nos símbolos e nos rituais
o mito de Hirão e o seu exemplo.

Conheço a distância do ocidente a oriente
e do Zénite ao nadir.
O mistério é o segredo que se sente
mas não se pode exprimir.

Abro o Livro Sagrado no altar
e com o esquadro e o compasso
descubro a vida que só tem lugar
na íntima comunhão do nosso abraço.

RITUAL

Por sinais e palavras te conheço
e decifro a tua condição.
Vem, que te mereço,
meu amigo e meu irmão.

Soletra a palavra fecunda,
letra a letra, sem rubor nem medo.
Diz a primeira, que eu direi a segunda,
é nosso e só nosso este segredo.

E assim, renovado o juramento
sob a grande ogiva intemporal,
seremos a pedra e o cimento
do novo mundo, livre e fraternal.

CONSTRUTORES

O aprendiz corta a pedra e afeiçoa
as impuras asperezas, barro inútil,
até que a pedra ganha a forma
da promessa que fulge nos seus olhos.

O companheiro afaga o bloco e traça
com o esquadro, a régua e o compasso,
a rigorosa esquadria que transforma
uma pedra na metáfora da vida.

Finalmente, o mestre toma o prumo
a oriente do pórtico e confere
pedra a pedra a vertical do mito:
o Templo começa a ser verdade.

NOBRE ARQUITETURA

Instrumentos da nobre arquitetura
que sejam hoje e sempre os teus sinais.
A vida é construção e aventura,
levantemos as novas catedrais!

Com o cinzel recorta a luz suprema
sobre a pedra angular de cada passo
e transforma essa luz em diadema
cingindo a Humanidade num abraço.

Com a régua traça a retidão
das palavras e atos que semeias.
Conforme trabalhares assim serão
os frutos da seara que granjeias.

Com o esquadro procura a confluência
das linhas vertical e horizontal
e descobre a esquadria onde a essência
do mito se transforma em ritual.

Com o compasso alarga a geometria
do sonho que germinas acordado
e rasga outras naves de utopia
no Templo, infinito do passado.

Com o prumo afere a consciência
que te há de guiar em cada instante.
No barro da humana contingência
grava o rosto da aurora triunfante.

Com o nível remata a arquitetura
em beleza, justiça e comunhão.
Na pedra dos dias, tosca e dura
deixa a marca da tua perfeição.

(Página deixada propositadamente em branco)

II — Verbo Infinito

LINHA RETA

As trevas caíram sobre a cidade, e o Templo
tremeu três vezes quando o sangue do Mestre
ensopou de traição a tarde enovelada
com o seu corpo jazendo no porta do oriente.

Do zimbório inacabado levantou-se um triângulo
de fogo amotinado como um grito,
e uma pomba branca de luar infindo
perdeu-se no céu de lágrimas salgado.

Alguém recolheu esse sinal
onde Orion indica o caminho do devir
e deixou-o como herança aos homens livres
que acreditam no cimento da palavra.

Por isso a construção do Templo continua
com força e vigor à espera que o Arquiteto
venha conferir os trabalhos e pagar o salário
aos que guardam intacta a Arte Real.

Esperamo-lo ao sinal combinado,
esquadria de luz com que os obreiros
gravam a linha reta em cada pedra
do Templo perfilado no granito:

Só a linha reta ousa o infinito!

VERBO INFINITO

Há primeiro uma claridade como
o indeciso acontecer do dia,
e depois uma luz que se faz como
de desejo que nunca se sacia.

Há no ar um perfume, uma harmonia
de silêncio cortado num assomo
da palavra que diz o que dizia
o segredo das vozes que retomo.

As sílabas do tempo em transumância
dão ao Sol e à Lua o rosto puro
que fecunda o mistério renovado.

Triângulo remoto da Distância,
o passado, o presente e o futuro
num só verbo infinito conjugado.

GEOMETRIA

A minha ciência é a geometria,
mãe de todas as artes.
Com ela traço o triângulo, a esquadria,
meço o todo e as partes.

Desenho a base e calculo a altura
das colunas da abóbada celeste,
linhas paralelas à procura
do lugar do encontro além do leste,

encontro inevitável e secreto
como um sonho submerso
onde a bissetriz do ângulo reto
é o Grande Arquiteto do Universo.

A ORIENTE

A oriente, a lua espera
que o sol a fecunde
de eternas íntimas certezas.

A ocidente, sobre as colunas
três romãs despertam
a luz que o tempo não consome.

Só a verdade apaga a nossa fome.

TRILOGIA

Escrevo LIBERDADE, e a emoção
é uma espada de luz que se levanta
da noite rumorosa das batalhas.

Escrevo IGUALDADE, e a palavra
é uma rosa rubra que floresce
na ternura infinita do poema.

Escrevo FRATERNIDADE, e é o próprio Sol
liberto em nossas almas como um sino
tangendo a hora pura do resgate.

PEDRA-PALAVRA

Trabalho a pedra bruta, afeiçoando,
como vento penitente as impurezas
que ferem a harmonia do universo.

E assim a transformo em pedra cúbica,
a letra que falta na palavra
perdida no silêncio das acácias.

Tomo outra pedra, outra ainda e construo,
pedra e letra no seu lugar exato,
o sonho antigo, ogiva-catedral.

Alguém decifrará esta mensagem
como uma flor azul desabrochando
sílaba a sílaba no mármore do Tempo.

DÉCIMO OITAVO POEMA

Tenho trinta e três anos, a idade
em que mataram Jesus.
Ocultas, no interior das vozes,
digo as mesmas quatro letras
que foram gravadas na cruz
pelos seus algozes.

Venho do oriente e do ocidente,
minhas mãos cruzadas sobre o peito,
meus olhos levantados para o céu.
Os trabalhos recomeçam
no instante exato
em que a palavra sagrada se perdeu.

Na aura do silêncio desperto
há um pelicano sobre
o círculo do pensamento
onde um compasso aberto
ilumina a rosa nobre
na paz profunda de uma cruz ao vento.

O PÃO DA PALAVRA

Trabalhamos a pedra como ensinaste,
fraternalmente repartindo
o pão incessante da palavra.

Trabalhamo-la com este saber oculto
que só tem por testemunha
o rigor dos gestos cinzelados.

Um dia colocaremos a pedra
no lugar exato onde a memória
do teu corpo se levanta redimido.

Então uma árvore crescerá a oriente
e o Sol desaguará como um rio
no invisível coração da vida.

A LUZ

O vento precede a tempestade.
A luz é anterior ao ser.
Toda a matéria é verdade
quando à noite sucede o amanhecer.

A luz que eu procuro, penitente,
no rosto das sombras sem emenda
é a verdade que se sente
antes da palavra que a desvenda.

ÂNGULO MATRICIAL

Com o esquadro conjuga
a linha horizontal e a vertical,
e no centro da cruz,
ângulo matricial
da retidão,
fixa um braço do compasso
e desenha o espaço
onde bebem a luz
os discípulos de Hirão.

LUGAR ONDE

Este é o lugar do encontro
íntimo e fraterno como o ninho
onde a esperança renasce em cada voo.

Este é o lugar onde o silêncio
é uma sinfonia de luar ardente
como o fogo interior das horas vivas.

Este é o lugar onde a palavra
desperta a geometria dos gestos
puros como o sorriso da semente.

Este é o lugar onde uma luz
acorda a emoção do infinito
como harpa tangida pelos deuses.

Este é o lugar onde.

(Página deixada propositadamente em branco)

III — Aurora Triunfante

CANTO

Canto a aurora que lavra a oriente,
como um fogo as promessas do passado.

Canto o presente
no futuro que irradia
do júbilo do tempo regressado.

Canto o novo dia:
o presente é o futuro do passado.

POEMA OCULTO

Não sei como dizer
esta emoção de mim.
Rubra flor abóbada de aço
fonte de luz poema oculto.

Calo o silêncio e penso
que no Livro da Lei aberto
há um sinal preciso
do fogo que rompe das palavras.

A oriente, como num sonho azul,
uma cítara enlaça a noite
de constelações de luar ardente.

RIMA ABSOLUTA

Quero rimar amor com humanidade.
A rima é harmonia,
ritmo, palpitação,
a alma pulsátil das palavras.

Por isso quando escrevo paz-fraternidade
é como se as estrelas cantassem
irmanadas no coração do homem.

As palavras são a respiração da vida.
Mas há ainda uma palavra-chave
oculta no rumor do tempo
como a seiva das acácias desfolhadas.

Procura-a como quem procura
a rima absoluta que só Deus sabe
porque escreve sempre no infinito.

EXALTAÇÃO DA LUZ

Um rumor de passos conjugando
as sílabas de Hirão em cada gesto
por entre as colunas vigilantes.

Uma águia bicéfala rasgando
a vertigem das sombras tatuadas
no hermético rosto das esfinges.

E um ressoar de espadas exaltando
a luz finalmente desfolhada
como um levante inciso de promessas.

MISSÃO

Descobrir a palavra perdida
nos escombros do Tempo.

Aprender em cada símbolo
o morse da verdade.

Escavar cada pólen de luz
na fundura acesa da emoção.

E urdir com a teia do mistério
O manto harmonioso das estrelas.

DELTA

Trago o Delta irradiante sobre o peito
Como vela enfunada pelo vento:
Triângulo equilátero perfeito
sublime raiz do pensamento.

Pensar é agir, o mundo é teu,
ruma o Tempo na enseada do infinito:
entre a bruma do mar, a terra e o céu
desflora as alvas pétalas do mito.

PARAR O TEMPO

Parar o tempo. Tornar perene a efemeridade da palavra, da gramática dos gestos, do tropismo dos passos, do triângulo da luz, da oculta geometria dos astros.

Parar o tempo. Escavá-lo com a ternura das mãos em prece, envolvê-lo pela música mutante das vozes remotas e introduzi-lo na medula da consciência, no espaço do desejo, entre o sulco gravado na ara das fontes e a pedra mítica do poema inacabado.

Parar o tempo. Repetir a palavra, os gestos e os passos da aurora primordial, como um rio de lava na intermínua corrente do pensamento.

É esse o ritual: refazer os signos na roca do tempo, enrolando a estriga do êxtase na eternidade renascida em cada pedra talhada pelo calor das nossas mãos resgatadas.

A eternidade é a repetição dos actos numa cadeia inumerável de elos singulares. É o efémero tornado absoluto pelo halo invisível que paira, como cântico sagrado, nas fontes intemporais da sabedoria.

Também os rios são eternos. Não há foz do esquecimento que cale as pal-pitações da nascente.

AURORA TRIUNFANTE

Habita em mim o silêncio das palavras caladas por Mestre Hirão quando três maus companheiros o mataram para lhe roubar o santo-e-senha da Criação. Noite infinita, sem a música do vento nem o cântico dos rios navegados, onde o próprio Tempo esconde o seu rosto invisível.

É preciso descobrir essas palavras perdidas nos escombros do Templo de Salomão, e reuni-las na fórmula harmoniosa usada pelo Mestre para reconciliar os deuses com os homens. Cada palavra é uma chave secreta do mistério indizível, do Sésamo onde a verdade se oculta como uma virgem vestida de infinito, à espera das vozes libertadoras que um dia cantarão a aurora triunfante.

Há três mil anos que os discípulos de Hirão procuram a ponta deste fio de Ariane, escutando o gesto lento dos compassos, tateando a respiração das estrelas, arrancando o musgo das catedrais, levantando novas colunas e pirâmides no rasto ferido da memória. Procuram-na em cada pedra lavrada, em cada nota de uma sinfonia, em cada trama de um verso, em cada interstício do acaso, em cada pétala da rosa dos ventos, em cada murmuração do sonho, em cada afloramento dos seus trabalhos oficinais.

Se ao menos eu encontrasse a primeira palavra para abrir o caminho! O caminho que se inicia num pórtico triangular iluminado por vestais de névoa ardente e ladeado por uma aura azul de obreiros suspensos dum volátil esquadro de ouro. Talvez a palavra me surja no âmago de um poema, no palpitar duma sílaba, na geometria de um gesto, imprevista e deslumbrante como uma gota de sol irrompendo da emoção do nível.

Por isso a procuro, incessantemente, como um cego a luz, um faminto o pão:

Procuro a primeira palavra
calada por mestre Hirão.

Talvez amor

Talvez irmão...

ÁRVORE

As raízes são a mão invisível da História, com os longos dedos enlaçados no húmus da sabedoria remota, memória arcaica de que se alimenta o rio subterrâneo do inconsciente coletivo e luz do pensamento transfigurado.

O tronco é de mármore ático burilado pelo incessante peregrinar dos séculos, coluna sagrada onde a lua recolhe a grafia estelar da essência do Tempo.

As folhas, de louro iluminado, são asas abertas à emoção da Distância, como os cânticos gloriosos de que sempre se teceu a gesta ímpar dos audazes que deram chão à utopia.

As flores são a acácia dourada, a cor do sonho ancestral da beleza, da igualdade e da justiça, que o vento da fraternidade faz ecoar pelas naveas radiantes de todos os Vales da Terra.

O fruto é a romã, símbolo púrpuro da fecundidade das ideias generosas, da comunhão universal e da harmonia das vozes ocultas que urdem o júbilo da palavra e tangem as harpas da aurora triunfante.

É esta árvore, irrompendo como um poema do silêncio das sombras, que trago insculpida na alma, sinal da profunda identidade com todos os homens, meus irmãos, pelo nascimento, pelo juramento e pelo usufruto comum dos bens inapropriáveis: o sol que nos ilumina, a paisagem que nos deslumbra, o ar que nos sustenta e o mar — o mar infindo — onde navega o sonho dos obreiros que plantaram o mito sob cuja ramagem triangular os deuses esperam o Dia do Encontro.

INTÉRMINO CAMINHO

Vimos de Sempre, da infância do Tempo,
quando o silêncio era ainda o espaço invisível
entre um ramo insepulto da acácia florida
e as vozes cativas na folhagem das águas.

Vimos pelas margens do Nilo e do Jordão,
pelo mar de mistério de Ceres e Elêusis
aprendendo com Pitágoras, Zoroastro e Salomão
a traçar o gráfico do cósmico segredo.

E vamos para o sempre, intérmino caminho,
à procura da palavra sagrada, da Harmonia
das colunas plantadas no chão do Infinito
tecendo a púrpura das romãs despertas:

Gnose iluminada no musgo dos oráculos,
como um Sol acordando o coração do homem.
Tomemos as espadas — um rumor de cristal
marca a hora nas ogivas do futuro.

DEUS MEUMQUE JUS

Foi-se a noite como quem levanta um véu.
O Sol da manhã ilumina o universo.
Entre a terra e o céu
sopra um vento do pólen disperso.

Reúne essas moléculas do nada
na palma sempre aberta da razão.
Uma palavra alada
corta o silêncio da respiração.

Toma essa palavra, finalmente luz,
o verbo inicial, a essência, o ser.
Deus Meumque Jus,
o suave sabor do seu saber.

VIII

O PÁSSARO AZUL

PRIMEIRO POEMA DE NATAL

Nunca escrevi um poema de Natal.
E contudo sinto nesta noite fria
um calor tão grande, uma ternura tal
que até a minha descrença se extasia.

Um poema sagrado,
denso e profundo,
é fogo murmurado, cântico de fé...
Ora eu sei que Jesus de Nazaré
foi apenas um Justo atormentado
com as injustiças do mundo.

Ah! Como eu gostaria de acreditar,
neste tempo insano,
no mistério da Natividade:
um Deus que por amor se fez humano
para salvar
esta pobre e perdida Humanidade...

FOGUEIRA APAGADA

Não há luar nem loucura
nesta breve consoada.
Apenas a lonjura
da noite sobre as cinzas
duma fogueira apagada.

Mas um pássaro esvoaça
azul na imaginação.
Abro-lhe o peito e regresso
ao tempo primordial
com uma rosa na mão.

Minha rosa, meu rosário
Desfolhados como a vida
Que nunca me deu razão...

ESCREVO NATAL

Escrevo Natal e lembro-me das crianças,
das crianças pobres, abandonadas,
que só têm a ternura do Sol
nas praças onde crescem suas lágrimas.

Escrevo Natal e lembro-me dos velhos
sem um braço amigo uma palavra
gritando em silêncio a sua mágoa
como as árvores antes de morrer.

Escrevo Natal e lembro-me do sofrimento
dos que vivem nas trevas do luto
por terem matado as suas vidas
quem podia dar-lhes um pouco de luz.

É noite na minha alma neste dia universal
por tanta injustiça sem remorso à solta.

TENHO FRIO

Tenho frio, porque está frio e porque há gente
para quem o frio não é uma metáfora.

O inverno mora neles todo o ano
mesmo nesta noite em que se acendem
todas as lareiras, todos os mitos
da tradição cristã.

Tenho frio, porque outros sofrem a solidão
sem uma palavra, um afago, uma lembrança,
ou sequer um casaco, um cobertor,
uma malga quente de conforto
que os faça acreditar
na mensagem fraterna de Belém.

E quando os sinos tocam, anunciando
o nascimento do Messias
e do mundo novo que sonhou,
viro-me para oriente e ergo as mãos
num misto de prece e de protesto
pelo mundo velho que o negou.

MILAGRE

O milagre acontece cada ano
quando Dezembro estiola de cansaço.
Vejo Maria deitada sobre a dor
e uma estrela a fulgir no seu regaço.

Nasceu uma criança a que chamaram
primeiro Emanuel depois Jesus
e o mundo ficou outro, um mundo novo,
suspenso para sempre de uma cruz.

ORAÇÃO (I)

Vem

Menino-Jesus da minha infância.

Vem, como outrora,

apagar esta ânsia

da imaginação.

Vem, que preciso de ti agora

para tecer a fragrância

deste poema em forma de oração.

Vem

ainda que seja apenas

pelo tempo fugaz

duma estrela caída.

Tenho rosas, cravos, açucenas

tenho pão e vinho e o que faz

desta noite o símbolo da vida...

E eis que da fogueira do passado

uma chispa se levanta como um grito.

Será que me ouviste, ou é somente

o desejo transformado

na semente

que fecunda a minha sede de infinito?

ORAÇÃO (II)

Vem, Jesus-Menino
resgatar a esperança
deste tempo vencido pelo mal.

Vem:

quando tocar o sino
quero voltar a criança
e sentir outra vez que é Natal.

Vem, sereno pastor,
Vem de mansinho
Como quem acende a luz do dia.

Vem:

que a paz e o amor
sejam o pão e o vinho
da nova e fraterna eucaristia.

MÚSICA SUAVER

Música suave como a neve
caindo devagar
no espaço breve
de um sonho prestes a acordar.

Uma flauta chora
nesta noite fria.
O vento canta lá fora
a mesma sinfonia.

E eu aqui fel e vinagre
sem ter consolação,
quando, afinal, o milagre
é ouvir o coração.

UMA VEZ NA PALESTINA

Quando me aqueço
à fogueira do Natal
todos os meus antepassados
estão comigo.

Só por isso vale a pena
esta noite de ilusão.
O Tempo regressa ao tempo
onde a memória começa.

Mas será mesmo ilusão
sentir de novo o milagre
da infância a crepitar
na lareira do passado?

Minha dor, minha saudade
e meu avô a contar-me
para eu não adormecer
«uma vez na Palestina»...

UMA VEZ

Havia uma luz sobre Belém
tão intensa azul e natural
que parecia vir duma janela aberta
na negrura do espaço intemporal.

Esvoaçou primeiro sobre a cidade
pétala de sol pomba celeste
e depois desceu suavemente
no casebre onde o verbo se cumpriu.

Então Maria veio à porta
a pomba entrou e foi pousar
mansamente no sonho que nascia:
O Menino abriu os olhos e sorriu.

NATIVIDADE

Todos os anos a esta mesma hora
não há tempo nem distância:
como se fora ilusão
o sonho da minha infância
desce nas asas da noite
e vem aquecer-me a solidão.

E o milagre acontece:
o Menino vai nascer
por misteriosa opção
do ventre duma mulher,
e vai ser
nosso Deus e nosso Irmão.

É só uma alegoria.
Mas o milagre é assim,
torna real a poesia
que pulsa dentro de mim.

NATAL PROFANO

Vou contando os dias de Natal
como quem faz uma prece
a um Deus imaginário.
Contas do meu rosário
que já não me ilumina nem aquece.

É assim ano após ano.
Perdida a fé, só me resta
esperar o Menino que não vem
ajudar à festa
do meu Natal profano.

Fique ao menos este poema
breve e magoado,
como um suspiro de quem desfolha
as pétalas do Tempo consumado.

NESTA NOITE

Nesta noite tão longa como o longo
inverno que me cobre de incerteza,
nesta noite tão fria como o frio
que enregela minha alma de tristeza,

nesta noite granítica, cortada
por socalcos de neve e claridade,
nesta noite antiquíssima, serena
como um barco sulcando a eternidade,

é que eu me pressinto caminhante
no deserto confuso e sem destino:
o milagre já não volta como outrora
trazer-me a companhia do Menino.

POEMA BREVE

Era uma noite igual
às outras que o Tempo vai deixando
perdidas no mar do esquecimento.

Mas a alegria do meu neto
disse-me que sim, era Natal!

TODOS OS DIAS

Natal é esperança,
sabor a pão e a Sol,
nossa comunhão inadiável.

(Todos os dias um pássaro canta
no mastro mais alto da manhã).

Natal é amor,
rio intérmino que vem
da fonte da nossa sede.

(Todos os dias uma vela acena
na margem de todos os destinos).

Natal é semente,
luz abraço promessa
a fecundar o vento.

(Todos os dias uma estrela acende
fraternalmente o coração do Homem).

Natal é a palavra sagrada
o lugar onde o futuro
quebra o silêncio da noite.

(É urgente decifrar estes sinais
para ser Natal todos os dias).

A PALAVRA

Há palavras vazias sem sentido,
inúteis como folhas mortas
tão gastas que são apenas
sombrias dum tempo naufragado.

Palavras que perderam a memória
de tanto serem ditas em vão
tão fúteis como o limo das ideias
traídas pela hipocrisia das bocas.

Mas há outras como a palavra Natal
que resistem à erosão do olvido
e permanecem tensas luminosas
como a pura alegria das estrelas.

Palavra — rosto de Cristo gravada
no pórtico de cada dia:
quem passa e não sente esta mensagem
perdeu-se de si no silêncio das trevas.

REGRESSO

Descrente me confesso
caminhante perdido
na encruzilhada.

Mas às vezes regresso
solitário mendicante
onde a noite se fez luz.

Natal é retornar
ao tempo onde o mistério
tomou a forma de cruz.

SE CRISTO VOLTASSE

Tempo amortalhado
pelos matadores da esperança.

Tempo sem exemplo:

Se Cristo voltasse
quem expulsaria agora do Templo?

A ORIENTE

Há vinte séculos, pontualmente,
nesta noite, a esta hora,
na abóbada do céu, a oriente,
uma Estrela fulge, cor de opala.
Mensageira do amor, o próprio Tempo
suspende a respiração a escutá-la.

A Natureza pára, até o mar
não tem bramido que se afoite.
E o vento emocionado vai pousar,
como uma flor,
mansamente nos ombros desta noite.

Só o Homem não pára a contemplar
o sinal do céu e continua
indiferente ao abraço da Distância,
rês perdida que flutua
à tona desmedida da ganância.

AMANHÃ

Este é um dia diferente. Há uma luz
de esperança lavrada em nossos olhos.

Um menino que nasce é sempre um Deus
porque a sua verdade é a força do futuro,
como um barco que parte à descoberta
das puras radiosas manhãs a haver
onde os homens façam roda e cantem
à volta da fraterna fogueira da paz.

Creio nesse Deus humano e indulgente
como a suave murmuração das árvores.
Creio na sua doutrina que nos manda
amar os outros como irmãos,
seu único mandamento,
que se há de cumprir
tão certo como esta hora de ternura
que amanhã e sempre tocará de novo
o coração do homem.

DEZEMBRO

Gravitação do tempo seiva alada
palavra navegável até onde
a memória remonta e amanhece

Amadurecer de leivas claridade
da alma quando olha e reconhece
no outro o próprio rosto iluminado

Visível do invisível corpo ausente
da verdade que procuras e não sabes
que brota de ti como um suspiro

Metáfora da vida: cada ano
Dezembro recolhe o fruto nado
na ara do Tempo renascido

Há um pássaro azul à espera que lhe abras os umbrais do peito para pousar no teu coração. É um pássaro, porque quer dar asas à memória e fazer-te recuar ao tempo em que a inocência incendiava os teus olhos de criança. É azul, porque é a cor do céu primordial quando os anjos brincavam com as estrelas.

Todos nós temos um pássaro azul à espera. Se olhares à tua volta vê-lo-ás no alvor de todas as manhãs, na ardência de todos os ocasos, na saudade de todos os cais, na floração de todas as árvores, na teia de todos os cânticos e, até, no teu próprio rosto quando a alma te for o espelho de todos os sorrisos.

E não digas que o pássaro azul é uma simples parábola, uma imagem poética. A poesia é também a forma de dizer o indizível, de tocar a verdade que se sente, mas não se exprime, como um fogo que desenha na noite o perfil do infinito. Toda a chama excede a matéria que a alimenta, tal qual a eternidade, que não cabe na cinza acumulada de todos os séculos.

Se ainda não sentiste o sortilégio do pássaro azul e queres saborear a paz da descoberta, acolhe-te a um lugar ermo, de preferência ao regaço de uma Montanha, onde foi proclamado o Sermão do Homem, e espera tranquilamente o nascimento do Sol.

Verás, primeiro, a púrpura de uma auréola emergindo do Oriente, como um mastro na Distância, e depois, se bem atentares com os olhos da alma, um triângulo azul que, gradualmente, tomará a forma do pássaro perdido da tua infância.

Então saudarás o Novo Dia com aqueles versos emblemáticos de Fernando Pessoa:

*Bendito seja o mesmo Sol de outras terras
que faz meus irmãos todos os homens.*

(Página deixada propositadamente em branco)

IX

OUTROS POEMAS

Convalescente de tantos desatinos,
por que me desafia, vento valdevinos?

* * *

Reincidir é ir de novo
aonde o arrependimento nos espera.

* * *

Sem dono
o vento embriagado
é um fauno sobre brasas.

No outono
até as folhas mortas
têm asas.

* * *

Folhas mortas sobre a lama
onde passei,
é tudo o que resta
da festa
que sonhei.

Sozinho
no meio da multidão,
como quem voa,
é que a solidão
magoa.

Voa, borboleta,
em cada flor, amizade.

Mas a brisa fez-se vento
e o vento, tempestade.

Coitada da borboleta
ficou-lhe o voo em metade.

Oblíqua, a tarde
deslisa do beiral,
até que a noite arde
horizontal.

Sonolenta, a neve
chora a saudade
do frio que teve
para cair a cidade.

Vertical, o voo
caiu sobre a terra:
ou o pássaro morreu
ou o mundo acabou.

Límpida, a palavra
goteja na memória.
Quando chega a hora
orvalha os olhos.

Perfilado, o barco
tem fome do mar.
Na proa do tempo
pousam as gaivotas.

* * *

Sensual, o sino
semeia o sémen
no vento agradecido,
até que o badalo
repousa exaurido,
como um falo
adormecido.

A aranha desenha o desenho do tempo
enquanto na teia o silêncio dorme.
O tempo aperta as malhas do tempo
a aranha tece a sua mortalha enorme.

A aranha cospe na teia a sua sede
com grandes fios de saliva e manha.
O tempo é um monstro balouçando na rede
à espera do tempo de comer a aranha.

* * *

Mão aberta, alma tensa
à espera do sinal
de semear.
Terra imensa
virginal
diante dos meus olhos a sonhar.
Semente
desta angústia tamanha,
como nave
à espera de pousar
no suave e quente
musgo do púbis da montanha.

Súbito,
um soluço fendeu a tarde
e uma asa da escarpa
rolou sobre a encosta
até ao trilho adormecido no vale.
Ali ficou insepulta,
pedra do caminho
recado do céu
talvez um marco
talvez sinal
palavra, quase,
à espera
da paciente soletração do tempo.

* * *

Nada!

Nem uma vela sobre as árvores mudas,
nem uma folha caindo da penumbra
a dobrar a página desta noite...

Nada!

Nem o secreto murmúrio das águas,
nem, sequer, as pegadas sobre a areia
a desenhar o rosto da vigília...

Apenas o silêncio sobre a urgente
intimidade das vozes interiores.

Pedras mortas. Silêncio jacente.
O caos em decomposição.
Apenas a serpente
lavra o exemplo
do fogo sobre o musgo deste chão.

Mesmo em ruínas, o templo
é lugar de inquietação.

* * *

Sobre a hera o recado de outras eras
hieráticas colunas remontando
às estátuas de mármore decepadas
súbitos degraus impassíveis feras
e uma corda de vento pendulando
do silêncio noturno das arcadas

visão de áspides deslaçando o medo
o sol a lua o místico himeneu
Hierofante erguendo as mãos ao céu
das palavras libertas do segredo
o sinal era o pórtico de Orfeu

Entre o caos e o cais, o espaço virgem
e a súbita ternura
de um barco despontando na lonjura.

Entre o ermo e o termo, o céu a par
e a lúdica vertigem
de uma asa quebrada sobre o mar.

Âncora de ouro. Acoradouros,
o metal da raiz até ao fundo.
Amar o mar é marear
contra os ventos vindouros
e as perfídias do mundo.

* * *

Terra!

Quando digo terra, digo vento
batalhas e poemas — os socalcos
onde o sol é raiz do pensamento.

Quando digo terra, digo céu
labaredas, estrelas — os sinais
que o tempo promete a Prometeu.

Quando digo terra, digo rios
searas, oceanos — os caminhos
ancorados na proa dos navios.

Digo terra, companheiro, e a voz canta
a esperança que nos mastros se levanta.

Viver é ser verdade.
Desata, pois, a fala
e deixa trepar o lume
da tua ansiedade.

Nenhuma flor cala
o perfume
da sua vontade.

* * *

No termo da distância é que lobrigo
o poema que me arde
na garganta.

É essa estrela alada que persigo
quando, ao morrer da tarde,
a noite se levanta.

Minha estrela sempre peregrina
na noite que o destino me destina.

Respiras em mim, vento conformado
com este amargo silêncio circular.

Já não vens como dantes
ritmar-me os versos navegantes
com a fúria azul do mar.

Volta, vento antigo, revoltado,
a enfunar as velas

do meu barco parado
nesta negrura sem fim...

Companheiro de ousadas descobertas,
volta a cantar em mim
como um sino embriagado
nas manhãs despertas.

* * *

Grande é o mar, a solidão e a noite,
a distância entre as mãos caídas
e o remorso dos gestos levantados.

Grande é o sepulcro das palavras traídas
e a esperança que move
o silêncio de tantas horas mortas.

Grande é o pensamento feito obra
e a ilusão das estrelas que povoam
as crateras dos sonhos acordados.

Grandes foram os impérios da terra,
e deles apenas resta
a memória arruinada do seu fausto...

Maior do que tudo é o nada
e cabe na mão fechada.

ANTEU

É da terra que venho e me alimento,
na terra sonho, entre mar e céu,
a terra me dá asas como ao vento,
a terra me dá forças como a Anteu.

A terra é o meu espaço sem fronteiras
(e quando digo terra, digo chão)
onde recolho estrelas verdadeiras,
caminhante arrimado ao seu bordão.

Da terra vim, à terra hei de voltar
quando a noite cobrir o horizonte,
como rio moribundo a procurar
o alento germinal da sua fonte.

POEMA

Tudo se cala à passagem do vento,
a palavra, o silêncio, a própria morte,
como se a respiração da natureza
fosse uma espada cingida
na memória emergente das acácias.

Tudo se cala quando é noite e floresce
no orvalho do poema o cio do vento.
Apenas o céu continua expectante
como um pássaro que nasce e olha o vazio
do voo que tarda no tempo indeciso.

Tudo se cala quando o poeta canta.
Só o vento extasiado se levanta.

DECIFRAÇÃO

Decifrar a vida: o fel de cada gota
na gárgula do tempo. Forja
onde o fogo devora
a impaciência da chuva.

Decifrar a morte: o gume de cada grito
no mar do esquecimento. Barco
onde a memória se perde
na voracidade das águas.

Decifrar a palavra: o cais de cada gesto
no aceno da folhagem. Orvalho
onde a vida recupera
o metal exato do silêncio.

ÁRVORE

Sonho e sombra em movimento.
Presas ao chão pelas raízes
conquista a liberdade quando as folhas
voam, felizes
nas asas trémulas do vento.

Erecta, frondosa, altaneira,
a árvore dorme
seu sonho de inocência verdadeira
até que o homem a transforme
em lenha ou madeira.

Árvore, metáfora da vida:
berço e caixão,
fogueira
de espontânea combustão,
cinza finalmente renascida.

POEMA EM BRANCO

À meia noite o vizinho de cima desliga o televisor
e arrasta o cansaço até ao quarto esconso
em passos lentos de reformado insone.

O homem do lixo vaza automaticamente os contentores,
é uma peça basculante do sistema sanitário
e parte com pressa de chegar a casa,
desconfia da mulher disponível durante tantas horas
em que ele limpa a cidade sonâmbula
dos laboriosos detritos da civilização.

Nos bares e discotecas a música atordoia,
enrolam-se os pares, inquietam-se os homens solitários
no meio da súbita multidão frenética
afogando as frustrações em garrafas sucessivamente vazias
enquanto um carteirista exerce o seu ofício.

Dois automóveis chocam numa rua estreita,
não tarda que a sirene acorde todo o bairro
com seu uivar de fera acossada.
Um polícia boceja na esquina privatizada de um banco
sopesando as sombras que deslizam na praça
como um rebanho de dúvidas perversas.

Uma prostituta apanha boleia dum passante ocasional
ajustando o preço enquanto ele ajusta a braguilha
o orgasmo ainda não tem cotação na bolsa
mas já é publicitado em todos os jornais:
«jovem atraente oferece-se para massagens»,
segue o número de contacto, e vamos a ver
trata-se de uma casa respeitável
frequentada por políticos, gestores e outros conspícuos
personagens desta democracia de sucesso.

São assim as noites intermináveis de agora,
já não há futuros como antigamente,
cada dia é sempre sornamente igual aos anteriores,
nos velhos tempos todas as noites eram de sonho
e cada manhã uma aurora fulgurante
em que a esperança construía a Revolução,
porque era certo que havia de chegar o momento
de incendiar o mundo com o fogo da nossa juventude...

Agora aqui estou escutando o baço murmúrio da cidade
a ver passar o último, inverosímil elétrico,
a fumar inutilmente o último cigarro
a sentir na alma a dor de tantas frustrações
e a olhar resignado a folha vazia
onde jaz, insepulta, a chama antiga
e o poema em branco.

FRANCISCO DE ASSIS

Subiste ao alto e desceste ao fundo
das coisas e dos seres,
a todos chamaste Irmãos.
Cobriste de ternura o velho mundo
e tocaste o Sol com tuas mãos.

Ensinaste que tudo é de todos,
as flores, os frutos, a cidade.
Espalhaste o amor a rodos,
tua sementeira de humana
fraternidade.

Alguns chamam-te santo
e adoram-te nos altares.
Eu procuro-te nos lugares
onde a pobreza tem morada
e onde tu, Irmão Francisco,
mais do que Irmão, és Camarada.

Há só um mar,
o imenso mar-oceano
com seus caminhos de ida e volta,
onde o povo lusitano
deixou a esperança andar à solta.

No fundo desse mar, no silêncio abissal,
gritam ainda vivos, insepultos,
como num sacrário iluminado,
os sinais ocultos
da crónica de Portugal:
restos de barcos e de sonhos
um sextante resignado
uma âncora de lágrimas e sal...

Não dobrámos só o cabo das Tormentas
nem chegámos só à Índia e ao Japão.
Chegámos ao fundo da aventura
e deixámos a alma no seu chão!

UMA CRUZ NO CORAÇÃO

Timor

era só uma palavra longínqua
ilha perdida
num oceano de remorsos

até que uma vaga de terror
matou a vida
profanou a terra
mas não vergou
a vontade do seu povo

e Portugal voltou
a descobrir a ilha abandonada
e a sulcar o antigo
mar do sol nascente
com as naus redimidas
da consciência acordada

e Timor já não é uma palavra
é uma Pátria uma emoção
que se escreve como quem lavra
uma cruz no coração

POEMA

Nunca gozei a plenitude do silêncio,
esse estado de alma que nos faz
reverter à pureza virginal
como um pássaro pousado no infinito.

No limiar de cada passo,
de cada gesto, de cada verso,
há um íntimo rumor de vozes
a acordar a quietude azul do céu.

Se eu pudesse isolar esse murmúrio
descobriria o visor que demarca
o silêncio casto, a liberdade,
do metal opressivo das palavras.

TARDE BALDIA

Tarde baldia, enovelada
de sombras em assédio.

O que me valeu
e salvou a jornada
foi um pássaro vir cantar
na janela do meu tédio.

SEMENTE

A semente do lótus dormia há mil anos
o sono do eterno esquecimento,
e dizem os jornais que voltou a germinar
na longínqua China dos milagres celestes.

A ciência rejubila, mas não sabe
que a semente é sempre uma promessa
que há de cumprir-se, nem que espere
séculos para cantar o seu mistério.

O mistério é a verdade da vida.
Também o homem há de ver um dia
a semente que traz no coração
germinar nos seus olhos como um Sol.

Vem, camarada irmão.

Erguer sobre os meus versos o teu canto.

MIGUEL TORGA (*Libertação*)

Sobre os teus versos, só a eternidade.

Pobre é o meu canto.

Sobre os teus versos é que o tempo há de
erguer as catedrais do nosso espanto.

ADEUS

A última palavra que me disse foi adeus
dois dias antes de partir.

Sua voz já vacilava e nos seus olhos
havia aquele rubor crepuscular
de um verso à espera de florir.

Por isso apertou a minha mão na sua
num morse de fraterna despedida.

A tarde morria na penumbra, e eu senti
que só a morte dá sentido à vida.

Deixou-me em testamento o compromisso
de honrar o Povo, a Pátria, a Poesia.

Portugal de luto, e o futuro
amarrado ao cais daquele dia.

Decifro agora o morse que escreveu
quando tomou a minha mão ardente:
nunca desistir; ser eu cada acto
a pura rebeldia da semente.

ÚLTIMO POEMA

Murcharam os rododendros de S. Martinho
e a azálea que um dia plantaste
ergueu-se sobre o muro do quintal
para saber se era verdade
que nunca mais sentiria a ternura dos teus dedos.

Se Deus existe, estava à tua espera
para continuarem a interminável discussão
sobre o absurdo da vida e sobre
o escândalo da morte, e então disseste:
aqui estou a pedir-te contas
do último poema que me não deixaste escrever
mas que trago lavrado na alma
como um ruflar das vozes intemporais
de meus avós cavadores e almocreves.

Deus hesitou, ia a pedir desculpa,
mas ao ver-te inteiro e ao natural
com teu puro rosto de camponês,
sorriu e disse:
precisei de ti para semeares de poesia
o mar infinito da eternidade.

SEMPRE

(Poema melancólico de amor)

Sempre é uma palavra sofrida, equidistante
entre o nunca e o agora, uma ponte
do rio do Tempo que corre indeciso
à luz vagarosa de cada instante.

Quando me perguntas
se te amo e amarei para sempre
páro no meio da ponte e respondo
que não se deve fazer essa pergunta,
o que conta é o agora, o momento
em que tomo as tuas mãos no gesto simples
de desfolhar uma flor ou afagar um pássaro
que canta na intimidade do poema.

Só é de sempre o que nunca existiu,
tudo o mais é efémero como este agora
em que as nossas mãos, as nossas bocas
se encontram suspensas à procura
do rosto fugaz da eternidade.

OS ELEMENTOS DO POEMA

Mar:

a imensidão azul onde se espraia
o remoto olhar de todos os passos.

Terra:

a sólida ternura onde flutuo
como árvore de longas asas-braços.

Vento:

a alma que ressoa e me segreda
o fulgor da palavra em gestação.

Fogo:

essa lava subindo do meu peito
argamassa do poema em construção.

AS SÍLABAS DESTE EXÍLIO

E agora aqui estou sobre esta página
em pousio de Sol, à espera da Palavra
que desperte a tarde e acenda o lume
dos afetos ausentes.

Longas são as sílabas deste exílio,
deste longo inverno lusitano
de ânforas vazias, estrelas apagadas
sobre o charco dos dias.

Tenho a alma dorida como o vento
quando rasga a sombra do seu corpo:
remorso de partir e não chegar
onde meus versos me chamam.

Fevereiro, 2004

RECOLHA POÉTICA

II

(2004-2017)

(Página deixada propositadamente em branco)

ALFABETO ÍNTIMO

E OUTROS POEMAS (2013)

À memória de meus Pais

A minha Mulher

Aos nossos Filhos e Netos

(Página deixada propositadamente em branco)

Caro Leitor:

As letras e as palavras dispersas são como pessoas perdidas. Juntas, de mãos dadas, formam versos ou proposições que podem mudar o mundo. São uma constelação de estrelas, uma cadeia de luz. São a própria Humanidade em flor, sinal de vida e renascimento.

É preciso cuidado com a ordenação das palavras e das próprias letras. Uma letra a mais ou fora do seu lugar natural pode virar a palavra do avesso: vê a diferença entre amar e arma.

Cada poema deste *alfabeto íntimo* tem uma palavra-chave e outras palavras-âncora, cerzidas pela levitação dos astros, pulsáteis como o aroma dos frutos primordiais. Conjuga o calor de cada palavra e o instante de cada verso com a emoção de te sentires vivo. Se, ao desfazeres o novelo, conseguires essa conjugação de afetos, talvez se acenda no teu rosto o claro olhar de quem te fala.

Cordialmente

António Arnaut

Coimbra, Verão, 2013

A • AMOR / ÁGUA

Alfabeto íntimo: escrevo amor e construo,
pedra a pedra, as arcadas desta aurora,
cada letra uma flor ou uma estrela
que acendo no coração da vida, na alvura
das manhãs despertadas, alma azul, arado,
acácia desfolhando o tempo e libertando
as árvores cativas, as âncoras afundadas,
água, gota a gota desenhando
o colar de Vénus, fonte da vida
onde nascem rios velozes e ribeiras mansas
que vão morrer no oceano, esse lugar
onde convergem todos os caminhos.

Calar a sede, supremo desejo do amor
e da água que fecunda a terra
e povoa o céu de nuvens errantes
com suas crinas de maresia e luar
e se derrama sobre a incredulidade dos seres,
animais, plantas, o próprio Homem
onde habitam amor e água em partes iguais.

Sei que sou uma nascente oculta
alquimia de lágrimas amargas
sombra viva das esquinas
poema em argamassa,
vagueio ao sabor da sede
até que o verso flui e desagua
na palavra amor, água limpa de mim,
deste abecedário sentimental.

D • DEUS

Deus: a grande incógnita, a pedra
branca onde gravo a diamante
a dúvida acesa dos meus dias apagados
como Sísifo à procura
do caminho que me leva e traz
ao lugar exato onde os Danaides
cumprem o seu destino eterno.

Não há estrada de Damasco que me valha.
Creio que Jesus teve a mesma dúvida
quando convocou as sombras para o deserto
e ali escreveu na areia
com seus dedos cintilantes de certeza
que todos temos o direito de não acreditar.

A fé é apenas uma sílaba de luz
a doçura de saber
que nunca anoitece quando o Sol nos chama.

Eu, porém, deixo o silêncio falar por mim
como o denso nevoeiro que não precisa
de diluir-se na distância
para sabermos que a terra existe
e ao longe, na linha vaga do seu corpo
nos diz adeus
a Deus...

E • ESPERANÇA

Escrevo esperança e a palavra emerge,
espiga verde na planície rubra. Epifania
da seara do futuro. É uma espada de luz,
uma estrela que marca o lugar exato
onde a eternidade retoma o étimo das flores,
o aroma essencial dos jardins do Éden
e os espíritos se levantam redimidos.

A esperança é o pão dos oprimidos.

F • FRATERNIDADE

Eis a frase que gostaria de escrever com a tinta firme da verdade: o forte já não oprime o fraco; ou esta: nenhuma família passa fome; ou, finalmente, a outra face do mesmo fruto: a fraternidade fecunda a Terra. A vida seria uma festa. O futuro em flor.

A frase é a palavra fértil. Felizes seremos quando o alfabeto for a fonte do nosso afeto, o fogo da manhã infinita.

G • GNOSE

Grito por ti e não me calas
subo à gávea do sonho e não te vejo
levanto o gládio e não me sentes
grão a grão semeio esse desejo,
que gramática é a tua que não falas
nem revelas a graça dos ausentes?

Gnose em movimento. A descoberta
é quando a geometria se desvenda
e a palavra-senha nos desperta.

H • HOMEM

O homem estava nu e só no alto da montanha, tiritando como harpa dedilhada.

Tinha saído do mar, réptil faminto, e ali ficara a olhar a distância erma, ignorante de si e do seu destino, debaixo do sol, rodeado de silêncio e solidão. Sente um fluxo de liberdade e fica ereto, como uma coluna ática. Vê então aproximar-se, por entre a neblina ainda virgem de rumores, um ser igual mas diferente, seios túmidos, ancas arqueadas. A mulher sorri-lhe e ficam lado a lado, duas colunas luminosas, pórtico da vida. Ele estende o braço e toca-lhe o corpo, formando um H que logo se desfez na conjugação germinal dos corpos, começo da História, fonte da Humanidade.

Desceram ao vale e povoaram a terra. Depois, sentindo-se indefesos perante as forças ocultas da natureza convieram em criar um ser superior, a quem chamaram Deus, para ordenar os ventos e os astros, domar as trovoadas e os rios. Deus ajudou-os, a princípio, mas logo se zangou por não se sentir devidamente honrado em seus mandamentos. Retirou-lhes a infinitude da luz, a inocência dos gestos e a paz dos frutos primordiais, inventando o tempo, medida de todas as coisas. O Sol começou a deslocar-se no imaginário humano, as noites sucederam-se aos dias, a vida tornou-se efêmera e a morte sobreveio como seu remate e síntese.

Depois vieram as pragas do poder e da inveja, o fogo perene dos instintos à solta, a fome, a doença, a ambição e as guerras. O Homem arrependeu-se de ter criado Deus e sonha agora retomar a harpa do começo: subir à montanha e descer dentro de si à procura da Harmonia perdida.

De mãos dadas, o homem e a mulher enrolam o líquido fio da origem ao encontro do húmus sagrado das primeiras núpcias. E as sílabas do seu olhar habitaram o Sol.

I • IGUALDADE

O meu espelho é o teu rosto
a tua voz a minha boca
o infinito a nossa sede.

Se és meu igual és meu irmão:

o íntimo sabor de saber
que a tua identidade
bate no meu coração.

J • JUSTIÇA

Em Janeiro abri os olhos
da vida, e desfraldei
generosa, a juventude.

Janeanes sou, no júbilo
das palavras fecundas,
semente, o trigo
sem joio nem cobiça.

Sou o que procura
fiel ao juramento,
o Sol da Justiça.

L • LIBERDADE

Com esta letra escrevo
liberdade, e levanto
o livro da lei suprema,
sagrada como a esperança
de todos os oprimidos,
justa como a bondade
de todos os justos,
necessária como a luz
à cegueira dos opressores.

Liberdade,
a mais antiga urgência da alma,
a estrela que falta
acender no coração da vida
como um fulgor de asas lavrando
a laboriosa impaciência da lua.

Estamos todos de acordo,
crentes, agnósticos e ateus:
a liberdade é o primeiro
e o último desígnio de Deus.

M • MÃE / MORTE

Palavras de fronteira: mãe, morte. Entre a primeira respiração e o último alento há o inumerável mar da vida, uma mulher que me chama e a memória agridoce de todas as estrelas. Mãos que acendem amorosamente os mastros e acenam às margens finalmente libertas de todos os rios.

Talvez música, a metáfora da maçã. Quando eu morrer, mãe, ouvirei ainda a voz do silêncio a murmurar.

N • Não

Palavra-grito, definitiva
que rasga a noite e liberta
a alma dos humilhados,
que abate a pompa e a proa
de todos os navios
da servidão.

Não!

Palavra-senha, a seiva
da natureza agredida
que brota da nascente
de todas as maldades
antigas como a vida.

É preciso avivar a palavra não,
resgatar o Natal
dos oprimidos,
saciar a sua fome
de justiça e de pão
e gritar outra vez
aos opressores:
não passarão!

O • OBRA

Olhar a obra até onde a vista alcança.

Olhar é conhecer.

Toda a obra é esperança

do novo dia que vai amanhecer.

De oriente a ocidente o Sol é nosso,

obreiros do futuro em construção.

Solidário, colho o ouro que posso

para dar a cada um o seu quinhão.

Pátria até que os meus pés

Se magoem no chão.

Miguel Torga

Pão: este sabor quente da infância, este desejo de o repartir com os outros, como quem desfolha um livro ou uma flor e partilha os caminhos do Sol. Portugal de meus olhos magoados, esperança com que amasso o pão da minha fome de justiça. Ouço a promessa dos rios antigos e fico à espera da paz dos campos semeados, terra fecunda e lusitana dos nossos anseios. Os pássaros cantam as suas odes matinais em voos rasantes de memória e sonho. É verdade pai: o pão é a palavra mais urgente. É verdade amigos: a Pátria é a partilha do pão e da esperança.

Minha Pátria, meu Povo, meu coração sulcando o Sol, as searas, a memória dos castelos, em cada avante dos dias, o pão repartido, o futuro resgatado e as âncoras finalmente levantadas.

Q • QUIMERA

Nem sempre querer é poder. Querer é apenas a vontade de ser. É uma quilha abrindo o mar da quimera. A vontade quando voa e toca as estrelas. Para ter asas não precisas de ser D. Quixote. Só precisas de ser Homem, irmão de todos os Homens, e acreditar que é possível humanizar o mundo. Não quebrantar: o possível está ao alcance da mão e o impossível alimenta o coração.

R • RAZÃO

Rosto do pensamento iluminado,
a razão
é uma linha reta à procura
da raiz da sua retidão.

Rio da inquietude, a lucidez
que escolhe livremente
a verdade de todos os caminhos.

Só a verdade tem razão
– e as bocas ávidas, famintas
cansadas de esperar
a justiça do seu pão.

S • SOL

O Sol é um grande círculo de fogo, que nasce para todos, à espera, desde a infinitude dos tempos, de ser repartido como um sacramento: tome cada um quanto precise e não roube ao outro a fartura que lhe cabe.

Não há segredo: o Sol é o étimo moral da solidariedade e cada grão de luz um abraço fraterno. Se assim o sentes, alcançaste a sabedoria, que é o Sol interior sem sombras nem ocaso.

T • TEMP(L)O

O dia derrama sobre o tempo
todo o azul da terra
toda a imensidão do mar
ternura de quem sente
esse rio de sempre
entre as colunas do Templo
no cais da eternidade.

Triângulo que encerra
a memória do passado
a angústia do presente
a esperança do futuro.

Sim, há de vir o tempo,
e o Templo será
a casa comum da Humanidade
o infinito de todas as manhãs.

U • UTOPIA

Cavaleiro da utopia
procuro o lugar onde
a fraternidade alcança
o Sol
que ali se esconde.

Utopia não é o impossível.
É o sonho profundo
de um novo mundo
ao alcance da mão.
Universal
urgente desejo
de libertação.

V • VIDA

Em verdade vos digo:
não sei se a vida
é o intervalo
entre começo e recomeço
ou apenas uma fuga sem saída,

ou talvez um rio
que nasce e percorre
o seu destino apressado
até que morre
no mar veloz do seu passado.

A vida é esta vela ao vento
este dia que amanhece
até que a voz se cala
na noite que o tempo tece.

X • XIS

Xis, perpétua incógnita
da equação da noite
sem luz que desvende
as pétalas do rumo,
mistério da criação.

Xadrez da vida, esfinge
coberta de xerga molhada.
Talvez Xenofonte saiba
o caminho da retirada.

Z • ZERO

Lugar ausente no espaço do nada.
O Zero precede os algarismos como
a memória é anterior à vida e
a quantidade à nudez dos números.

Princípio e fim de todas as evidências,
roda e alavanca da aritmética,
zénite do rosário de outras contas.

O Zero é um círculo e o seu novelo:
um zimbório de bruma cobre de luz
o luar do meu cabelo.

NA IDADE EM QUE ESTOU

*A água pura dos poços
que a alma teve
leva já lodo à superfície:
é o escuro tempo da velhice
e nós tão moços.*

Carlos de Oliveira

Na idade em que estou já não ressoam
os sinos das antigas madrugadas
nem o cantar dos pássaros nas eiras
acordando o silêncio das bocas
e desatando
os teus cabelos à floração da aurora.

Nesta idade o sangue pulsa devagar
mas ainda ouço as badaladas
da torre imaginária quando o vento
batia à porta do poema e eu ficava
de olhos fechados à espera do milagre
à espera da palavra
que faltava desfolhar, minha flor de luz,
na indecisa alvura da manhã.

Agora escrevo como quem respira
o tempo que me resta. Os meus versos
são de amor e revolta, são de esperança
aquela esperança jovem
que acende o rumor dos dias
e me traz o alegre cantar da vida

como outrora os pássaros e os sinos
e a tua voz na minha boca
docemente murmurando.

Sejam estes poemas o eco renascido
dos antigos cantares
melopeia do tempo regressado
cada verso um grão de trigo
minha seara madura
neste Setembro de cinzas e outono
sem fogo nem ternura.

METÁFORA

A noite é álgida como o vento agnóstico
que não conhece o destino nem a origem
e se perde por caminhos efémeros
onde os homens-bichos exibem
a sua prosápia de *Pithecanthropus erectus*.

Esta é a verdade:
quem franqueia os meandros da noite
sobre a insónia tartamuda do poema
corre o risco de acordar a metáfora
da sua própria nudez arrependida.

PECADO ORIGINAL

Não sejas ocioso. Luta
com as armas que tens,
a espada ou a palavra,
contra as injustiças do mundo.

Não te resignes, como os rios
domesticados nos seus leitos.

Ocioso é Deus. Reclinado
no seu trono refulgente,
alheio à vida ou incapaz
de mudar o curso dos astros,
não tem pressa de corrigir o erro
da sua obra, pecado original.

MONTANHA CELESTE

As montanhas não falam. Olham-se
de longe com a fria indiferença do gelo
e o vagar dos séculos polares
de quem conhece a imobilidade das árvores.

Se eu fosse o Criador
daria voz à natureza e a todos os seres.
As montanhas teriam lagos, pradarias,
todas as espécies do reino animal,
homens e bichos voltariam à mansidão primitiva
e todos falariam como quem celebra
a queda da incrível Torre de Babel.

As montanhas formariam então
ao redor infinito da terra
uma cordilheira amorosa e loquaz,
e ao tocarem o céu nas noites estreladas
contariam a Deus o seu segredo antigo:
aqui estamos a emendar a tua obra
e a fazer da terra
o céu harmonioso de todos os seres.

POEMA

Há de vir um dia que será o último
e então partirei com um sorriso
de despedida por tudo o que em vão sonhei
mas só consegui tocar com a emoção de o sentir
assim como quem vê uma bela paisagem
sobrevoadando uma praia de luar ao vento
e sabe que ela desaparecerá tão depressa
como o fio quebrado do horizonte.

Fica a saudade do sonho interrompido
que é, afinal, a consistência da vida,
e por isso sorrio para que saibam
que vale a pena admirar a paisagem
mesmo que ela desapareça por entre as nuvens
como um barco de longas rotas perdido.

Sim: tudo o que desaparece existe
na memória acesa dos que partem sorrindo.

POUCO ME IMPORTA

Pouco me importa
mas gostaria
de morrer no outono

quando as folhas secas
também morrem
livres ao vento

e o sol parece triste
mas saltita ainda
por entre as roseiras

e a vindima canta
a sede de vinho
do vindimador

vindima cantada
minha taça erguida
ao futuro e à vida

A SEIVA DA FRATERNIDADE

É quando anoitece que as letras se conjugam no alfabeto íntimo dos meus dias tresmalhados, rebanho que regressa ao seu redil. A palavra reacende a cinza dos passos perdidos, o vento aviva a memória e recorta as imagens do tempo submerso. Cada dia sobrevivo é uma sombra ou uma luz, um sobressalto ou uma recompensa, conforme os incidentes da viagem. Há rostos que me espreitam da penumbra e sorrisos que me acenam do cais. Cada rosto uma página, cada página um sulco do passado. E assim, de tantas páginas escritas com o cinzel da verdade se faz o livro, síntese de uma vida dispersa por caminhos confluentes na inquietação de repartir a seiva da fraternidade.

PALPITAR DA SEIVA

Voga no ar como a respiração duma flor, o aroma enamorado das tílias, o cântico nocturno dos beirais. Sou sensível aos odores antigos, ao eco das montanhas, ao clamor das searas e estou cativo da memória dos gestos. Minha sombra, meu espelho e aquela voz que me chama da lonjura dos ninhos. Conjugam as flores, os aromas e os cânticos das leivas, acrescentar-lhes o sabor das palavras perdidas, o deslumbramento do luar desfeito e o lume das urzes apagadas. Assim regresso à saudosa inquietude de mim. Todo o regresso é um despertar de afectos ou de mágoas, conforme o rumo do vento. Hoje o vento serenou na cumieira do tempo onde um pássaro dá asas ao palpitar da seiva.

NÃO TENHO PALAVRAS

Não tenho palavras que recolham
a dor silente que se esconde
na última consumação das trevas

só esta forma oculta de dizer
por palavras outras que recusam
desenhar o rosto das esfinges

como um elmo cativo de outras lutas

POEMA

Uma estrela quando cai não deixa rasto
nem o silêncio quando cala a dor
que não cabe nas palavras murmuradas.

Um rasto é a cauda de que foi,
um rumor, um sulco, um certo aroma
esta mágoa de não saber porquê.

Não há rasto no caminho das estrelas.

POEMA

Chega truncado, recalcitrante,
sílaba a sílaba, devagar sem dor,
parece um verso mas é apenas
vagamente a sombra dum rumor.

Só é verso quando acende a alma
e rasga a noite com o seu clarão:
outros ventos tecem o poema
como o Sol as asas da emoção.

PORTUGAL

Fazer da sua pequenez o tamanho do mundo,
lavar o oceano como se lavrasse uma courela,
sorver o sonho do azul até ao fundo
e levantar o mastro, içar a vela.

A glória não foi ir além do Bojador,
foi regressar pobre e sem rancor.

CONDENAÇÃO

Estamos condenados à vida
aos seus delírios e revezes
e à inumerável traição das sombras.

Estamos condenados à noite
à última conjura dos astros
à tortuosa congeminção dos espíritos.

Estamos condenados ao silêncio
e sobretudo às palavras ignaras,
e a essa palavra lustral:

Estamos condenados à morte,
ponto final.

RECORDAÇÃO

A primeira coisa de que me lembro
é do choro de um menino,
um choro de vento sulcando
o ventre da madrugada.

Não sei se era eu. Sei que o recorde e sinto
sempre que vejo uma lágrima
a tracejar de dor
o rosto amargurado deste tempo.

Também me lembro dos afagos da mãe,
do sorriso do pai, das histórias dos avós,
menino que regressa a casa para descobrir
a pura cintilação dos afetos.

A CASA

– Era uma casa – como direi? – absoluta.

Herberto Hélder

A Casa onde eu nasci está desabitada,
calaram-se as vozes, apagou-se o lume,
as telhas enegrecem, a humidade e o musgo
cobrem de angústia o meu olhar saudoso
do tempo das colheitas, das vindimas, das
desfolhadas ao luar sereno
de todas as mãos à espera do milho-rei
e dum abraço furtivo como ao longe a noite.

Então o tempo cheirava a rosas e a outras flores,
de que não sei o nome. Esse aroma
ainda hoje alegra todos os regressos,
e sentia-se o rumor da vida, o desaguar
da água do poço no quintal semeado
donde se avistava o mundo, porque o horizonte
era então a fronteira entre o céu e a terra
e os pássaros tracejavam a pura geometria
das raízes que nunca envelheceram.

Sei que a Casa me sobreviverá, é de pedra local
mas qualquer dia será uma sombra em ruínas,
cairão primeiro as telhas, depois as empenas,
o soalho cederá até à hesitação dos alicerces,
os répteis cavarão seu rasto de cinzas
e desse reduto da infância só restará
a lembrança frágil das vidas ausentes.

Toda a casa aspira a ser morada.
A minha Casa está ainda habitada
pela memória dos dias prodigiosos
quando a família partilhava o pão e a palavra
nas longas ceias dos dias festivos.

Eu habitarei a Casa onde nasci e cresci
enquanto dela restar o chão e uma pedra,
assim o jurei neste solstício de inverno:

sei que resistirão as lindas cantarias
talhadas de amor pelo meu avô materno.

ABRILECER

Repara, Amigo
como murcham as flores
secam as fontes
amargam os frutos
e caem, mortos, os pássaros.

Ardem as searas
e a ruína devora
os espigueiros do sonho
onde cada espiga
era a promessa jurada
de outro Abril à espera.

Olha, Amigo
como tantos desertaram
e outros atualizaram
pela grafia do mercado
as palavras antigas e urgentes
trabalho, justiça, liberdade.

Portugal de rosto amargurado
meu povo de lágrimas acesas
acordai que é tempo
de convocar as vozes
e tocar a rebate
os sinos da velha alma lusa.

É preciso acreditar na manhã que tarda.
O rosto da Pátria é o povo,
é preciso abrilecer de novo.

AS MINHAS ARMAS

Luto como posso
com as armas que tenho
contra a injustiça, a opressão.

As minhas armas são
limpas e naturais como a água,
persistentes como a sede
e a força da razão.

As minhas armas são
a palavra e a esperança,
o dardo e a couraça
com que acuso os opressores
e me defendo dos golpes
dos seus ferozes rancores.

As minhas armas não ferem
o corpo ausente dos dias,
interpelam a arrogância, o capital
dos que roubaram ao povo
mais do que o pão, o direito
de ser português em Portugal.

As minhas armas são frágeis
mas têm a inspiração
do fogo interior que exala
a certeza da vitória.
São como o vento rebelde
que ninguém doma nem cala.

A MINHA ESPERANÇA EM FORMA DE SONETO

A minha esperança vem de longe
dos arcanos da vida, das primeiras
pegadas do homem sobre a terra
quando o Sol era ainda uma promessa.

A minha esperança dobra o cabo
de todas as noites e tormentas
e navega altaneira pelos céus
donde me falam todas as estrelas.

A minha esperança é universal
maior do que o sonho onde germina
a árvore de todas as certezas.

A minha esperança não tem idade,
é tão antiga e futura como o tempo
e chega onde chega a liberdade.

FINALMENTE

Falarei finalmente daqueles
que vieram comigo e partilharam
o fulgor da promessa, os afectos
que nenhum esquecimento apagará.

Falarei dos que
chamei e vieram
que me chamaram e respondi,
porque a mesa estava sempre posta
no sorriso de todas as tardes
e a palavra era justa como na alma o Sol.

São ainda os seus rostos que me chamam
seus braços que me acenam
do alto da memória regressada
ao tempo feliz das amoras silvestres.

Devo-lhes a contra-senha da promessa.
Aqui a deixo desfolhada neste livro
que seus olhos decifrarão tranquilos
como quem acende a lareira da infância.

EXORTAÇÃO

*Nas ruas cheias de gente
vi as pessoas desertas*

Manuel Alegre

Tu, que andas triste, não te feches em casa
ou pelo menos não feches a janela,
esse modo felino de enclausurar
a longa ausência de um gesto de ternura.

Abre a alma e liberta a mágoa
que te pesa no rosto como barco encalhado.
Sai, olha de frente e saúda
o primeiro desconhecido, teu irmão na tristeza
que sente como tu a fadiga reincidente
essa dor de caminhar sem rumo
por não ter outro motivo onde iludir
o tempo vagaroso desta angústia.
Sai! A rua é o lugar dos passos perdidos
que se cruzam e convergem
no litoral da esperança, neste cais da vida,
dissipando a neve e o frio de todos os olhares.

Traz esse desconhecido e venham depressa,
espero-vos naquele recanto da praça
onde dormitam as horas vagabundas
de todos os dias sem manhãs de sol,
comigo seremos três, mas outros virão
engrossar a hoste dos que acreditam e lutam
pelos amanhãs que tardam, mas cantarão

como o velho chafariz da minha aldeia
onde a água era límpida e livre
ao alcance imediato de todas as sedes.

Então, à sombra florida dessa tarde
sob as acácias, como outrora os jovens,
partilharemos a alegria da promessa
para dissipar a tristeza e cada sílaba
da palavra solidão, até que um sorriso
nos traga a chave que buscamos,
essa palavra-luz, fraternidade,
para abrir a vida, que agora sentimos
íntima, fecunda, como quem desfolha
o arco-íris do tempo regressado.

Não há tristeza que resista ao abraço
numa praça de acácias e romãs
de homens perdidos à procura
do sol fraterno de outras manhãs.

VIAGEM

*Para que no alarme dos sinos
um pouco da Grécia repique.*

Natália Correia

Não me encontrei em Roma nem Atenas
não vi sombra de mim em Alexandria
nem, sequer, no rosto corroído da esfinge
ou na cripta da pirâmide de Keops
onde o silêncio pungia as palavras
com que Osiris despertava o sono do Nilo.

Procurei-me ainda em Tebas e Babilónia
banhei-me no sagrado rio Eufrates
mas só vi a ausência do que fui
na sonolenta saudade da corrente
como quem levanta ao céu seus olhos de água.

Passei por Jerusalém e pareceu-me ver
por entre as acácias floridas
junto das ruínas vivas do Templo de Salomão
um aceno do que sou, talvez a raiz
do pensamento alado ocidental.

Entretanto, mataram Aquiles
e o monte Parnaso
é agora um valhacouto de banqueiros.

SONETO INTRANQUILO

Noite longa, intranquila e fria
de mar encrespado. Nenhuma vela
de vento ou luz se levanta e acena
na amargura insone dos meus olhos.

Caem folhas das árvores e do tempo,
asas mortas em vã sobre a calçada,
vagas sombras despertam o ruído
de um bordel ainda a laborar.

Que faço eu neste ocaso do caminho,
noturna ansiedade ou repulsão
por tantos que morrem de fome e frio?

Se Deus existe anda distraído.
Por mim, se pudesse enxugava as lágrimas
aos mártires da noite sem regresso.

CANÇÃO DO MONDEGO

Olho-me ao espelho do rio
com vagarosa saudade
que tece e desvanece
o cansaço da idade.

Atravesso a ponte e sinto
o meu rosto a flutuar
no devaneio da corrente
com pressa de não chegar.

Mondego, luz e abraço
de eterna juventude,
o tempo regressa ao tempo
quando ousar era virtude.

Espelho-mito de Coimbra
dos poetas que lhe dão voz,
tens uma estrela à nascente
que te guia até à foz.

ERA UM RIO E CHORAVA

*Rios que vão dar ao mar
Deixem meus olhos secar.*

José Afonso

Era um rio e chorava
em cada pedra do leito
em cada salgueiro da margem
espuma de vento à solta
do cansaço da viagem.

Um barco ao longe recorta
o céu de nuvens pintado
barco meu imaginário
que me leva sobre as águas
navegador solitário.

Rio de mágoa que corres
dentro de mim a chorar
diz ao mar que ainda vivo
nos braços da minha amada
em liberdade cativo.

VINHA VINDIMADA

Vivo de recordações, mas a memória
é uma vinha vindimada
onde os raros cachos sobrevivivos
já não saciam os olhos e a mente
como as antigas verdes pradarias.

Há um cavalo à solta que relincha
como quem acorda o trote da viagem,
trepo ao dorso reluzente da tarde
e deixo-me percorrer ao vento
com teus cabelos a acenar ao longe.

Depois uma fonte acorda o bosque
onde penetrámos de mãos dadas
à procura da sombra, do calor
de sermos duas almas irmanadas
pelo desejo feito luar ardente.

Fragmentos emergindo da memória,
vêm à tona da tarde em que recordo
o jubiloso tempo de um veleiro à proa
da aventura agora revivida
como quem toca os umbrais do paraíso.

DESPERTA!

Desperta! Solta a alma, acende o lume
e afasta esta sombra que persiste
na frente inclemente dos dias renegados.

No horizonte, o Sol é um fogo a abrir-se
numa oferenda de rosas orvalhadas
sobre o corpo dorido da manhã.

Talvez a esperança esteja ainda
ao alcance dos pássaros que procuram
sementes sobre a terra calcinada.

MAR DA INQUIETAÇÃO

O mar da inquietação que me consome
o sonho dos vinte anos, de justiça,
é o sagrado pão da minha fome
neste tempo de medo e de cobiça.

Ousada caravela que sulcou
os caminhos do vento e da procura
foi às índias do sonho e lá ficou
abalada no casco mas segura.

Agora neste cais da anciania
aceito o desafio do mar medonho
e juro que os vampiros da burguesia
não são capazes de matar o sonho.

TALVEZ

Talvez os melhores versos que escrevi
fossem os que rasguei.

Nunca saberemos a cor do vento
o segredo do fogo, o pulsar da terra.

Os meus versos sabem a vento e lume
a terra lavrada
a mar azul onde um barco
semeia estrelas.

Estes poemas são também para rasgar
se para alguma coisa servirem...

Talvez.

ILUMINURAS

ADÁGIOS, INCISÕES E REFLEXÕES

(2013)

A beleza só se deixa seduzir pelos poetas.

Poesia:
intimidade da emoção,
infinito sem nome
o vinho e o pão
da minha fome.

Hoje os versos sabem a fruta
com um travo a primavera.
É o Sol que me ilumina
ou o teu sorriso que me espera?

O instante definitivo
é quando o verso explode
e se torna
corpo vivo.

Neste mar de miséria e de tormento
o futuro é uma bola de sabão ao vento.

Um instante da vida
não é o tempo parado
é o fulgor da eternidade
revelado.

* * *

Este é o segredo:
Quem está zangado com a vida
envelhece mais cedo.

Dos meus antepassados artesãos
herdei este jeito de falar com as mãos.

O Inverno chegou antes do Outono:
anda o tempo trocado sem eira nem dono.

Triste figura:
uma prostituta sem procura.

Ofício do poeta: fazer do caos da vida um caos de beleza,
da boca um sorriso e do sorriso um barco.

As folhas, lágrimas do tempo
caem da árvore cansada
sem que o vento
lhes diga nada.

Uma borboleta só pousa
numa flor
para a acariciar.
Não arranques a flor
que ela pode chorar.

NA CAMINHADA DA VIDA

Na caminha da vida
tudo o que fizeres
fica gravado
na memória do caminho.

Não tentes apagar esses sinais.
Eles resistirão,
pássaro acossado
que sempre regressa ao ninho.

TRILOGIA

No pensamento, a *liberdade*:
a luz que abre todos os caminhos.

Na vida, a *igualdade*:
os caminhos da procura da justiça.

No vértice do triângulo, a *fraternidade*:
a justiça purificada pelo amor.

A eternidade e o infinito são duas palavras sem medida, dois conceitos que escapam à compreensão humana, apesar de serem tão antigos como a Humanidade pensante. São o tempo e o espaço na sua indeterminação absoluta ou na sua dimensão relativa, duas formas de dizer o mesmo absurdo lógico.

Quando se jura amor eterno ou se proclama uma vontade infinita, apenas afirmamos uma pulsão efêmera ou uma qualquer posteridade que ultrapassa o horizonte visível da promessa.

A operação mental que ocorre quando falamos em eternidade e infinito é a projeção da infinitude do tempo e do espaço nas dobras sensíveis da nossa consciência. E tudo o que existe na consciência, que é o nosso livro de atas, é, por natureza, limitado à capacidade de abstração de cada um, o que implica que os dois conceitos têm a grandeza relativa do nosso horizonte mental.

A eternidade e o infinito são metáforas usadas pelos poetas e filósofos para exprimirem, simbolicamente, uma ideia equívoca, um desejo, ou uma situação, como eu faço agora ao afirmar que a eternidade do sofrimento humano corresponde à infinita indiferença de Deus.

É este sentimento que assola a minha consciência como um fogo sem tréguas. Mas se quiser usar uma forma mais poética e menos incisa, direi: infinito é o olhar de Deus sobre a eterna fragilidade humana.

POST SCRIPTUM E UM POEMA

Eterno é o que dura enquanto a vida perdura, porque a vida é a medida do tempo.

Infinito é o sofrimento dos humilhados até chegar a hora da explosão redentora.

Afinal, não há eternidade
O mundo tem apenas
alguns bilhões de anos
e o homem, bicho triste,
é um recente nado-morto
que pensa e logo existe.

Mas tudo acabará
como afirma a ciência:
a terra, o homem, as estrelas
e a ínfima poeira
desta evidência.

Então,
quando não houver humanidade
que fará Deus
na sua cósmica solidão?

CAVALOS DE VENTO

POESIA E PROSA

(2014)

CAVALOS DE VENTO

Os meus cavalos alados
correm velozes à solta
pelos caminhos semeados
de fome, medo e revolta.

Onde prenderei estes cavalos
de vento na tarde fria
se foi o destino a marcá-los
com o ferro da rebeldia?

Cavalos de vento à proa
do sonho da mocidade
corram porque já soa
a hora da liberdade.

A CONSTRUÇÃO DO POEMA

Construo o poema como quem constrói um Templo. Aproveito o relevo da ideia, o chão da palavra, para lançar a primeira pedra. E outras, sucessivamente, como num sonho de leivas erguidas sob as arcadas da emoção.

O impulso construtivo é uma dádiva dos deuses, um processo alquímico que transforma a pedra bruta do pensamento desordenado na pedra cúbica da verdade revelada.

E assim, palavra a palavra, verso a verso, coloco o travejamento, remato a última estrofe, a pedra de ara do Templo órfico, e fico cativo entre as paredes solares onde a respiração de cada sílaba lava o cântico do mistério da vida.

Tento então libertar-me, abrindo uma seteira donde se aviste o mar. E se, nessa emergência, um barco cruza o horizonte, aceno-lhe da gávea do poema e prossigo viagem.

Todo o poema é construção. Todo o poema é evasão, descoberta, cais revisitado, pulsão liberta, uma estrela fulgindo na bruma da noite.

O NASCIMENTO DO POEMA

Primeiro, é a suave ternura de uma flor nascendo nas escarpas do silêncio: um rubor de luz por entre a névoa dos dias.

Depois, um sulco de fogo emergindo dos arcanos: transfiguração do pólen no mel do pensamento.

Só falta a palavra justa para dizer o que a flor segreda à abelha: voarei contigo até ao coração do homem.

É assim a música do poema: oração de luz a um Deus desconhecido.

* * *

A criança diz: sei um ninho.
E logo um pássaro canta
na ternura dos seus dedos.

O poeta diz: sei um verso.
E logo um pássaro levanta
a noite dos seus enredos.

OFÍCIO DO POETA

Demanda da palavra
decifração da esperança:

o poeta redime
o erro de Deus
por ter criado o Homem
à sua semelhança.

* * *

Tanto depurei
o poema
que dele só restou
a sangrar
a palavra
por achar

PRECE

Senhora das Necessidades, minha metáfora urgente,
derrama um pouco de luz sobre esta desgraça
uma estrela apenas da constelação do teu manto
que ilumine os necessitados,
não te peço evangelicamente pelos que têm fome e
sede de justiça

porque esses serão saciados na eternidade,
peço-te pelos desventurados
que precisam agora, já, do pão do teu amor
e não podem esperar que as Bem-Aventura se cumpram,
são os que deambulam pela rua sem pressa de chegar
onde a humilhação os espera,
ou se escondem em casa de vergonha,
imploro-te que os ajudes Senhora da Esperança,
como eu os ajudaria se pudesse,
apaga esta sombra pesada e temerosa
que alastra nas almas como um cilício,
lâmina cortante sem bainha possível
que não seja o teu calor humano, dádiva celeste,
e peço-te ainda, Senhora das Necessidades,
que acabes com a felina necessidade de alguns
oprimirem e explorarem tantos outros
para que o mundo seja mais justo e habitável,
antes que a indignação transborde, e a vida
seja terra amassada em sangue, fratura exposta
do nosso corpo aberto à gula dos abutres.

MAR E SOL

Deste mar ancorado no meus olhos
já não regressam nem partem os navios
que venciam pélagos e escolhos
e dobravam os cabos mais bravios.

Deste cais de lágrimas aos molhos
já não erguem o mastro os desafios,
vou desfolhando o tempo e os abrolhos
contando os longos, sáfaros, estios,

à espera de encontrar um verso onde
caiba todo o fulgor da juventude
e me faça esquecer esta chatice:

o milagre é que o Sol ainda se esconde
no teu sorriso, última virtude,
que resgata a tristeza da velhice.

Figueira da Foz, Verão de 2013.

VERÃO

O verão é a minha estação preferida,
embora, poeticamente,
goste mais do outono.

No verão somos todos mais iguais,
uma camisa nos basta para sair
não precisamos de agasalhos nem gravata
nem de outros atavios que distinguem
os diversos extratos sociais.

É por isso que prefiro o verão
que reparte o calor por todos
e o céu é mais azul e generoso,
convida ao sonho e à liberdade
de sermos iguais correndo descalços
sobre a relva dos campos, sobre a praia,
com a pura alegria de crianças.

No verão os pobres não têm frio
e uma sombra lhes basta
para vestir a mágoa dos seus olhos.

EU PODIA SER UMA ÁRVORE

Eu podia ser uma árvore
um lago ou um rio
um qualquer animal
ou mesmo o voo de um pássaro em fuga.

Da árvore guardaria a raiz
da água a sede da descoberta
do animal o instinto de defesa
do voo o sonho de todos os céus.

Assim daria rosto à inquietude
que me atravessa o olhar distante
como o canto interrompido
de um pássaro ausente do seu ninho.

REDONDILHA LUSITANA

Este destino que escorre
dos telhados como chuva
é quando a esperança morre
e deixa a vida viúva.

Destino de quem padece
a dor da Pátria humilhada
é quando o poema acontece
para trazer a alvorada.

Que fique ao menos a rima
nesta mensagem serena:
não haja quem nos oprima
o povo é quem mais ordena.

NOVO CÉU

Dêem-me uma harpa, uma árvore, uma estrela,
um poema ou uma sinfonia
para me ancorar e sentir
que não estou só, mesmo que as sombras
cubram de tristeza o deserto deste dia

Estar só é perder toda a esperança,
desistir da vida,
e já não ter palavras para calar
o silêncio por dentro dos seus olhos

Por mim, busco uma flor de luz
e o poema que canta
a esperança do tempo que há de vir:
o Sol será nosso como o azul
do novo céu ainda por abrir.

CORPO RENASCIDO

Encontrei-me um dia, perdido de mim, numa floresta de sombras, imóvel como uma estátua na consciência de o ser. Um pássaro azul rompeu a clareira, deu três voltas a enlear-me no canto do seu voo e veio pousar suavemente no meu ombro.

Talvez pensasse que eu era um velho tronco à espera de cair, porque me olhou com a infinita piedade com que as aves costumam adormecer as suas penas. Depois irrompeu num cantar de ninfas desnudadas sobre a relva.

Continuei imóvel, a gozar a inefável sensação de fazer parte da natureza e dessa harmonia que só os pássaros derramam no céu das florestas, tentando desvendar o segredo que fazia de mim uma árvore do Éden.

Quando o pássaro partiu, em volutas que erguiam ao céu a estátua ocasional do seu ancoradouro, senti que me chamava e que os meus braços eram asas de luz à procura do meu próprio corpo renascido.

E os cavalos de vento libertaram a terra de todas as sombras.

Coimbra, Janeiro de 1999, revisto em Janeiro de 2014.

ERA UM RIO E CHORAVA

80 POEMAS PARA 80 ANOS

(2016)

(Página deixada propositadamente em branco)

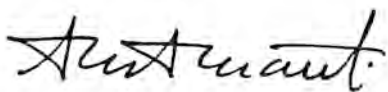
Caro Leitor:

Aqui te deixo mais este livro de horas amargas e doces. Corre-me nas veias um rio de versos desencontrados, de amor e mágoa, esperança e desencanto. Sou, como sabes, um pacifista revoltado com as injustiças do mundo. Conjugo razão e utopia, a dor pelos males da Pátria e a certeza de um futuro mais livre e fraterno. E assim me escrevo como sou, guardador de emoções, poeta da revolução humanista, visionário de outros rios que não de fecundar o pousio de tantas vontades descrentes e florir as searas da harmonia coletiva.

Talvez este seja o meu último livro. Depois de sessenta anos de escrita creio que não disse o essencial de mim. A vida é uma realidade complexa ainda por decifrar, e a beleza, verdadeiramente, não se deixa escrever, apenas permite que a sintam aqueles que se comovem com um sorriso de criança ou com uma flor a abrir-se ao Sol dos dias plenos. A grande metáfora da vida é a arte, porque ousa desafiá-la para além da morte.

Os meus livros são o testemunho sentido e a radiografia sentimental desse rio que há em mim, que canta e chora conforme o rumo dos ventos, e que teima na busca da força e da autenticidade matricial das fontes. Retrato inacabado de quem foi fraco no fazer mas forte no ousar, e que tu, Caro Leitor, poderás completar folheando a minha obra literária. Que ela fale por mim. Mesmo as línguas mortas não se calam.

Cordialmente,

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Agustina', written in a cursive, flowing style.

Janeiro de 2016

(Página deixada propositadamente em branco)

MEMÓRIA

Não exponhas a memória à brisa
emotiva da escrita. É tão sensível
que se abre como um livro
e fala como um novelo desatado

É melhor deixá-la repousar
num canto secreto da gaveta
para que não mostre as feridas
que te molestam mais do que vespas
em voltas insurgentes
no tumulto espinhoso das palavras

Não queiras que as suas dedadas
imprimam na mesa onde escreves,
limpa de toda a perfídia,
a impressão digital dos dias sombrios

QUE O MEU ESPÍRITO

Que o meu espírito fique neste livro
como exalação íntima dos poemas
e enalteça o tempo de os viver,
e que os versos sejam rosas desfolhadas
por cada manhã de sol, por cada dia
de luz repartida contra a escuridade
contra o silêncio das sombras disfarçadas.

Que fique neles também a ternura da mão
que os escreve no calor de os sentir,
e a respiração ardente da alma
no refluir de cada sílaba, na vida
que perpassa diante dos meus olhos
e anuncia ao vento alvoroçado
um canto de esperança encanecido.

Que o espírito permaneça nos meus versos
como o sonho na água corrente
e a asa no destino de todas as aves
que não desistiram de cantar
em cada razão do seu voo
para que o leitor o sinta como um sentimento
e saiba que, afinal
a maçã de Newton não caiu da árvore
por causa da lei da gravidade
mas porque não tinha asas,
e que ter asas é tocar as estrelas
levantar o mastro navegante
e abrir a toda a humanidade
as fraternas luminosas manhãs do futuro.

Por isso vos dou este cesto de maçãs
colhidas por mim
amorosamente
no pomar ainda quente dos afetos.

ESCREVO-ME

Penso o que sinto e escrevo o que penso.
Navego como sou
ao sabor da escrita
marinheiro à proa do seu rumo.

O meu barco procura um verso
novos caminhos do mar
mas volta sempre ao cais de outrora:

escrevo-me por dentro
como quem se despe por fora.

RECOMEÇO

Tomarás na mão aberta um pouco de terra,
da terra imaculada onde o homem
ainda não deixou sua pegada antiga
de animal feroz,
e assim, como quem espera o tempo renascido
deixarás a mão estendida
até que a luz orvalhada do céu
e o sopro seminal do vento
fecunde esse barro e transforme
a ausência do amor na plenitude de o ser.

Lavarás então a cara com esse mosto da vida,
lavarás até que a alma se liberte
de toda a culpa por ter sacrificado a esperança,
e assim purificado
anunciarás ao tempo o recomeço.

Um homem basta para mudar o mundo.

POEMA

Se daqui a cem anos alguém ler este poema
saiba que eu o escuto
com a ternura de uma flor a abrir-se
para a voz que me fala
na clara folhagem da manhã.

O poeta está em cada verso
como o instante na respiração
de cada sílaba, como a luz
no sereno olhar do seu leitor.

CINZAS

Alargo o olhar e vejo-me
todos os dias
cercado por uma muralha
de cinzas

Que chamas destruíram
as antigas luminosas
madrugadas?

Antigamente
o meu olhar não tinha limites
e só havia um dia de cinzas,
era numa quarta feira.

SE EU FOSSE UM DEUS

Se eu fosse um Deus, Eolo por exemplo,
desencadeava uma tempestade
para varrer a imundice do mundo
e apagar as labaredas
das almas ofegantes
calcinadas pela dor
como tições
fumegantes.

Mas penso: quem semeia tempestades
colhe árvores caídas
ou homens arrancados à negrura
das suas vidas.

Não quero ser Eolo, dono das tempestades,
ou outro deus qualquer
nem mesmo Orfeu.
Quero ser homem de barro
de fogo e vento,
quero ser eu.

RIO QUE CHORAS EM MIM

Rio que choras em mim
a saudade da nascente
deixo-te as minhas lágrimas
para engrossar a corrente.

Rio de todas as águas
metáfora da minha vida
deixo-te o sonho e as mágoas
num poema de despedida.

Rio Mondego sagrado
por poetas e cantores
leva para o mar salgado
o sal das minhas dores.

Há um barco imaginário
que singra no meu olhar
navegador solitário
vou contigo até ao mar,

vou contigo até ao fim
rio que choras em mim.

TRÊS DÍSTICOS E UM MONÓSTICO

Sobre esta longa noite de opressão
que o Sol redima a liberdade.

Sobre este pelourinho da servidão
que o Sol seja sinal de igualdade.

Sobre os vampiros da alma da nação
que o Sol seja o rosto da fraternidade.

Quando o Sol for de todos a vida é nossa.

CIGARRO

Por que me veio agora à escrita
a palavra cigarro
se o tempo há muito apagou
o sulco emergente desse lume?

Por que sinto o calor e o fumo
como outrora a esvoaçar
no enalço do poema?

Às vezes a escrita recupera
na orla do inconsciente
os gestos perdidos como tema.

ROSA VERMELHA

Não uso flores na lapela
salvo o cravo de Abril.
Mas há uma rosa vermelha
— e não vos engano —
que sorri nos meus olhos
todo o ano.

POEMA SEM NOME

Juro que é verdade: vi-o remexer
com o braço exímio de pesquisador diário
o caixote do lixo. Depois
deu ao companheiro parte das migalhas
e ambos mastigaram com a ansiedade
de um rio galgando o dique
de tantos invernos de gelo.

Eram duas crianças. Tinham olhos grandes
doridos de cansaço e fome
plantados na rua deserta
naquele dia inconsequente
de um de Janeiro de dois mil e catorze,
ano novo para uns e ano velho
para as crianças que começam a envelhecer
quando a esperança está num caixote de lixo
numa rua deserta onde lentamente
os vejo desaparecer na indiferença da manhã.

Fechei a porta e enxuguei o sal
a escorrer-me dos olhos até à alma
e pus-me a escrever esta mágoa de mim
este poema sem nome,
não sei se por vergonha ou por revolta
talvez por amor
para matar também a minha fome.

O QUINTAL

O quintal tinha o tamanho do mundo:
nele couberam os meus primeiros versos
os primeiros sonhos e os primeiros amores
e tantos moios de trigo tanta fome
tantos lagares de vinho tanta sede
tantas léguas de passos e de trilhos
para acordar os pássaros e os ninhos
onde habita a memória da infância.

Lembro-me tão certo como agora o revivo:
escondia-me na sombra das roseiras
ou na impaciência dos gerânios
a espreitar-te quando subias às arvores
e ao ver a tua saia em balão
era o céu que eu sentia e me chamava.

A nora cantava ao ritmo do arado
e a primavera vinha pontualmente
trazer a alegria da vozes desatadas
que ainda escuto como quem semeia
o agro desse tempo fecundado
pela minha saudade camponesa.

E as portas da casa sempre abertas
a todos os vizinhos e ao vento
que afogueava a vida e agitava
o mar ondulante das searas

Agora vejo o quintal e sinto os olhos doridos
pelo sal contido das lágrimas.
Está em pousio de sol o quintal da minha infância
desprovido de vozes e cantares

não se ouve o murmurar da seiva nas raízes,
é um espaço exíguo onde só cabe
a ausência de tudo, a aridez destes versos
que soluçam em mim a despedida.

As silvas erguem-se na tristeza da tarde
e as portas da casa estão fechadas até ao telhado.

Olho-me na lonjura do tempo e pergunto:
serás tu o eu que agora me fala?

A PROSA DA POESIA

Perco-me na rua à procura
do acaso dum verso ou dum sorriso
duas formas de ter o que preciso
e afastar as sombras da loucura

de um tempo sem rumo nem fulgor
que fere a vida até à negação
do ser e do haver, a equação
deste sal dos olhos, desta dor.

E assim me procuro rua acima
enquanto rua abaixo a tarde morre
um sino impaciente duma torre
desperta-me o acaso desta rima.

Mas eu prefiro a prosa da poesia
à rima que me soa a vanidade,
gosto do verso vivo que respira
a sua emoção em liberdade.

ALAMEDAS DE OUTRORA

Passeávamos de mãos dadas, e o sol
floria no teu vestido estampado
de rosas abertas à luz do teu sorriso.

Era o tempo em que não havia pressa
porque o encontro não tinha hora marcada
e o futuro era um fruto por abrir
em nossos olhos fechados de ternura.

As alamedas eram naves de folhas verdes
cobertas pelo zimbório das ramagens
passeávamos à sombra das tílias
como dois pássaros sulcando a tarde.

Já não há alamedas como outrora
mas os pássaros ainda voam
quando sinto na minha a tua mão
e desfolho as rosas do teu sorriso
ainda e sempre abertas à ternura da tarde.

PALAVRAS FÁTUAS

As palavras já não têm alma nem cor
a cor exata e navegante dos mares antigos
nem o saber e o sabor limpo dos céus
quando a manhã despertava e cada letra
era um fruto maduro
e a honra da palavra era a honra da vida
tão certa na consciência como na boca o pão.

Agora as palavras são enganosas
vazias de rigor e sentido, são apenas
palavras fátuas, vozes apagadas
que levitam no deserto das ideias
como fuligem na crepitação dos ventos.

Oh minha saudade do tempo harmonioso
em que as palavras cantavam
o amor, a liberdade, o futuro
e significavam o que diziam
em cada letra da sua respiração
viva e pulsátil como um poema a nascer
porque a esperança acenava em cada verso
e uma vela emergia do imenso oceano da alegria
aberto à claridade do étimo resgatado
que fez da minha geração gente de palavra.

Agora a semântica perdeu todo o pudor
não há sintaxe que resista à náusea
do monturo onde as palavras
esventradas da substância da vida
mentem sem vergonha nem talento:

só uma palavra exprime com verdade
esta ácida sensação de perda
— é uma palavra-excremento
é a palavra merda.

TODOS OS DIAS

Todos os dias sinto o silêncio que me escuta.

Todos os dias o Sol acorda a noite.

Todos os dias junto a minha voz ao coro universal dos indignados com as injustiças do mundo. Mesmo insignificantes como uma lágrima, todas as vozes engrossam a corrente.

Todos os dias tento ser um elo da cadeia intemporal da fraternidade. Intemporal, porque quando já não for ainda serei.

Todos os dias o tempo desliza na ampulheta como as horas num relógio de Sol. Até que a corda se apague. Dizem que faltam apenas uns milhões de anos.

Todos os dias espero um novo dia. Enquanto espero, vivo o tempo futuro.

CHUVA

Estava um dia negro
de lágrimas e sombras.
Chovia
nas almas e nas praças,
e uma gárgula vomitava
com raiva e asco
as obscenas torrenciais
imprecações dos homens.

POEMA

Que venha um raio que parta as grilhetas
deste tempo escravo
ilumine a escuridão opressiva desta noite
e desperte da jacência os dias resignados
à fome de pão, de Sol e de esperança,

levantai-vos oh condenados às trevas da vida
chegou a hora exata das raízes
que procuram o seu chão lusitano inviolado
onde germina a certeza de todas as sementes
à espera do seu tempo de ser fruto

oh meu rio de tantos barcos perdidos
de tantos canaviais chorosos
da saudade, da lonjura das fontes,
de tantos rostos rasgados à faca
na conjura de tantos ocasos
sem o regresso da aurora, sem um caminho
por abrir no peito exausto
em cada árvore cantando
em cada seara sulcando
o horizonte que acena para além da noite
pêndulo calado nesta hora aziaga
e contudo desperto nas arribas da memória
no vértice de cada estrela e de cada pedra
sobre o vento finalmente livre em seu azul celeste
com o fogo da remição por testemunha,

E assim
estando certos todos os elementos da natureza
as trombetas ordenam que as sementes se levantem
erguendo o Sol em suas mãos

e reparta grão a grão sua luz fraterna
sabor finalmente experimentado
na certeza iluminada de todos os olhos
na doçura sorrindo de todas as bocas.

OUTRO POEMA SEM TÍTULO

Tantos planetas desabitados, tantas estrelas
em pousio de luz, sem chama nem vida
tantas bocas mudas do sabor da esperança
tantos mares sem o sulco de um navio
como os campos desterrados da infância
sem o cio dos arados nem a alegria das colheitas,

o mundo está ermo de qualquer futuro
e agora leio que o próprio sol, o astro-rei
tem apenas mais alguns bilhões de anos
até se apagar em cinzas derramadas
sobre a inumerável superfície do nada,

melhor seria para os ícolas do nosso tempo
que o Grande Arquitecto do Universo
reunisse toda a matéria ainda fumegante
todos os elementos da primitiva amassadura
dispersos na infinita voragem do caos,
a terra, a água, o fogo, o vento e os átomos
suspensos na sua outra geometria
e reconstruísse a casa comum de homens e bichos
onde as leis da física e a química das palavras
fossem tão simples como este riacho limpo
que me serve de espelho e onde bebo
o luar desta paisagem navegante
na concha da tua mão em flor
com um pássaro no ombro a sorrir
destes versos que escorrem dos meus olhos
um silêncio triste de não saber porquê.

EVOCÇÃO ÍNTIMA

Lembras-te Maria
do prazer da brisa e do cheiro a maresia?

Naquele tempo o mar era louco
e nós felizes com tão pouco.

Como as crianças, o mar vinha e voltava
enquanto o céu azul nos olhava.

O pensamento vago e disperso
colhia em cada onda um novo verso.

Depois escrevia na areia
um poema como quem semeia.

Agora já não sinto, Maria
o prazer da brisa e o sabor da poesia.

As ondas já não trazem inspiração
apenas a espuma fugaz da ilusão.

Mas o céu ainda nos acena
como a dizer que valeu a pena.

SAUDADES DA JUVENTUDE

Na juventude tudo é nosso
até o futuro.
Depois
quando o presente se torna passado
e a vida anoitece
chegam as sombras e o pão duro.

PROCURA 1

Procuro um verso quântico,
um verso seguro
que faça regressar o passado
ao espaço infinito
do maravilhoso tempo futuro.

Um verso definitivo
um poema que ilumine a verdade
para dar a cada um
o Sol e pão
da sua humanidade.

35 ANOS DEPOIS

Serviço Nacional de Saúde:
a esperança em liberdade,
força conjugada
do dever e da vontade.

Ainda floresce
na alma levantada
este grito — SNS!

Que seja de todos, Sol e vida
estrela da igualdade,
símbolo, força, sinal:

Cravo de Abril plantado
no chão de Portugal.

15 de Setembro 2014

A ETERNIDADE NÃO TEM FUTURO

O Sol viverá apenas
mais alguns biliões de anos.
Depois tudo se apagará
e uma noite de cinzas,
gélida, definitiva,
cobrirá com um manto de negrura
o espaço ausente do nada.

Até o sol é efémero.
A eternidade não tem futuro.

ROSA BRANCA

Deixamos sempre um rasto
um pouco de nós onde tocamos
um átomo de vida, ínfima partícula
da respiração do tempo, cinza
dos dias derramados
como um sulco de vento no deserto.

Confirmei esta certeza ao regressar
ao banco de outrora e desfolhando
a nossa rosa branca: o teu sorriso
iluminou a tarde,
pétala de luz
como há cinquenta anos.

ESPELHOS

São úteis os espelhos para guardar os gestos
e os sorrisos furtivos
que se perdem no vazio de cada instante.

Se olhares fixamente, o teu rosto permanecerá
com a mesma grafia
com que a carne desenha o teu perfil.

Experimenta.

Volta no dia seguinte ou no próximo ano.
Verás que o teu rosto continua intocado
talvez um pouco mais impaciente, talvez
os teus olhos estejam baços
pela surpresa da noite e reveses da viagem
que o espelho embaciou,

mas são ainda os mesmo olhos que te fitam.

PROCURA 2

Procuro um verso como quem tem fome
mas não encontro a palavra nem o pão
um vento impiedoso varre as árvores
as folhas e os frutos deste chão

Procuro um verso como quem tem sede
mas não lobrigo a água nem as fontes
uma sombra de tédio cobre o sol
onde cantavam velhos horizontes

Sinto a língua seca a boca muda
a alma vazia o poema disperso
não tenho arado com que possa abrir
o sulco promissor de um só verso

Quando a palavra não fecunda a mente
não há chão que acredite na semente

POEMA

Durmo um sonho
de giestas em transe

e enquanto sonho
um pássaro murmura
pousado nos teus cabelos

quando
é o teu sorriso
que me desperta

como brisa derramando
o perfume da manhã

VERSOS EM 4/3/3

Quando era estudante escrevia
na palma da mão
cábulas jurídicas
e outros enredos legais.

Agora tenho a mão vazia
sem marcas nem sinais
a avivar a memória,

apenas linhas naturais
de um tempo de glória
que não volta mais.

RASTO

Tudo deixa rasto
no encalço da vida:
a palavra, o silêncio
e até o casto
adormecer
de uma folha caída.

Na mãe natureza
nada se perde:
nenhum rumor
nenhuma imagem
nem mesmo o verde
aceno da paisagem.

Também o passado
habita o presente:
o próprio olvido
não pode esquecer
o céu, a semente
do tempo vivido.

O FUTURO EM SI MESMO

O futuro em si mesmo não existe. É uma construção mental em perpétuo movimento, porque muda a cada instante como o matiz de uma flor ao vento.

Existe apenas o presente em contínuo regresso ao passado e em simultânea transumância para o dia seguinte como um rebanho de circunstâncias que fazem do tempo um guardador sem cajado.

Cada momento de hoje é uma ovelha à espera de voltar ao ontem de sempre, e outra a pastorear o amanhã que tarda. Mas este amanhã será novamente um dia efêmero até gerar o ocaso e a aurora, gémeos siameses da eternidade.

Por isso, amigo, salta o redil e vive a plenitude deste agora, porque, como já te avisei, o futuro não tem véspera.

ABRIL EM FLOR

Se eu quiser desfolhar o sol
como um cravo de Abril
para celebrar a vida,

imagino primeiro o cravo
pendente de uma estrela
ao alcance da mão estendida,

e depois, num gesto de asa
solto o vermelho da flor
ao vento da imaginação:

Quem imagina desfolha
Abril no seu coração.

BUCÓLICA

Da eira do meu quintal
enquanto malhava o trigo
fazia breve um sinal
para me encontrar contigo.

Tu acenavas que sim
naquela tua maneira
que eu não cabia em mim
era ao vento uma bandeira.

E então entre giestas
com a terra aberta em flor
eram sorrisos e festas
era o verão no seu esplendor.

Agora já não te aceno
para me encontrar contigo
como quando era pequeno
por entre medas de trigo.

Agora vives comigo
longo tempo que não pára
nossa eira nosso trigo
nossa promessa seara.

NÃO TE DIGO

Não te digo, que não sei
soletrar esta emoção
palavra sílaba letra
partícula solta de mim
rosas da noite madura

mas se me olhares nos olhos
talvez vejas no seu brilho
labaredas de ternura

NATAL?

Dizem que é Natal mas eu não sinto
a emoção da noite nem o calor da alma
que o milagre acende em cada estrela.

Natal é quando o amor semeia
o Sol de um novo dia
e cada um recebe
a sua parte sagrada de esperança.

Como pode ser Natal
com tanto desespero em Portugal?

24 de Dezembro de 2014

AUSÊNCIA

Estou onde a ausência me chama
à beira mar da tristeza
sem barco que me leve
nem cais que me receba.

Estou ausente de toda a esperança.
O Sol é uma metáfora apagada.

Estou no vazio profundo dos sentidos
o tempo ausente na minha mão aberta.

O próprio futuro
está ausente em parte incerta.

FAZ QUE A VIDA ACONTEÇA

Não guardes o sorriso apenas para ti
nem a dádiva de Sol
na tua mão aberta:
há sempre alguém à tua espera
na rua deserta.

Faz que a vida aconteça ao teu redor:
que cada sorriso e cada gesto
seja promessa de amor.

Não adies a hora de fazer
à espera da melhor sorte:
fazer é ousar a vida
e adiar a morte.

POEMA DESCARNADO

Sem carne
o poema
treme de frio:

céu sem estrelas
terra sem verde
água sem rio,

palavra limpa
de toda a luz
remanescente,

flor sem corola
mar sem barcos
chão sem semente.

O poema precisa
do adjectivo
sintaxe da alma
para estar vivo.

ÍNTIMA LUZ

Eu vi a luz em um país perdido.

Camilo Pessanha

Íntima luz
do oriente
iluminando
o rosto e a mente.

Entre colunas
sobre as romãs
a luz desfolha
outras manhãs.

Fraterna luz
universal
semente e fruto
do ritual.

ANTÓNIO

Uma alegria imensa abriu as asas
e encheu-me até ao alto da estante
uma alegria pagadora de muitas manhãs
para encontrar aquele livro precioso
que me ofereceste num festivo dia longínquo
com uma dedicatória em letra afectuosa
e um beijo acetinado de colegial sonhadora,

e quando ainda não tinha sorvido
essa alegria e a surpresa transbordante
no virar de cada página, no regresso
à emoção pura do sangue em alvoroço
como quem sacode o orvalho
da folhagem renascida dos olhos,
encontrei o teu retrato a sorrir-me
de trás daqueles versos *para as raparigas de Coimbra*
onde *tocam os sinos de Santa Clara*,

Ora eu estava *Só* com o livro de Anto
que dizem ser o mais triste de Portugal
mas fiquei acompanhado por tantas recordações
tantas noites de luar vadio
ó lua encantada no fundo do poço
que a alegria trepou ligeira
pela escada de Jacob e tocou o céu
desaguando neste murmúrio poético
no gesto maquinal de fechar o livro
e abrir ao Sol da manhã
a suave e doce sensação
de voltar contigo à juventude, ao início
desta longa viagem de rosas e ternura
pela graça de um poeta também chamado
António

REGRESSO

Procuro os sinais vivos no caminho
dos passos furtivos sobre a relva
cinza ainda quente dos dias felizes
que sacodem a memória
como o vento no lume renascido.

Voltamos sempre ao lugar onde
o amor continua a ser promessa:

Quem nunca amou nunca regressa.

ENTARDECER

A tarde entardece sobre o rio
hesitante como todas as dúvidas
com medo do mistério da noite.

Olho a cidade em suas cores voláteis
conforme a dádiva de luz.
O entardecer é sempre um enamoramento.

Sinto no corpo a lassidão da paisagem
enquanto o espírito flutua
na imensidão cósmica da vida,

e então deixo-me adormecer
com os últimos acenos do sol
e a tranquila certeza da morte.

NESTA NOITE

Nesta noite que fez parar o tempo
nestas noites imóveis e pesadas
em que o próprio silêncio se calou
e apenas se ouve o lento rumor dos vermes
a rastejar na fria soleira do cansaço,

nestas noites de impaciência e tédio
em que o mundo está suspenso e indeciso
de um aceno de vento ocasional
ou da hesitação vadia de uma sombra
perdida na encruzilhada da dúvida,

coloco mentalmente um marco divisório
no pousio de mim onde se acoitam, vorazes
os abutres da fadiga, os corvos da insónia
e tento insculpir do lado de cá da angústia
a palavra que desperte a noite e o poema.

Procuro-a como quem soletra — sol, luz, amor
e sinto o drapejar de uma vela sulcando
o mar imenso dum acordar agitado
enquanto a palavra-senha se liberta,
na manhã renascida das cinzas invisíveis,

como um rio cativo das margens ancoradas.

ERA PARA SER UM MONÓSTICO

Todos os poetas sonharam
subir ao Parnaso, entrar no Templo
e sentir a iluminação que permitisse
escrever o mundo num só poema
e o poema num só verso
eterno e definitivo, o uni-verso.

Aqui fica com a humildade do caminhante
e a vénia poética do girassol
diante do luminoso raiar da manhã
mais um indeciso, titubeante
esboço de monóstico:

Um mundo novo é a fé do agnóstico.

O MEU PAÍS

Dói-me no peito o meu país,
a terra sem pão, ao abandono
o mar cinzento de lágrimas e sal
impiedoso tempo que secou
as fontes ancestrais de Portugal.

Povo agrilhado, pátria doente:
não há maior dor do que sofrer
a angústia de não saber
se há vida para além deste presente.

Barco encalhado nas arribas da dor,
voltarás a levantar o mastro
e a vencer o novo adamastor?

AVENIDA DA LIBERDADE

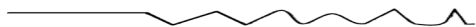
Tenho nos olhos todos os destinos:
quando levanto o dedo indicador
aponto no mapa da imaginação
todos os caminhos e lugares do mundo
tão reais como esta folha que me escuta.

Quando penso abro todas as possibilidades
mesmo quando digo vou amanhã a Atenas
ou prometo estar contigo em Babilónia
no regresso de Roma e Jerusalém
e trazer-te como prova uma pedra do Partenon.

A imaginação não tem paredes nem limites
e ainda é a melhor maneira de viajar
sabemos todos que não há diferença
entre o estar físico e o imaginado,
o espírito é o lugar de todos os encontros.

Eu, por exemplo, escrevo este poema em Coimbra
com o Mondego em fundo e o que vejo
somos nós no meio da multidão
na Avenida da Liberdade, em Lisboa,
finalmente justificada no seu santo nome.

Traço uma linha na folha lisa. Assim



uma linha reta, quebrada ou sinuosa
conforme o impulso emotivo da mão,
pode ser o lado de uma figura geométrica
o esboço de um triângulo equilátero
um poliedro com a forma seminal do desejo
ou um rio no mapa físico do meu corpo.

Desenhar uma linha é fazer um traço na alma
um risco na superfície interna da consciência
ou uma asa solta onde a noite é o avesso da luz,
e esse traço escrito no acaso de um gesto
pode ser tudo o que eu imagino e sinto.

Um traço é sempre o começo de uma ideia
segmento de uma realidade em devir
linha em branco de um poema à espera
das palavras certas, da libertação dos ventos.

E assim imagino um pássaro pousado
nessa linha agora acesa dos meus olhos
como um ramo, um braço estendido
na direcção da árvore imaginária,
toco suavemente em suas folhas voláteis
e sinto o sabor a fruta de cada palavra
um aroma poético a desabrochar do silêncio
como o suave murmurar da vida,

enquanto a linha traçada na folha branca
vai desenrolando na ternura da mão
seu íntimo destino, oculta geometria.

HERBERTO

um nó de sangue na garganta
um nó apenas duro

H.H.

Dizem as notícias que morreu Herberto Helder
e a televisão dá o seu retrato a preto e branco
naquela olímpica postura de quem se está lixando
para o que digam dele, para a morte
e para tudo o que a vida tem de efémero
porque só a poesia respira nos seus olhos
tão certa e pontual como na alma a luz
e o sémen exato nas palavras necessárias.

O dia ficou hirto, incongruente e triste
é um malmequer desfolhado.
Sinto-me incrédulo com a falsa notícia,
o Herberto não precisava de morrer
para entrar na eternidade.

Levanto-me devagar, *devagarosamente*,
dou uns passos em volta e encontro o Poeta
à minha espera como todos os dias
segurando nas suas mãos de fogo,
mãos calosas de tanto trabalho poético,
A Morte Sem Mestre, seu último livro
antes do próximo, e digo-lhe: Mestre
estão a noticiar a tua morte
é preciso ressuscitar do equívoco,
fazer um desmentido,

tu que não dás entrevistas nem frequentas
as feiras e tertúlias literárias,
tu, cenobita madrugador de luas
que sempre estiveste
mal com as academias por amor da língua portuguesa,
mal com a terra por amor dos caminhos marítimos,
tens de sair à rua e proclamar aos gentios
que não aceitas *a morte no gerúndio.*

Finalmente sorris como quem desata um nó:
não vou dar confiança a essa malta,
aliás, *mal nasci logo me deram por morto*
deixa falar os que nunca me entenderam
e agora me chamam o mago da palavra,
eu continuarei intacto e fechado no poema,
único lugar limpo neste mundo sujo,
até que a noite se renda àquele verso
ainda e sempre à espera do seu tempo
de amanhecer no coração do homem.

Estás vivo a meu lado e ouço a tua voz:
Quem ama é sempre cedo para o tempo.

24 de Março de 2015

MEMÓRIA DO CORPO

Dispo-me do corpo e a alma voa
liberto-me da alma e o corpo tomba
sou nuvem que flutua na penumbra
indefinida do ser e do não ser.

Não vejo nem sinto, mudos os sentidos,
talvez tenha entrado noutra dimensão
ou num sonho de sombras sem regresso
à espera da mão que acenda a luz.

Há porém um silêncio que me chama
sobre a nudez da noite, sobre a dúvida
que paira no vazio. Talvez um pássaro
sem árvore onde pouse o seu destino.

Corre-me por dentro um veio de água
um murmúrio de asas sobre a areia,
as minha mãos vão-se abrindo ao vento
como quem sente o mar por companheiro.

A consciência retoma o instante dos sentidos
e acorda na alma a memória do corpo.

AURORA

A manhã sorri
no verde dos teus olhos

como um rio cantando
a carne dos sentidos

na polpa do desejo
acorda a primavera

MARCHAR, MARCHAR!

Sou cidadão do mundo.
O meu mundo é Portugal:
a terra que nos falta
o céu e o mar que sobra
e a esperança para acabar a obra.

Minha Pátria, meu Povo
minha flor de verde pino:
é tempo de ousar o futuro
desfraldar a bandeira
marchar, marchar ao som do Hino!

ÚLTIMO GRÃO

Resta-me um grão de esperança
no bolso esquerdo do peito
gastei os outros em vão
ao longo da caminhada
mas ficou-me este à procura
do seu tempo de afirmar
que o último grão é ainda
seara, espiga, semente.

Vou dá-lo a quem mais precise
já não espero nada
vou-me embora pra Passárgada
para essa ilha chamada
utopia da razão
lá não há servos nem senhores
tudo é nosso e a água é limpa
como na alma a luz.

Vejo uma criança encostada
à esquina da sua dor
de mão estendida ao vento
mas contorno o embaraço
não dou esmola, tenho vergonha
deste tempo de loucura
meu país que morre à míngua
tanta criança com fome
de sol, pão e ternura.

Sigo em frente e deparo
com um músico de rua
com sua viola aos ais
e seu chapéu colector
de moedas como um mendigo,
ponho os olhos no chão e piso
a minha própria sombra

neste passeio-devaneio
à procura de alguém que queira
este último grão de esperança
sobrevivente cativo
de tantas decepções
a mim já não me faz falta
vou-me embora pra Passárgada
não quero morrer com a Pátria
como Luís Vaz de Camões,

e então vejo que marcha
vacilante ao meu encontro
um cego com o seu cão
de humana solicitude.
Travo-lhe o passo e digo:
tenho aqui um grão de esperança
é tudo o que tenho o preço
mas já não preciso de abrir
nenhuma porta da vida
a única que me espera é franca
é a nossa eterna igualdade
que a sociedade nos nega
aceite esta semente Amigo
este sinal de que o Sol
há de voltar a brilhar
no coração dos desesperados.

Ele sorriu abrindo a mão
e eu depus nela a alma
como um grão que se semeia
na certeza de que os cegos
hão de ver hão de sentir
o sabor doce do fruto
do futuro que há de vir.

UMA FLOR E UM SORRISO

Dei-te uma rosa, deste-me um sorriso
e o dia iluminou-se
como há cinquenta e seis anos
quando entrámos na nossa casa
engalanada de flores silvestres
e caiada de primavera.

Tanto tempo depois
ainda vamos juntos à fonte
sem nunca partir a asa.

O nosso cântaro tem a medida justa
da nossa sede
e ainda não estamos saciados.

1 de Abril de 2015

RECORDAÇÃO

Havia um claustro. As roseiras trepavam
até às arcadas desse dia antigo.

Os teus cabelos ao vento perfumavam
a tarde ocasional do nosso encontro.

Pediste para te contar o romance
daquela monja que esperou em vão
o regresso do seu amor perdido
nos mares do mito sem novas de Goa.

Os mosteiros são livros de histórias
de amores impossíveis. Não há santo
que não tenha caído no pecado
para conferir sua virtude humana.

Vi então o teu rosto iluminado
pela lenda da freira que morreu
sem saber que os mortos voltam sempre
ao lugar onde o seu amor nasceu,

e ofereci-te uma rosa, esta rosa
que agora desfolho em pensamento
enquanto ouço ao longe a tua voz
nas arcadas do tempo regressado.

POEMA EM ATO

Escreves uma frase que te cai do céu
por exemplo
lágrimas de vida fecundam a terra
e dizes que é um verso como se bastasse
vestir de roupa poética uns pingos de chuva,
ora um verso é a emoção despida de retórica
é a tua verdade íntima verdadeira
mesmo que ninguém acredite.

Depois escreves outras frases do inconsciente,
por exemplo
o sorriso daquela criança
iluminou-me como a palavra luz
como um murmúrio celeste,
e dizes que fizeste um poema
mas um poema não é uma rima de frases
sobrepostas como uma pilha de livros,
um poema é um livro aberto na página seguinte
onde vai acontecer o mistério da vida.

Aproxima-te e procura a palavra exacta
na folha por virar, no sorriso das fontes
e sentirás então as tuas próprias lágrimas
a fecundar a alvura da manhã
conjugando cada sílaba da emoção
verso a verso como o Sol de cada dia
nos teus olhos escrevendo a palavra amor.

PENTAGRAMA

*Fica decretado que o dinheiro
não poderá nunca mais comprar
o sol das manhãs vindouras.*

Tiago de Melo
Santiago do Chile, Abril de 1964.

Que o homem jamais oprima o homem
e a fraternidade seja o oxigénio da vida.

Que a água brote pura como a primeira luz
e mate a nossa sede de dignidade e justiça.

Que o sorriso das crianças e a paz no mundo
sejam a seara do nosso deslumbramento.

Que todos tenham uma igual fatia de Sol
e a terra seja franca de preconceitos e dogmas.

Que traga cada um bordada no peito
a flor matricial da sua liberdade.

EQUAÇÃO

Quando a manhã acorda nos meus olhos
já a tarde anoitece na minha alma.
Tenho o tempo trocado como a terra
que roda sem saber seu desatino.

O tempo é um rio em perpétuo refluxo
até que um dia não haverá espaço
para mais um minuto de hesitação:
será o nada com pressa de chegar.

E a foz será apenas a metáfora
do rio do tempo que correu em vão,
já não haverá presente nem passado,
o futuro será o vórtice da noite.

Cada vida é uma gota desse rio:
tomai o cálice e bebei a solidão
até que a morte liberte a sede
e deslance o absurdo desta equação.

AUTOCARRO 31

Falam, falam alto
num vozear circulante
como se o silêncio lembrasse
uma viagem fúnebre,

enquanto eu procuro
dentro de mim a palavra
que cale esta dor súbita
tão funda no peito
de ver a noite cerrada
que soluça nos seus olhos.

No último autocarro, ao anoitecer
os passageiros falam, falam
com medo de morrer.

MAR-CEMITÉRIO DO MEDITERRÂNEO

Não gosto de metáforas cortantes
gume, lâmina, espada, grito,
prefiro os versos consonantes
com a minha natureza natural
aberta à floração como terra lavrada
rio, estrela, semente, sol.

Mas hoje ao ver mais um naufrágio
de foragidos da miséria e da guerra
que acrescentou centenas aos milhares de mortos
no mar-cemitério do Mediterrâneo
perante a indiferença ou impotência
da Europa dos direitos humanos,

não tenho outra forma de afogar a ira
por este genocídio à vista de Bruxelas
do que afiar o gume das palavras necessárias
soltar as lâminas da indignação
desembainhar a espada da revolta
e gritar do alto da nossa vergonha rubra:

Salvem a esperança e evitem o naufrágio
da Declaração Universal dos Direitos Humanos
da Carta Social Europeia,
daquele mandamento sobre o amor universal
e do Sol que nos aquece desde o dia
em que nasceu a palavra liberdade.

CUIDAR DO FUTURO

Colho um fruto da árvore do tempo
limpo-o amorosamente do pó da vida
e ofereço-o a uma criança que sorri
para a clara manhã de azul celeste.

Come, meu menino, come este fruto
saboreia o Sol que o gerou
a terra-mãe donde nasceu
e a água que o fecundou.

Come, meu menino e cuida do futuro
todo o fruto traz um sonho em gestação.

O que é o futuro? pergunta a criança.
O futuro, meu filho, está no teu olhar
de onde se avista a esperança.

A MÃO DO HOMEM

Que pode a mão de Deus mais do que a mão do
Homem
essa mão intáctil, soberana,
se não sabemos sequer se Deus existe?

A mão do Homem é frágil mas tangível,
foi ela que moldou a natureza bruta
tocou a lua, mediu a velocidade da luz,
inventou o fogo, a roda, a alavanca
e tudo o que fez do homem gente
como a escrita que agora me permite
deixar exarado nesta folha de mim
o voto suspenso do regresso do tempo
que a mão do homem seja roda e alavanca
de um mundo justo e habitável
se o fogo da vida e a razão do fogo
romperam as trevas desta longa noite
e forem a luz de todas as luzes acesas,
o étimo em acto das palavras inadiáveis,
paz, pão e amor até à última estrela
para que se abra ao futuro a mão do Homem
e nela corram os rios nunca navegados,

para que na mão do Homem caiba o mundo
e no mundo caibam todos os Homens
na harmonia primordial de todos os dedos
da mão redimida de Deus.

UTOPIA

*No 5.º centenário da Utopia
de Tomás More*

O lugar impossível
que só o sonho alcança
e a vontade
quando é sonho e esperança.

Ancoradouro da vida:
Sísifo de chegada
e sempre de partida.

Utopia é ser e sentir
o pensamento em devir.

TRIÂNGULO

Eis o triângulo equilátero
o delta em movimento
homem paz fraternidade
vela de Sol ao vento.

Não é geometria.
Antes dela houve a vida o sonho
e a poesia.

PAPOLA

Não é tempo de rosas. O sangue
corre dos espinhos. O ramo que te dei
era de lírios e cravos,
brancos e vermelhos, água e sangue
em partes iguais: assim é a vida.

Quando a morte se anuncia
as flores rejuvenescem
na tristeza silenciosa da noite
na taciturna luz da alva ausente.

Quando eu morrer
só quero os cravos de Abril
e na lapela
a humilde flor da infância,
uma papoila
vermelha.

FOME

*... afinal o que importa não é haver gente com fome
porque assim como assim ainda há muita gente que
come.*

Mário Cesariny

Grassa a fome em Portugal
como um fogo à solta
Fome!
Fome de justiça e pão:

Não há força que dome
as labaredas
desta indignação,

desta indignação!

SONETO

Que venha agora oh minha velha musa
um poema feliz para celebrar
mesmo no metro que já não se usa
o Sol desta manhã a levedar,

e que Pitágoras trace a hipotenusa
daquela retidão triangular
que faça regressar à alma lusa
a alegria afogada neste mar,

e venham todos à praia ver as naus
e a marinagem a levantar os mastros
do futuro que está a amanhecer,

que eu poeta vou caçar pardaus
como Sá de Miranda e ver os castros
onde vicejam flores para te oferecer.

INTERROGAÇÃO

Porque te escreves nesta pedra tosca
com o cinzel dos teus versos
e os burilas até calares a dor
se ninguém te lê nem tu próprio
por indiferença ou pudor?

Acreditas que alguém um dia
arrancará da sombra e do silêncio
estes poemas de amor?

EVOCÇÃO EM REDONDILHA

Nas árvores do meu quintal
já não canta a primavera
mas há ainda um pardal
que alimenta a quimera

de me sentir como outrora
pássaro no meio da folhagem
criança feliz sonhadora
com asas de sol e coragem

a colher frutos maduros
para dar aos outros meninos
sonhos de outros futuros
caminhos de outros destinos

que continuam à espera
de novos tempos e modos
e daquela Primavera
que traga frutos a todos

QUATRO ELEMENTOS

No ar fresco da tarde
descubro a melodia da palavra

no doce cantar da água
é que o teu sorriso é navegável

nos braços ávidos do fogo
é que a cinza dos dias arrefece

na terra-mãe seiva da vida
é que a palavra renasce

LÍNGUA

A minha língua foi adulterada
por estrangeirismos bárbaros
rating, swaps, default, offshores...
e por palavras rebarbativas
alavancagem, mercado, competitividade
poluindo a doce fala lusa
de ímpias amargas ressonâncias.

Esta língua não é a minha Pátria.
A minha língua é o português universal,
a minha Pátria é a língua do meu Povo
arejada pela brisa de todos os mares
e regressada à origem com suas vogais intactas.

Não precisamos de estrangeirismos
nem de neologismos bacocos
eu prefiro a língua de Vieira e Aquilino
ao linguajar das bolsas e mercados,
não gosto do sotaque capitalista.

CAMINHO

No final deste caminho
há de haver algo ou alguém
que me dirá de mansinho
finalmente amigo vem.

E então já sem temor
sinto o amparo de outra mão
que me aperta com calor
bem-vindo sejas Irmão!

E outra voz encantada
dá sentido ao seu carinho:
acabou a caminhada
não acabou o caminho.

POESIA

A poesia é a vida em estado puro
suspensa entre o dia e a noite
a terra o céu o mar
que só o vento segreda
ao acordar.

É como um pássaro pousado
no sonho do nosso olhar.

Foi assim
quando o sol
pousou nos teus cabelos
e tu sorriste
só para mim.

ESTA LUZ

Esta luz que se apaga e reacende
e levanta fugaz asas ao céu
para de novo se lançar no breu
e outra vez luzir como um duende,

esta luz que a minha alma não entende
e ainda agora em mim se acendeu
mas que logo na bruma entristeceu
como um sino que soa e se arrepende,

esta luz que me chama e logo cala
o verso naufragado na distância
e regressa sulcando a emoção,

é mensagem cifrada que me fala
em forma de soneto, amor e ânsia
– mistério do poema em construção...

MAR DA INFÂNCIA

Vim despedir-me do mar
meu sonho navegante: partir
à procura do tempo de ancorar.

Mar da infância, de Ulisses e de Gama
mar aventureiro português
há um barco perdido que me chama.

Deixarei meus passos na areia
meu rosto na inquietude da águas
e um sorriso bordado em lua cheia.

O mar é o espelho azul do céu
que reflete as estrelas e ilumina
os cinco pontos cardeais:

é este quinto caminho
na enseada dos meus versos
que será finalmente o nosso cais.

À BEIRA DO RIO

Sento-me à beira do rio. Agora
já não atravesso a ponte
nem alcanço a substância das coisas.
O meu horizonte acaba
na orla da própria sombra.

Sento-me à beira da tarde
à beira do poema e de mim
à beira da morte e penso
que o rio é a metáfora da vida.

Olho a corrente com a ternura acesa
da nascente. Não está longe a foz
mas ainda vejo nas águas
nítida como um sobressalto
a minha imagem e a tua
enlaçadas a dizer
que a vida continua.

PET-RM

Já nada é só meu. O corpo
foi devassado por feixes de prótons
que me escrevem por dentro
no computador hospitalar
para decifrarem a grafia
e conhecerem o epicentro exato
da doença que me dói e anuncia
irrevogável o cansaço da vida.

Estou escrito, analisado e retratado
até à infinitude do último próton.

Já nada tenho de oculto. A própria alma
está exposta como roupa branca
no estendal ao vento dos meus livros.

JÁ FUI MAR

Já fui mar, paquete, rebocador
marinheiro à proa da viagem,
agora sou barco a remos
sem remos nem remador,
perdido na voragem.

Já fui montanha, pico, cordilheira
navegador de horizontes,
agora sou erma planura
erva humilde rasteira
onde não correm as fontes.

Já fui árvore, ramo, primavera
pássaro livre a cantar,
agora volvi outono
folha caída à espera
do seu tempo de voar.

NA TARDE DESTE INSTANTE

Estou sentado na tarde deste instante
neste tempo adormecido
nesta partícula do tempo que me coube
e se esvai como névoa nos meus olhos

estou sentado à mesa antiga e penso
que o tempo passa com as pessoas
que passam na rua e dizem adeus
adeus talvez para sempre
porque o tempo é a ilusão efémera
que eu tenho de existir enquanto vivo

por isso desta cumeeira dos oitenta anos
desta montanha minha doce mágoa
avisto o horizonte circular onde convergem
todos os passos todos os gestos e palavras ditas
que são memória e consciência de mim

e fico triste por me sentir à beira da falésia
na linha quebrada sobre o mar incógnito
e atrás de mim todos os caminhos andados
e fico feliz por compreender agora
a indefetível razão das coisas
humana condição meu rio que canta
até que a luz apague
a tarde deste instante

28 de janeiro de 2016

POEMA INACABADO

(Fragmento)

e assim por entre cinzas e silêncio
vou chegando ao termo da viagem
equinócio sem retorno, árvore
fustigada pelo tempo, pela hesitação
de um verso ainda por abrir,
livre como nas correrias da infância
que se prolongavam para além da fadiga
como hoje os passos e o olhar
se prolongam para além da dor,
para lá das sombras,
dos sonhos desfeitos e dos caminhos,
dos inumeráveis caminhos da dúvida,
por isso me escuto e me interrogo
na sucessiva crepitação dos dias
nas palavras necessárias e urgentes
de que vos tenho repetidamente falado
o amor, a liberdade e a esperança,
mas falta-me ainda a palavra exata
para dizer aquela virtude que não se escreve
apenas se sente e soletra
intima(na)mente
como uma oração ou um poema,
talvez a possa sugerir ou figurar
num barco alado navegando o futuro
ou num pássaro de luar e fogo
ou numa flor de luz desfolhada
sobre o clamor dos oprimidos, sobre
a terra quente da ternura da morte
e o rio que chora em mim
como ao longe o mar em trevas,

afinal nada nos pertence, apenas o futuro,
o tempo continua à espera
que a esperança o liberte,
que o amor o redima,
falta-nos porém a palavra e o número
onde o Sol emerge e a essência retoma
a última estrofe da vida,

talvez o Homem finalmente lúcido
encontre um dia a chave do mistério
na mão fechada de Deus
e descubra a palavra perdida
o elo intemporal da cadeia que

LÁPIDE

(Poema da contra-capas)

Deixo-vos esta lápide partida
esta dúvida de não saber
se cumpri o meu destino de poeta

É assim a vida
suspiro de luz a entardecer
curva do tempo em linha reta

e a poesia
o vértice da ferida
ângulo raso de outra geometria

SOBRE A POESIA DE ANTÓNIO ARNAUT

António Arnaut, o poeta António Arnaut, escolheu a mais sublime forma de ajudar o mundo a ser melhor: o ato poético, o ato de criação. Talvez por isso, o homem e o político sejam um exemplo do que deve ser um combatente da liberdade. É na transformação de cada um de nós que a poesia se torna um coletivo.

Joaquim Pessoa

(do Prefácio a Do Litoral do Teu Corpo, 2003)

ANTÓNIO ARNAUT

E A SEIVA AMOROSA DE CADA VERSO

(...) Este imaginário ligado à ruralidade e à terra encontra-se disseminado por toda a obra poética de António Arnaut, sendo, aliás, um dos traços que mais o aproximam da poesia de Miguel Torga, que constitui provavelmente a sua referência literária preferida, a par de outras como poesia trovadoresca, Camões, Fernando Pessoa (ortónimo e Álvaro de Campos), ou ainda a tradição clássica, evocada já ao longo deste estudo. (...)

É interessante notar que a imagem do rio é muito frequente em António Arnaut, pela ligação à força vital da água, à mudança e evolução contínuas. Ainda assim, só muito raramente o poeta faz com que o rio desemboque na foz, talvez por isso querer significar que o rio realizaria o seu destino por completo. Ora esta simbologia do rio parece estar ao serviço do que atrás se disse sobre a noção de um Tempo presente, parado e sem futuro, sem alento para cumprir desígnios que vão além de simples interesses

imediatos. Em vez da foz, António Arnaut prefere quase sempre o regresso à pureza das origens, ao «alento germinal da sua fonte»...

(...) não se pode também deixar de referir que, na poesia de António Arnaut, se vislumbra sempre, em pano de fundo, a eterna sedução de quem encontra na poesia uma forma ideal de criação artística. O papel fecundante do logos, ordenador do caos estéril, aparece muitas vezes combinado com o telurismo orgânico e estrutural do autor, em momentos em que refere o «sopro da emoção» ou «as flores e os frutos da palavra feita arado», (...)

Delfim F. Leão

(Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Boletim de Estudos Clássicos, Coimbra, Dezembro de 2008.)

EDIFICAR — O PROJETO E A LUZ

Não se pode depor sobre António Arnaut sem que assome de imediato, e sem necessidade de coincidência ideológica, o imperativo de testemunhar a admiração pela figura cívica, pela coerência generosa e pela inteligência voluntariosa da sua intervenção no espaço público. Mas isso não deve deixar na sombra a sua realização literária, nem minorizá-la como ocasional e evasivo *violon d'Ingres* do cidadão com altas responsabilidades profissionais e políticas.

António Arnaut impõe-se como escritor em corpo inteiro, com longa trajectória, produção intensa e publicação assídua, que cumpre uma vocação insofismável e responde até a um impulso de discurso incoercível, com seus riscos estéticos da sobreabundância emotiva e verbal, a que sabe contudo obviar com resguardo da cifra poética na estrutura de solicitação à resposta do leitor («só esta forma oculta de dizer / por palavras outras que recusam / desenhar o rosto das esfinges»).

A dicção de António Arnaut, que vai congenitamente dando expressão à ficcionalidade poética e narrativa, tende pendularmente para a dominante moderna da forma breve, contida, inovadora e trabalhada, mas num quadro

global de sístole e diástole entre pendor de derrame eloquente e de condensação aforismática — até lances de profetismo lapidar, «na angra do sonho», em que «o futuro não tem véspera». (...)

Através de «tantas páginas escritas com o cinzel da verdade», o étimo da obra, como diria Leo Spitzer, é o projeto de edificar — no plano social e no plano antropológico, no plano ético e no plano ontológico. Projeto que, tendo-se constituído em cerne da simbologia de *Nobre Arquitetura* (1997), continua a anunciar-se na escolha e na inscrição dos intertextos epigráficos (v.g. no pórtico de *Iluminuras*), continua a confirmar-se nos paratextos autorais, continua a estruturar o imaginário e a semântica de refontalização responsabilizante e motivadora nos contos e nos poemas (não só «A Casa», mas todos os semas e imagens que *Alfabeto Íntimo* recorrentemente gera em torno de instrumentos e processos de construção).

Edificar para a Luz «Há um sinal ou um aceno /.../ para a Grande Iniciação», ensina o Mestre de *Iluminuras!* (...)

José Carlos Seabra Pereira

(*Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.*

Do Prefácio do livro *26 Poemas 26 Pinturas*,

Ed. A Previdência Portuguesa, Coimbra, 2014)

(Página deixada propositadamente em branco)

TALVEZ AINDA OUTRA PRIMAVERA

INÉDITOS (2017)

Sou da terra e do mar como as gaivotas
mas não fujo das tempestades
nem da ira do mar quando as marés
mostram ao céu a sua rebeldia.

Sou filho da natureza, irmão
das ondas e do vento em sobressalto
mastro ainda levantado
daquele barco que partiu um dia.

Do que eu gosto
é de ver nos teus olhos limpos
a limpidez da voz que me fala

e de sentir como um perfume
o calor que o teu sorriso exala

antes que a noite venha
acender o nosso lume

Procuro a luz
fraterna e limpa
de todas as sombras
redimida.

A luz que emerge e canta
a profunda
augusta essência
da vida.

* * *

Einstein tinha razão:
mil milhões de anos depois
ondas gravitacionais chegaram à terra
e escreveram
pelo seu próprio punho
o mais belo poema da Natureza.

Agora posso viver o futuro
retroativamente.

Revisito Álvaro de Campos e fico expectante
no cais deserto da Ode Marítima
a olhar ao longe o fim do rio
onde lentamente o sol entristece
a tarde ilusória deste instante,

nos olhos um veleiro ou um navio
na mão indecisa o sextante
à procura do lugar
onde o Indefinido
é o poema sempre a decifrar
o nevoeiro deste tempo foragido.

LÁGRIMA

Furtiva e leve
uma lágrima cai
como folha triste
na mão que escreve.

A mão desiste
e o poema chora
sua vida breve.

GÉNESE DO POEMA

A palavra desperta a noite. É primeiro um vago rumor, etéreo como um sonho da infância, e depois uma música longínqua de outras reminiscências. Escuto o súbito segredar da boca nos teus lábios, o promissor aceno do desejo e aperto as mãos de volúpia ao longo do teu corpo quente. Sei que sonho. Um sonho ágil de asas luminosas. Sinto o lençol cada vez mais branco como a folha do poema que me chama. Busco em mim outras palavras para confortar o primeiro verso. Elas surgem, indecisas, frutos da mesma árvore despida da hora certa. Agarro-as para não fugirem. Falta ordená-las para ver se colhi um poema de amor ou um novelo de nada.

* * *

O corpo hesita à beira do fim
cansado da longada.
Os olhos vagueiam tristes
na distância parada.

Sem rumo, o pensamento
perde-se no vazio.
Só um verso vem ainda
acender o pavio,

como um afluyente vivo
o leito morto do rio.

Agora os versos saem-me rimados,
alquimia sonante das palavras
cavalos que vêm comer à mão
domesticados.

E eu que gosto de escrever
em verso livre sem peias
deixo o poema bater
como sangue vivo nas veias.

O BUSTO

Na emoção fraterna da manhã
o inusitado aconteceu:
descerraram o busto
e o rosto era o meu!

Ali fiquei
naquele recanto do jardim
a olhar o rio, a cidade,
e a sorrir de mim
para a posteridade.

Sereno, o Mondego
inundou-me de paz
e sossegou
o meu desassossego,

e os amigos, confusos
perante o rosto altivo
olhavam-me de soslaio
para ver se estava vivo.

4/7/2016

CAMPEÃO EUROPEU DE FUTEBOL

Portugal, campeão europeu!
O País sofreu
mas levantou a taça
à altura infinita
do próprio céu.

Foi outro milagre de Ourique
e outra vez
o orgulho chique
de ser português.

Se não temos outro pão
nem outro sol
fique ao menos a alegria
de ser campeão de futebol!

O NOVO IMI

A paisagem já paga imposto!
E eu que gosto
como de um cravo na lapela
de ver da janela
o rio, o céu, o Sol, o mar
e uma vela ao longe
a regressar,
passo agora o tempo na varanda
a gozar a paisagem
enquanto o imposto de horizonte
não é cobrado na fonte.

NO AUTOCARRO

Deu-me hoje uma grande tristeza
que me apeteceu morrer.
No entanto
o céu está limpo e o sol aquece
a natureza em sua luxúria natural.

As pessoas passeiam aparentemente felizes
e o autocarro vai ruidoso como de costume.

Tomo o meu lugar como se fosse inverno
mas não tenho fogo para acender o lume.

COMO ANTIGAMENTE

Mergulho na saudade do mar
e sento-me na areia
como antigamente.

A brisa fresca da tarde
beija-me o corpo e a mente,
espuma da imaginação.

Deixo-me sonhar
e tomo na minha a tua mão
como antigamente.

MAR DA INFÂNCIA

Mar à vista! Um ano depois
da outra despedida.
Tenho os olhos rasos de água e a alma
magoada pela iminência da partida.

Sento-me na areia como outrora
e deixo afogar a minha ânsia,
este mar é a única paisagem
ainda imaculada da infância,

mas já não tenho barcos nem veleiros
ao vento da memória a navegar,
meus olhos fechados, marinheiros,
de sonhos que se esfumam devagar,

como este poema agora escrito
mentalmente nas ondas deste mar.

DÍSTICOS AO FIM DA TARDE

Este navio encalhado
que verbo conjugará?

E este velho que tropeça
na sombra de cada passo?

E esta árvore onde cantam
os pássaros da madrugada?

E eu que verbo conjugarei
neste frio entardecer?

Todos conjugamos o infinito
futuro do verbo morrer.

LIBERDADE / VIDA

Aos oitenta anos ainda se ama
a liberdade e a vida.

A liberdade é o espaço de ser eu
que confina com a liberdade de todos
onde vicejam as flores dos amanhãs que tardam.

A vida é a dor dos dias cessantes
a corroer-me incessantemente
até a última respiração do poema.

Mas é também este Sol, este mar
este pássaro que canta, esta criança
que deixa voar seu balão vermelho,

e os teus olhos que sorriem verdes
ainda verdes
como há sessenta e quatro anos.

Ouve, poeta
estás velho e doente
é tempo de pousar a caneta.

Os teus versos saem doridos
de cansaço e tédio.

A vida é assim
não tem remédio

senão

esta sombra que avança
sem remissão.

E, no entanto

a vida é tua

enquanto um verso bater
no teu coração.

DECIFRAÇÃO

Antes de estar escrito, o poema
está na mente em ebulição.
Sento-me à mesa e procuro
encontrar na folha indefesa
o rosto invisível de cada verso
e fazer a sinapse dos sinais
a conjugação das sílabas, o sulco
que a própria busca
faz emergir da inquietude
das mãos que tateiam e sentem
a harmonia dissonante das palavras
pouco a pouco tornadas soletráveis,

cascalho fulvo do rio
onde às vezes encontro perdida
uma pepita de ouro, verso, emoção
que alumia e reencontra
o seu lugar predestinado
no poema em decifração.

GEO-METRIA

Se traço uma linha ligo uma sucessão de pontos.
Se escrevo um verso ligo um conjunto de letras.
Cada letra é um ponto(.) na linha do pensamento,
o poema é uma geo-metria secreta de palavras.

Escrevo esta quadra como quem desenha um quadrado.
Também o poema traça a emoção que o escreveu.
Deus, O Grande Geómetra, não sabia pintar
e encheu de beleza a infinita tela do céu.

TALVEZ AINDA OUTRA PRIMAVERA

Não procures mais a fórmula poética
de dizeres o teu amor pela vida
a tua crença nos dias prometidos
que fecundarão a terra e amansarão
os homens e os ventos.

O tempo não guardará nenhum dos teus versos
e já não tens palavras para renovar as fontes
nem voz que conforme o protesto dos rios,
o outono está a chegar e a morte espera
todos os dias a noite dos sentidos.

Talvez ainda outra primavera
te deixe atravessar a ponte e escrever
a estrofe que falta ao poema inacabado,
a vida habita em cada margem do tempo
e o Sol nasceu hoje com um sorriso vindouro.

COIMBRA

Olho a cidade, o rio, o parque verde
que o sol pinta de beleza casta,
minha vida, meus afetos, meu abraço
oh Coimbra deixa que adormeça
para sempre feliz no teu regaço!

Demoro o meu olhar e saboreio
a luz a despedir-se das vidraças
é a alma da cidade onde me deito
vozes antigas, viva nostalgia
de um cantar de amigo no meu peito,

que me dita este poema ao fim da tarde
no fim da vida que ficou dispersa
nesta paisagem de luar ao vento
minha juventude sempre renovada
presente do passado em movimento.

Por que me sai às vezes o poema
em verso livre, amotinado
como se cada verso
fosse a liberdade galopante
de um corcel alado?

E por que outras vezes me desperta
como ovelha mansa a pensar
num prado verdejante
bordado de luar?

O poeta não escolhe o tempo
nem a forma de dizer o que sente,
o sentimento é que dita
o modo de cantar a vida ausente.

ROSÁRIO

Conto os dias como quem reza
as contas de um rosário
imaginário
do tempo que me resta.
Cada conta é um novo dia
e uma festa.

Mas como não sei rezar
faço de cada avé-maria
uma oração profana
ao mistério da vida
e da poesia.

HALO

Aconteceu-me um verso, mas não veio
o resto do poema, a substância,

e o verso ficou órfão
como um halo de luz em transumância.

DOIS BUSTOS!

Ao juízo do tempo e ao sol exposto
na curva incessante desta idade,
és o símbolo e o rosto
do Serviço Nacional de Saúde
em dois bustos da cidade!

Estranha sensação de te ver assim
no bronze de um pedestal
árvore plantada no Jardim
cravo de Abril na cerca do Hospital.

Por teu velho amor cativo
já és póstumo ainda vivo.

Coimbra, 15/9/2016.

HERANÇA

Filhos que deixo de carne e osso
poemas que deixo de carne viva
netos que levo no sabor do nome
amigos que ficam sem dizer adeus,

e a esperança que deixo repartida
minha herança toda, minha vida.

ATÉ AO CANSAÇO DO TEMPO

Escreve.

Escreve ainda outro poema
e outro mais até ao cansaço do tempo,
joeira as palavras e lança
sobre a terra ferida
sobre a noite dos teus dias
esses grãos de luz, esses segredos
que escorrem incessantes
da ternura dos teus dedos.

Escreve.

Escreve sempre e procura
o sulco, o rumor, aquela rima
que ressuma gélida, absurda
da orla do vento norte,
tua forma íntima de recusar
a iminência da morte.

INSÓNIA

Nas noites altas de insónia
correm sombras arruídos
como novelas sarcasmos. A vida
veste-se de absurdos iníquos
atravesso uma infindável latrina
com um ramo de flores na mão
agito-as contra o vento contra a raiva
de uma árvore movente incendiada
corro sobre as cinzas e de repente
estou perdido num lugar incerto
estou descalço de medo absorto
numa rua gelada de fuligem.

Um gato preto mia impiamente
levanto-me para açoitar as sombras
sossegar o tumulto procurar a rima
e um gato verdadeiro
foge espavorido rua acima.

VENHO DE LONGE

Venho de longe e vou onde me chama
a harpa do poema seu cantar antigo,
os campos reverdecem nos meus olhos
semeados, meu amor, de luar e trigo.

As fontes voltam à ternura cálida
da nossa nudez redescoberta
não há fruto proibido e o paraíso
é este sol na tua mão aberta,

que acena como quem liberta o vento
e me afaga os sentidos, o sentir
da minha fome ainda meu sustento,

palavras que escrevo no caminho
onde me leva o fogo que incendeia
as estrelas que dormem no seu ninho.

NA ORLA DA FLORESTA

Estou a esquecer-me das palavras
e da fisionomia das coisas. A idade não perdoa
às águas passadas sua fuga insone,
ontem, por exemplo, ao encostar-me a uma árvore
senti o calor da seiva, o murmurar dos ramos,
pensei que eras tu mas não sabia o teu nome
e chamei-te querida flor silvestre,
tu não respondeste mas sorriste
tomando a minha mão como antigamente,

Vamos, poeta, a vida entardece e amanhã demora,
de modo que nos sentámos os três
na orla da floresta — ou seria
num deserto de sombras enlaçadas ? —
e ali ficámos, peregrinos à espera,
nesse espaço de luz rasgado no tempo,
que a noite viesse mansamente
como um pastor tocando a sua flauta
para o sol adormecer.

SUBINDO A LADEIRA

Vou subindo a ladeira e olho a paisagem
para ver se é dia ao longe.

Aqui a ocidente o sol não brilha
talvez alguém do outro lado do mar
o tenha furtado com suas mãos avaras
com suas garras de novo Drácula
e o saboreie por muitos anos de gula
até que outro solstício nos traga
a verdadeira luz e o calor
da fraternidade universal.

Estendo a mão e sinto a sua presença
nas sombras que murmuram assustadas
na dor persistente no hálito do tempo
e até no olhar que me fita
expectante do outro lado do espelho.

Sinto-a mas não a receio
pressinto-a mas não tento escapar-lhe
apenas adiar o momento absoluto
do encontro programado com o mistério
com o rosto de noite definitiva
esse inevitável momento de consumação
do ser em si como chama breve.

Sou um servo que protesta contra a potestade
contra o vento que acende e apaga o lume
contra o absurdo do nascer
condenado à morte perpétua.

Ninguém está preparado para morrer.
Ninguém está preparado para deixar de ser.

PALAVRAS DESAVINDAS

Esta areia movediça que me sopra
da fundura oceânica da noite
este vento suão que me segreda
a fala oculta deste entardecer

esta nuvem que me circunda os olhos
e assoma de longe ao pensamento
como um céu de fogo uma saudade
das auroras suspensas dos beirais

este vinho que desata os nós e ateia
o verso indomado em sua longa noite
e bebe a seiva das vozes em surdina
de boca em boca minha doce cítara

esta febre de ser e de sentir
a vida a esvair-se como um silvo
dum vapor lentamente a naufragar
maré vazante de todos os queixumes

é que guia a minha mão sonâmbula
sobre a escrita dos dias que me restam
e conjuga as palavras desavindas
à tona do silêncio amotinado

infinito vazio que me enche de nada
e de tudo neste exílio onde me escrevo

Sacudo da cabeça os últimos afagos da brisa,
do rosto as últimas gotas de chuva
dos olhos os últimos revérberos de sol:

que da terra floresça a última flor
onde colha o meu último poema.

Outro janeiro e outro aniversário.
Talvez ainda outra primavera
outro verão e outro inverno.
O tempo corre, corre e não se cansa.

Estou vivo.
Vivo e pulsátil
em todas as letras da palavra esperança.

(Página deixada propositadamente em branco)

Índice

A palavra certa	5
RECOLHA POÉTICA I (1954-2004)	9
Sobre a poesia de António Arnaut: aproximações	11
Caro leitor	17
Nota do autor à 2.ª edição aumentada	21
I - Do litoral do teu corpo	25
VERSOS DA MOCIDADE	
Madrigal.....	28
MINIATURAS	
Do litoral do teu corpo já não partem.....	29
Olho-me nos teus olhos. Não tem fundo	29
Na minha cama desfeita	29
Agora que disseste adeus para sempre	29
Suspensão como um lenço dos teus olhos.....	29
Estar ausente é não sentir a dor	29
No fundo da noite há uma árvore solitária	29
Do amor cantarei apenas tudo	30
Sábios foram os lábios que calaram	30
O sol incendia os teus cabelos	30
Sobre a branca almofada da ternura	30
Lençol, a folha branca	30

Como o primeiro pássaro que cantou	31
Amar!.....	31
Exaltação da noite.....	31
Uma banal gravata azul não tem segredos.....	31
As tuas lágrimas correm no meu rosto	31
Sou uma ilha no imenso mar da noite	32
OUTROS SINAIS	
Perdi-te para sempre e só me resta.....	32
Ausência, medida do tempo.....	32
Falo do vento.....	33
Deixo-te esta chuva em testamento	34
Não escrevas. As palavras	34
E agora dizes que o tempo se arrepende	35
POR ESTE CAMINHO	
Distância	36
Poema azul	37
O rumo e o leme	38
Geografia.....	39
Cinza	40
Soneto.....	40
As dunas sem memória.....	41
Solidão repartida	41
Lamento	42
Se eu soubesse.....	43
Acaso.....	44
Poema.....	45
Largo da Boa Esperança.....	46
AS NOITES AFLUENTES	
Mapa-mundi.....	48
Aurora	49
Esta voz que te chama.....	50
DO LITORAL DO TEU CORPO	
Canto inútil.....	52
Último poema.....	53
<i>Post-scriptum</i>	54

II - A palavra insurrecta	55
MINIATURAIS / OUTROS SINAIS	
Faça e desfaça.....	56
A liberdade é o que sobra.....	56
Na noite de servidão	56
Colhe a seara pelo verde.....	57
Fazer da esperança os elos da corrente.....	57
De repente.....	57
Devagar marcham os vermes	58
Quando toda a esperança for perdida	58
Teimosamente semeias.....	58
Na torre do re lógio o tempo sobra	59
Dar tempo ao tempo. Não ter pressa	59
Aqui jazem as flores antigas.....	60
POR ESTE CAMINHO	
Ervas daninhas.....	61
Furacão.....	62
Prostituta.....	63
Esta angústia	64
Tempo de não.....	65
Revolta	66
Não desistiremos	67
Liberdade livre.....	68
O meu lugar.....	69
Quando	70
Apelo.....	71
Receita para inventar uma estrela	72
Devir.....	73
Por este caminho.....	74
Legado.....	76
AS NOITES AFLUENTES	
Praia.....	78

Metáfora.....	80
A tarde desfolha o sol	81
Rua.....	82
Lixeira	83
Ato de desespero.....	84
Exaustão do tempo	86
Lavadeiras do Mondego	88
O dia chegará	89
Nada é impossível	90
III - Identificação	91
MINIATURAIS / OUTROS SINAIS	
Poeta insolvente, canta e semeia.....	92
Os meus antepassados eram cavadores.....	92
A praia é o horizonte da alga.....	92
Perdi a memória numa esquina de vento.....	92
Poeta do estro magoado.....	93
Sou uma ilha no imenso mar da noite	93
Poeta, decifrador da dor	93
Cada homem precisa do seu chão	93
A minha angústia é asa quebrada	94
Deixem-me sonhar, à procura	94
De sucessivos pecados me desfaço.....	94
E agora confesso	95
Quando chegares ao fim, volta ao princípio	95
A vontade ondulante dos navios.....	95
POR ESTE CAMINHO	
Redondilhas.....	96
Identificação	97
Vozes	98
Da penumbra da tarde	99
Castigo	99
Paisagem	100
A vida.....	101

Sombras.....	101
Agarra a vida.....	102
Taça dos desejos.....	103
O poema impossível.....	104
Cerco.....	105
Balada à beira do Mondego.....	105
Musa incrédula	106
Musa antiga	107
Tempo de visco	108
No princípio	109
Poema.....	110
O remorso das palavras	111
Poema.....	112
AFLUENTES	
Mondego.....	113
Todos os rios	113
Horizontes	114
Son(h)o	115
As mãos.....	116
Contradições.....	117
Não tenho avesso.....	118
IV - A construção do poema	119
MINIATURAIS / OUTROS SINAIS	
Assim te quero, poesia.....	120
Ousar a palavra.....	120
Descobrir a palavra secreta	120
Na fogueira ateadada do poema.....	120
Adverso é o verso que não rima	120
Agarra no ar o verso e dá-lhe um nó	120
Versos derramados	121
Vigília	121
Palavra a palavra	121
Volta	121

Que grito retesa o sangue.....	122
Assim te quero, poesia.....	123
POR ESTE CAMINHO	
A insónia do poema.....	124
Soneto.....	125
A palavra solar.....	126
Respiração dos deuses.....	127
AS NOITES AFLUENTES	
Poesis.....	128
Princípio.....	129
A angústia dos dias.....	129
A borboleta.....	130
O outro lado da noite.....	131
Clareira da noite.....	132
Quando escrevo noite.....	133
Fermento do poema.....	134
Aparição.....	135
Interlúdio.....	136
Sicómoro.....	138
Poema de outono.....	139
Do outro lado da tarde.....	140
Floresta da vida.....	141
Árvore tutelar.....	142
Morse.....	143
Há uma palavra à espera.....	144
Desperta a palavra.....	145
Lágrima perfeita.....	146
V - A única verdade.....	147
MINIATURAIS / OUTROS SINAIS	
Quando tudo acabar.....	148
Não sei qual é o mais efémero.....	148
Morrer é regressar.....	148

POR ESTE CAMINHO	
Entre o silêncio e a névoa	149
AS NOITES AFLUENTES	
Morte	150
Viagem	152
Caminhamos para a morte	152
O segredo da esfinge	154
Quando a morte vier	155
Quando eu morrer	156
Chuva	156
Espero-te	157
Enigma	158
Ciclo da Vida	159
VI - Pátria, memória antiga	161
I - PÁTRIA, MEMÓRIA ANTIGA	165
Pátria, memória antiga	166
Os meus heróis	168
Portucale	169
Portugal	169
A geografia	170
A paisagem	171
Os monumentos	172
As ermidas	172
Afonso I	173
As armas	173
Os títulos	173
A honra	174
A lealdade	174
A valentia	175
A glória	175
Peregrinação	176
A saudade	177

Hombridade	178
A paixão	179
A esperança	179
O milagre das rosas	180
João das Regras	181
Restauração I	182
O Marquês	183
Maria da Fonte	184
Era uma vez	185
D. Manuel II	186
5 de Outubro	187
A Ditadura	188
25 de Abril	189
As vozes	189
Cantiga de amigo	190
Camões	190
Fernando Pessoa	191
Miguel Torga	192
II - PÁTRIA, MEMÓRIA FERIDA	193
Pranto	194
Esta angústia	194
Meu país	195
Fogo	196
25 de Abril	197
A crosta da ira	198
Arremesso	199
Dia de Portugal	199
Glória efémera	200
Contraste	201
O deputado	202
As inscrições	203
Aos eurocratas	204
Protesto	206

III - PÁTRIA, MEMÓRIA À ESPERA.....	207
Pátria, memória à espera	208
Onde a memória acaba.....	208
Finalmente, amanhã	209
O encontro	209
Restauração II.....	210
Fogo antigo.....	211
Os rios	212
A espada	213
VII - Nobre arquitetura	215
I - NOBRE ARQUITETURA	219
Sei o teu nome.....	221
O verbo.....	222
Mestre.....	223
Acácia	223
Ritual.....	224
Construtores	224
Nobre arquitetura	225
II - VERBO INFINITO	227
Linha reta.....	228
Verbo infinito.....	229
Geometria	230
A oriente	231
Trilogia.....	231
Pedra-palavra	232
Décimo oitavo poema	233
O pão da palavra	234
A luz.....	234
Ângulo matricial.....	235
Lugar onde	235
III - AURORA TRIUNFANTE	237
Canto.....	238

Poema oculto.....	238
Rima absoluta.....	239
Exaltação da luz.....	240
Missão.....	241
Delta.....	241
Parar o tempo.....	242
Aurora triunfante.....	243
Árvore.....	244
Intérmino caminho.....	245
<i>Deus Meumque Jus</i>	246
VIII - O pássaro azul	247
Primeiro poema de Natal.....	248
Fogueira apagada.....	249
Escrevo natal.....	250
Tenho frio.....	251
Milagre.....	252
Oração (I).....	253
Oração (II).....	254
Música suave.....	255
Uma vez na Palestina.....	256
Uma vez.....	257
Natividade.....	258
Natal profano.....	259
Nesta noite.....	260
Poema breve.....	260
Todos os dias.....	261
A palavra.....	262
Regresso.....	263
Se Cristo voltasse.....	263
A Oriente.....	264
Amanhã.....	265
Dezembro.....	266
O pássaro azul.....	267

IX - Outros poemas	269
MINIATURAIS / OUTROS SINAIS	
Convalescente de tantos desatinos	270
Reincidir é ir de novo.....	270
Sem dono	270
Folhas mortas sobre a lama	271
Sozinho.....	271
Voa, borboleta	271
Oblíqua, a tarde	272
Sensual. o sino.....	273
A aranha desenha o desenho do tempo.....	273
Mão aberta, alma tensa	274
Súbito	274
Nada!.....	275
Pedras mortas. Silêncio jacente	275
Sobre a hera e o recado de outras eras.....	276
Entre o caos e o cais, o espaço virgem	276
Âncora de ouro. Ancoradouros.....	276
Terra!	277
Viver é ser verdade.....	277
No termo da distância é que lobrigo.....	278
Respiras em mim, vento conformado	278
Grande é o mar, a solidão e a noite.....	279
POR ESTE CAMINHO	
Anteu.....	280
Poema.....	281
Decifração	282
Árvore	283
Poema em branco.....	280
AS NOITES AFLUENTES	
Francisco de Assis.....	286
Pavilhão de Portugal / Expo 98.....	287
Uma cruz no coração.....	288

Poema.....	289
Tarde baldia.....	289
Semente.....	290
CANTO DE JOB	
Sobre os teus versos, só a eternidade.....	291
Adeus.....	292
Último poema.....	293
INÉDITOS	
Sempre.....	294
Os elementos do poema.....	295
As sílabas deste exílio.....	296
RECOLHA POÉTICA II (2004-2017)	297
Alfabeto Íntimo e outros poemas (2013)	299
A • Amor / Água.....	302
B • Beleza.....	303
C • Companheiro / Camarada.....	303
D • Deus.....	304
E • Esperança.....	305
F • Fraternidade.....	305
G • Gnose.....	306
H • Homem.....	307
I • Igualdade.....	308
J • Justiça.....	308
L • Liberdade.....	309
M • Mãe / Morte.....	310
N • Não.....	311
O • Obra.....	312
P • Pão / Pátria.....	313

Q • Quimera	314
R • Razão.....	314
S • Sol	315
T • Temp(l)o.....	315
U • Utopia	316
V • Vida.....	316
X • Xis.....	317
Z • Zero	317
Na idade em que estou	318
Metáfora.....	320
Pecado original.....	320
Montanha celeste	321
Poema.....	322
Pouco me importa.....	323
A seiva da fraternidade.....	324
Palpitar da seiva.....	324
Não tenho palavras	325
Poema.....	325
Poema.....	326
Portugal.....	326
Condenação	327
Recordação.....	327
A casa	328
Abrilecer	330
As minhas armas	331
A minha esperança em forma de soneto	332
Finalmente	333
Exortação	334
Viagem	336
Soneto intranquilo	337
Canção do mondego.....	338
Era um rio e chorava	339
Vinha vindimada	340

Desperta!	341
Mar da inquietação.....	341
Talvez	342
Iluminuras: adágios, incisões e reflexões (2013)	343
Na caminhada da vida	346
Trilogia.....	346
Sobre a eternidade e o infinito.....	347
<i>Post Scriptum</i> e um poema.....	348
Cavalos de vento: poesia e prosa (2014)	349
Cavalos de Vento	350
A construção do poema	351
O nascimento do poema	352
Ofício do poeta.....	353
Prece	354
Mar e sol	355
Verão.....	356
Eu podia ser uma árvore	357
Redondilha lusitana.....	358
Novo céu.....	359
Corpo renascido.....	360
Era um rio e chorava: 80 poemas para 80 anos (2016)	361
Memória.....	365
Que o meu espírito	366
Escrevo-me	367
Recomeço	367
Poema.....	368
Cinzas.....	368
Se eu fosse um deus	369
Rio que choras em mim	370
Três dísticos e um monóstico	371
Cigarro	371
Rosa vermelha.....	372

Poema sem nome	373
O quintal	374
A prosa da poesia	376
Alamedas de outrora	377
Palavras fátuas	378
Todos os dias	380
Chuva	381
Poema	382
Outro poema sem título	384
Evocação íntima	385
Saudades da juventude	386
Procura 1	386
35 anos depois	387
A eternidade não tem futuro	387
Rosa branca	388
Espelhos	389
Procura 2	390
Poema	391
Versos em 4/3/3	391
Rasto	392
O futuro em si mesmo	393
Abril em flor	394
Bucólica	395
Não te digo	396
Natal?	396
Ausência	397
Faz que a vida aconteça	397
Poema descarnado	398
Íntima luz	399
António	400
Regresso	401
Entardecer	401
Nesta noite	402
Era para ser um monástico	403

O meu país.....	403
Avenida da liberdade	404
Oculto geometria.....	405
Herberto.....	406
Memória do corpo	408
Aurora	409
Marchar, marchar!	409
Último grão	410
Uma flor e um sorriso	412
Recordação.....	413
Poema em ato.....	414
Pentagrama.....	415
Equação.....	416
Autocarro 31	417
Mar-cemitério do mediterrâneo.....	418
Cuidar do futuro.....	419
A mão do homem	420
Utopia.....	421
Triângulo	421
Papoila.....	422
Fome.....	423
Soneto.....	424
Interrogação.....	424
Evocação em redondilha.....	425
Quatro elementos.....	426
Língua	427
Caminho.....	428
Poesia	429
Esta luz.....	430
Mar da infância	431
À beira do rio	432
PET-RM.....	433
Já fui mar	434
Na tarde deste instante	435

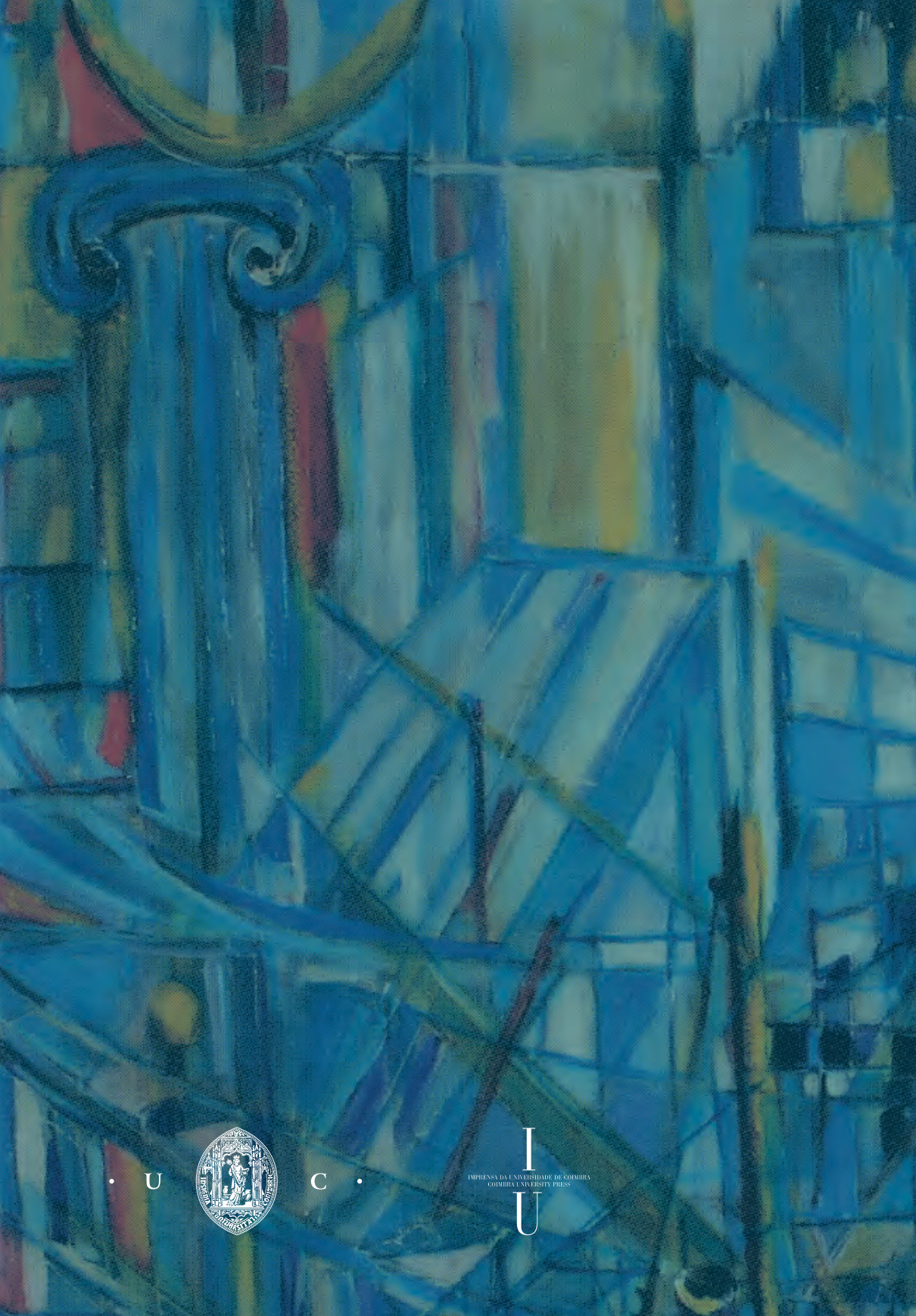
Poema inacabado	436
Lápide	438
Sobre a poesia de António Arnaut	439
António Arnaut e a seiva amorosa de cada verso.....	439
Edificar - O projecto e a luz	440
Talvez ainda outra primavera: inéditos (2017)	443
Lágrima	446
Génese do poema.....	446
O busto.....	448
Campeão europeu de futebol.....	449
O novo IMI	449
No autocarro	450
Como antigamente.....	450
Mar da infância	451
Dísticos ao fim da tarde	452
Liberdade / vida.....	453
Decifração	455
Geo-metria	455
Talvez ainda outra primavera	456
Coimbra	457
Rosário	458
Halo	459
Dois bustos!	459
Herança.....	460
Até ao cansaço do tempo	460
Insónia.....	461
Venho de longe	462
Na orla da floresta	463
Subindo a ladeira.....	464
Estendo a mão e sinto a sua presença	465
Palavras desavindas	466
Sacudo da cabeça os últimos afagos da brisa.....	467
Outro janeiro e outro aniversário	467

(Página deixada propositadamente em branco)

António Duarte Arnaut nasceu em 1936, em Cumieira, Penela. Advogado, político e escritor. Ativista contra a ditadura desde a juventude, membro da Acção Socialista (1965), candidato a deputado pela Oposição Democrática (1969), fundador do Partido Socialista (1973). Após a Revolução de Abril foi deputado, vice-presidente da Assembleia da República e Ministro dos Assuntos Sociais. É autor da lei que criou o Serviço Nacional de Saúde (1978/79), considerada a grande reforma social da democracia, o que lhe tem valido várias homenagens: Prémio Corino de Andrade, Medalha de Ouro dos Serviços Distintos e Prémio Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, Sócio Honorário da Academia Portuguesa de Medicina, Medalha de Mérito, ouro, da Ordem dos Médicos, além de outras distinções. A Universidade de Coimbra conferiu-lhe, por proposta da FEUC, o grau de Doutor *Honoris Causa* (2014), em reconhecimento da sua ação como impulsionador do SNS.

Foi Grão-Mestre da Maçonaria, Presidente da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem e do Conselho Regional de Coimbra da Ordem dos Advogados. Fundador e Presidente da Associação Portuguesa de Escritores Juristas. É agraciado com a Medalha de Mérito Cultural e Político do Município de Penela, Medalha de Ouro do Município de Coimbra e Medalha de Honra da Ordem dos Advogados. É condecorado com a Ordem da Liberdade (Grande Oficial, em 2004, e Grã Cruz, em 2016). No seu 80º aniversário, a Câmara de Penela deu o seu nome à Biblioteca local.

Estreou-se como escritor em 1954, mas só depois de deixar a política ativa (1983) é que pode dedicar mais tempo à escrita, sua paixão de juventude.



• U • C •



I
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U